

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM TEOLOGIA

KAUÊ ANTONIOLI PIRES

**A RESSURREIÇÃO DA CARNE COMO PRINCÍPIO DE ACOLHIDA DAS PESSOAS ENLUTADAS**

2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

KAUÊ ANTONIOLI PIRES

**A RESSURREIÇÃO DA CARNE COMO PRINCÍPIO DE ACOLHIDA DAS  
PESSOAS ENLUTADAS**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática.  
Linha de Pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo.

**Orientação: Prof. Dr. Frei Luis Carlos Susin**

KAUÊ ANTONIOLI PIRES

**A RESSURREIÇÃO DA CARNE COMO PRINCÍPIO DE ACOLHIDA DAS  
PESSOAS ENLUTADAS**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática.  
Linha de Pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Luis Carlos Susin (Orientador)

---

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes – PUCRS

---

Prof. Dr. Wilson Dallagnol – ESTEF

---

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me aproximou de seu amor através da ciência da Teologia, tornando cada vez mais claro de que a fé e razão não são distantes, mas andam juntas, assim como nos recordava São João Paulo II.

Agradeço a Arquidiocese de Porto Alegre, na pessoa do senhor Arcebispo Dom Jaime Spengler, que me oportunizou os estudos da pós-graduação em teologia.

Agradeço a PUCRS onde há mais de dez anos (entre intervalos) cursei meus cursos de graduação (Filosofia, Teologia e pós-graduação em Direito Matrimonial) e, onde agora concluo o mestrado.

Na figura do Decano da Escola de Humanidades, professor Dr. Draiton Gonzaga de Souza, agradeço ao corpo docente, aos funcionários, e, sobretudo agradeço pelo investimento oportunizado em meus estudos através da Bolsa do CNPQ/CAPES, dentro do Programa de Pós-graduação em Teologia.

Ao Frei Luis Carlos Susin minha gratidão eterna. Faço uso daquele provérbio espanhol: “Perdão; Ajuda-me mais; Muito Obrigado”. Perdão (por não corresponder tão bem como orientando); Ajuda-me mais (sua preocupação em todo período da orientação e cuidado para com minha pessoa, me ajudou mais e tornou-me melhor); e Muito Obrigado!

Agradeço a todos os meus colegas, de forma especial os Padres Rogério Zanini, Édilon Rosales de Lima e Diego Jobim Garcia que muito de perto me ajudarem e apoiaram em momentos para mim difíceis.

Agradeço aos meus familiares e amigos pela constância e fortaleza que me fizeram ter nestes anos de estudo. Recordo com muito carinho as Irmãs Carmelitas Descalças, do Mosteiro Nossa Senhora do Carmo, obrigado por suas orações em mais esta etapa na minha vida.

Por fim, não poderia deixar de agradecer aos paroquianos da comunidade Senhor Bom Jesus, na cidade de Porto Alegre, onde exerço a função de pároco. O exercício de caridade que tiveram comigo sabendo dos afazeres acadêmicos e pastorais foram louváveis. Peço que o Senhor Bom Jesus, que nos une no mistério da Comunhão dos Santos, derrame copiosas bênçãos sobre todos.

## RESUMO

Este trabalho trata da Esperança Cristã, virtude teologal pela qual os cristãos esperam uma vida plena depois da morte. A morte e suas consequências antropológicas afetam a todos os seres humanos. Por sua vez o cristianismo tem uma resposta a esse drama: o Mistério Pascal em Cristo Jesus. Contudo, devem ser levadas em conta também as questões de ordem antropológica que analisem o homem todo. Partindo do ser humano como pressuposto, compreendendo o artigo de fé sobre a Ressurreição da Carne e da Comunhão dos Santos, torna-se possível encontrar referências para que a pessoa humana não fique imersa na dor da morte, mas consiga, no seio da comunidade cristã, cultivar a esperança da vida eterna. Por fim, este trabalho busca encontrar a razão da esperança cristã, que não está no “aqui e agora”, mas que precisa da realidade presente como caminho de resposta à vida eterna.

**Palavras-chave:** Antropologia, Ressurreição da Carne, Comunhão dos Santos, Esperança Cristã.

## **ABSTRACT**

This work deals with Christian Hope, the theological virtue by which Christians hope for a complete life after death. Death and its anthropological consequences affect all human beings. Christianity has an answer to this drama: the Paschal Mystery in Christ Jesus. One must, however, take into account anthropological issues that account for the whole man. Taking the human being as a given it becomes possible to find references in the understanding of the articles of faith on the Resurrection of the Body and on the Communion of Saints that the human person is not immersed in the pain of death, but is able to cultivate the hope of Life Everlasting in the heart of the Christian community. Finally, this work seeks to find the reason for Christian hope, which is not in the “here and now”, but which needs the present reality as a way of answering to Everlasting Life.

**Keywords:** Anthropology, Resurrection of the Body, Communion of Saints, Christian Hope.

## ABREVIATURAS

CEC	Catechismus Ecclesiae Catholicae
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora
DH	Denzinger-Hünemann
EG	Evangelii Gaudium
LG	Lumen Gentium
SC	Sacrosanctum Concilium
SCAr	Sacramentum Caritatis
SS	Spes Salvi
STh	Summa Theologica

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. MORTE: A EXPERIÊNCIA RADICAL DA FINITUDE HUMANA.....	12
1.1 Morte: antropologia de passagem.....	15
1.2. Morte: contexto histórico.....	18
1.3. A morte e o medo .....	20
1.4. Morte: dor e luto.....	23
1.5. Morte: luto em situações difíceis.....	29
1.6. Morte e Resiliência.....	32
1.7 Morte: esperança cristã.....	35
2. ESPERANÇA CRISTÃ: CRER NA RESSURREIÇÃO DA CARNE.....	37
2.1 A morte de Cristo .....	38
2.2. Ressurreição no Antigo Testamento .....	39
2.3. Ressurreição no Novo Testamento .....	44
2.3.1 A Ressurreição nos Evangelhos.....	45
2.3.2 Ressurreição da carne nas Cartas de Paulinas.....	47
2.4 Ressurreição da carne na Tradição da Igreja .....	48
2.4.1 A Ressurreição da Carne e Patrística.....	49
2.4.2 Ressurreição da carne nos Símbolos da Fé.....	50
2.5. Ressurreição da carne: Concílio Vaticano II.....	54
2.6. Ressurreição da carne: Magistério e Teologia.....	58
3. O CAMINHO DA ESPERANÇA CRISTÃ PARA OS ENLUTADOS .....	65
3.1. O Purgatório: Espaço de Esperança e Purificação.....	65
3.2. Esperança cristã: o Artigo de Fé da Comunhão dos Santos, a Partir da Sagrada Escritura .....	70
3.2.1. Comunhão dos Santos nos Santos Padres.....	73
3.2.2. <i>Comunhão dos Santos no Magistério</i> .....	76
3.3. Esperança Cristã e sua Relação com os Sacramentos .....	81
3.3.1 A Esperança Cristã e o Batismo.....	81
3.3.2 A Esperança Cristã e a Eucaristia.....	84
3.3.3. Esperança Cristã e os Sacramentos de Cura .....	86
3.4. A Esperança Cristã a Partir do Ritual de Exéquias.....	89
3.5. Esperança Cristã Fonte de Acolhida e Evangelização.....	91
3.5.1. Formação Para Uma Verdadeira Esperança Cristã .....	93
3.5.2. Esperança Cristã na Realidade da Comunidade de Comunidades.....	94
CONCLUSÃO.....	96



## INTRODUÇÃO

“Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, da qual homem algum pode escapar<sup>1</sup>” (São Francisco de Assis), “morro porque não morro<sup>2</sup>” (Santa Teresa de Jesus). Os místicos cristãos trazem na sua experiência pessoal marcas de eternidade, a tal ponto, que na sua busca constante de intimidade com Deus, se necessário for desejar morrer, que assim aconteça. A morte para os místicos é encontro, mas não só para eles, para todos os cristãos a morte é encontro, ou melhor ela é Páscoa: passagem da morte, para a vida eterna. Em tempos de relações líquidas, em tempo que a evolução da ciência alcança novos patamares, o ser humano tem uma expectativa de vida maior, o tema da morte passou de um fato real e concreto, para um fato distante.

A morte existe nos seus mais diversos motivos: natural, doenças incuráveis, ocorrências de trânsito, violência dos mais diversos tipos, etc. Porém é possível perceber uma contínua desvalorização, ou uma exclusão da ideia de morte. Na prática pastoral da celebração de exéquias os ministros ordenados e os leigos anunciam o *Evangelho da Esperança*, como caminho de sentido de vida plena, como processo da vida humana que recebe, configura uma nova realidade. Contudo junto de alguma forma, a visão econômica e a liquidez das relações geraram uma “alternativa” ao luto, sobrepondo uma série de ações, reações, vivências da morte, do velório, depois do enterro, para um amortecimento dos sentidos. Há como que uma fuga do sentimento de perda. Através de diversos mecanismos, existe a busca para atenuar (por vezes quase zerar, se é que é possível) a dor da família com a realidade da morte, enquanto a morte é um processo humano, que precisa ser vivido, concretizado e assumido na vida. Aqui a fé cristã auxilia no processo como um caminho de esperança a cada pessoa, que precisa crer e construir a perspectiva da vida eterna.

Olhando a vida humana, a partir de sua biologia vemos que a realidade do fim de uma etapa, o fim de um ciclo, se realiza na história cotidianamente. Na natureza, os seres biológicos tem ciclos de morte (as árvores para produzirem seus frutos; a renovação de uma porção de terra para uma nova produção); as estações são vida e morte. Do ponto de vista da psicologia é possível perceber o ser humano que passa por momentos de luto e vida nova (da infância a adolescência, a vida adulta, a opção vocacional, a saída da casa dos pais, conclusões de etapas – primeiro emprego, faculdade, conquista de algum bem); no campo da psicologia atual é

---

<sup>1</sup> SÃO FRANCISCO DE ASSIS: obras completas. p. 70-72.

<sup>2</sup> SANTA TERESA DE JESUS: obras completas. p. 956-962.

possível analisar o retardamento ou fim de algumas dessas etapas, tendo como consequência, a não compreensão da realidade do fim, e mesmo da morte. É necessário lembrar que além de todas estas situações, há ainda uma grande evolução científica, a chamada Revolução 4.0<sup>3</sup>. Contudo, todas essas perspectivas não são a morte, podem levar a compreensão de finitude, mas concretamente ainda não falam da morte.

A realidade da morte é finitude concreta e orgânica, na qual o ser humano conclui sua vida, mas percebe sua radical humanidade, como analisa Luis Carlos Susin:

A morte revela nossa radical humildade. Somos ‘húmus’ da terra, barro frágil que afinal se decompõe. É da natureza ‘vir do pó e voltar ao pó!’ Pode-se tentar superar a morte com fórmulas exotéricas, com buscas religiosas como meras reações biológicas, ou pode-se fazer do cultivo da saúde nossa suprema religião manipulando até Deus para tanto<sup>4</sup>.

A história humana apresenta o desejo de imortalidade do ser humano, sua ânsia por não ser esquecido<sup>5</sup>, ser lembrado. A fé cristã apresenta muito mais que um sentido de lembrança, mas de vida e vida plena. A esperança cristã dá àqueles que creem em Cristo não só resposta para a finitude humana, como também sentido para os dias de sua vida. O *Evangelho da Esperança*, que encontramos na Profissão de Fé, os pontos sobre Ressurreição da Carne e da Comunhão dos Santos, oferece estímulo e capacidade para caminhar “neste vale de lágrimas” e auxiliar os enlutados no processo de perda, compreensão e ressignificação da morte.

A nova evangelização apresenta a necessidade de evangelizar cristãos que receberam os sacramentos, mas não fizeram uma adesão a Jesus Cristo e ainda não vivem na comunidade dos seus discípulos, a Igreja. Em torno a essa realidade, este texto quer ser um auxílio teológico-pastoral para que no momento da perda de uma pessoa muito querida, os discípulos de Cristo possam não só responder a dúvidas causadas pela morte, mas oferecerem um caminho de descoberta da fé e ressignificação da própria vida.

Para tanto, o presente trabalho está constituído em três capítulos. No primeiro capítulo conceitualizar a morte, tendo como horizonte a antropologia integral do ser humano. Nesse campo as ciências e a psicologia abrem uma grande oportunidade de analisar não só sob o

---

<sup>3</sup> Teoria desenvolvida por Klaus Schwab na qual defende uma automatização das indústrias com processos digitais. No campo da ciência essa automatização é a capacidade de criação de softwares com inteligência artificial. A medicina também sofrerá com a Revolução 4.0, com o aumento da expectativa de vida, criando uma cultura de “não morte”. Quanto a este último ponto, a realidade da morte abaterá (sempre) aos mais pobres que já sofrem com a falta de necessidades básicas supridas pelos governantes, e que por consequência não terão a oportunidade de uma longevidade maior.

<sup>4</sup> SUSIN, Luis Carlos. O tempo e a eternidade: a escatologia da criação. pág. 95. Vozes, 2018.

<sup>5</sup> Cabe lembrar o epitáfio, de conteúdo positivista, que se encontra no túmulo de Júlio de Castilhos, no cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: “Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos”.

prisma teológico, bem como da ciência do ser humano. A morte fisiológica carrega uma realidade de dor, mas não só, a morte carrega uma história humana; aqui queremos abordar o sentido da morte humana: conceito de passagem, de dor, a morte dentro da sociedade do espetáculo. E, também recordar o luto, processo humano, que se não for bem acompanhado pode levar a casos de depressão.

Na segunda seção do trabalho, tratar-se-á da doutrina da Ressurreição. Dentro do contexto escatológico é necessário compreender o que se crê para anunciar as famílias enlutadas. Quando os cristãos professam a fé na Ressurreição da Carne é importante recordar toda a estrutura que ali está solidificada na Escritura e na Tradição. A fé na Ressurreição da Carne no decorrer do tempo foi sendo aprimorada e compreendida melhor, até chegar na estrutura fundamental que temos hoje.

A fé que se professa na vida eterna precisa ser compreendida, para tanto é necessário conhecê-la, abrindo assim espaço para a escuta da dor daquele que perdeu seu ente querido. O artigo de fé da *Comunhão dos Santos* solidifica a esperança cristã; a compreensão de participação na troca de bens espirituais e das coisas espirituais. Sendo parte integrante da fé cristã, teve sua primeira inscrição no Símbolo da Fé, no século IV, com o bispo Nicetas, fazendo assim parte para a ressignificação da morte na vida cristã. O luto e o acompanhamento dos enlutados tem nesse artigo da fé, um caminho singular para a elaboração e ressignificação da morte, e, portanto, abre a escuta de todo o *Evangelho da Esperança*.

Por fim, como parte conclusiva do trabalho se destaca a formulação prática na vida da comunidade cristã, isto é, o que a Igreja celebra na sua liturgia é o que crê, e mais ainda, é o que vive (*lex orandi, lex credendi, lex vivendi*). O que os ritos e orações da Igreja corroboram para um acompanhamento mais próximo na vida dos enlutados. A celebração é lugar da mistagogia, pois leva aqueles que estão celebrando a centralidade do mistério pascal, sua paixão, morte e ressurreição; no que diz respeito a morte é o lugar onde o ato de fé se fortalece. Ainda no campo da resposta aos enlutados, analisaremos a visão das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2019-2023) que propõe uma evangelização das pessoas através da ideia de “Igreja casa de acolhida”, e sobretudo aos enlutados. A Igreja, casa de acolhida, é lugar propício para acolher, ouvir e anunciar a Boa Notícia da esperança para homens e mulheres de nosso tempo, também se aproxima na vida daqueles que perdem seus entes queridos, e, já não conseguem viver adequadamente estes momentos de despedida, dor e luto. Tudo isso é analisado compreendendo que já não se vive mais em um regime de cristandade, assim sendo, a ação evangelizadora é sempre possibilidade de encontro e anúncio, na linguagem do apóstolo São Paulo, um novo areópago (cf. At 17, 19ss).

## 1. MORTE: A EXPERIÊNCIA RADICAL DA FINITUDE HUMANA.

A história do ser humano é tratada com início, meio e fim. Nas biografias de personalidades é possível encontrar uma narrativa do nascimento ao desenvolvimento de valores e princípios, de conquistas e de derrotas, até a conclusão de suas vidas, que poderão ter sido gloriosas ou simples. A morte é o enigma que repercute na vida do ser humano (GS 18) e, ainda que os saberes científicos e culturais apresentem a configuração da morte como realidade presente, a análise da morte como tal em grande parte das vezes é difícil de ser experienciada ou elaborada. Por outro lado, a morte é uma grande potência de vida para o ser humano, pois é capaz de mover a pessoa a momentos decisivos da vida. Seja pela luta para a cura de uma doença, seja pela necessidade de viver intensamente sabendo que sua doença não tem cura. A morte configura um sentido de vida, a busca pelo ideal, a busca por uma vida que tenha um sentido, pelo que se possa ter valido a pena viver, ou como recorda Friedrich Nietzsche “quem tem um porque viver, enfrenta qualquer como”.

Quando falamos de morte, falamos de uma realidade que pode ser analisada sob vários prismas: natureza (entendendo toda fauna e flora), sob o ponto de vista das religiões, do ponto de vista médico (de toda área da saúde), do ponto de vista pecuniário (funerárias, cemitérios, partilha dos bens), enfim, diversos são os pontos que podem ser analisados a partir de um mesmo tema. Queremos tratar aqui da morte sob o ponto de vista antropológico<sup>6</sup> e religioso. Um ser humano que carrega na sua humanidade potencialidades diversas, e estas canalizam-se para um fim, ou ainda, a um sentido para sua vida. Não um fim unicamente biológico, mas de uma história, de uma vida, de uma narrativa. Uma vida que teve na sua duração um sentido amplo.

Uma definição de morte nos é oferecida pela medicina: é o término das funções vitais<sup>7</sup>. Outra definição é a dos cristãos católicos:

---

<sup>6</sup> “É necessário promover um humanismo total. Que vem ele a ser senão o desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens? Poderia aparentemente triunfar um humanismo limitado, fechado aos valores do espírito e a Deus, fonte do verdadeiro humanismo. O homem pode organizar a terra sem Deus, mas "sem Deus só a pode organizar contra o homem. Humanismo exclusivo é humanismo desumano". Não há, portanto, verdadeiro humanismo, senão o aberto ao Absoluto, reconhecendo uma vocação que exprime a ideia exata do que é a vida humana. O homem, longe de ser a norma última dos valores, só se pode realizar a si mesmo, ultrapassando-se. Segundo a frase, tão exata de Pascal: "O homem ultrapassa infinitamente o homem". PAPA PAULO VI. *Populorum Progressio*, 42.

<sup>7</sup> Pazin-Filho A. *Morte: considerações para a prática médica*. Medicina 2005; 38 (1): 20-25.

Creemos na vida eterna. Creemos que as almas de todos aqueles que morrem na graça de Cristo — quer as que se devem ainda purificar no fogo do Purgatório, quer as que são recebidas por Jesus no Paraíso, logo que se separam do corpo, como sucedeu com o Bom Ladrão —, formam o Povo de Deus para além da morte, a qual será definitivamente vencida no dia da Ressurreição, em que estas almas se reunirão a seus corpos.<sup>8</sup>

Queremos dentro desta perspectiva antropologica que reflete o homem todo analisar a questão da morte, desenvolvendo um itinerário que torne possível aos enlutados elaborarem, dentro do seu contexto a experiência da perda, da dor e do luto, e também no contexto da sua fé, um novo sentido para sua vida.

A morte, do ponto de vista fisiológico, é um processo de conclusão da vida humana, com a debilidade das funções vitais do corpo (ou ao menos de um órgão, causando prejuízo para os demais), ou com a conclusão dos sinais vitais:

A morte clínica é definida como um estado onde todos os sinais de vida (consciência, reflexos, respiração, atividade cardíaca) estão suspensos, embora uma parte dos processos metabólicos continue a funcionar. A morte clínica se tornou um conceito, pois atualmente todas essas funções vitais podem ser substituídas por máquinas, prologando a vida indefinidamente. A morte total ocorre quando se inicia a destruição das células de órgãos altamente especializados, como o cérebro, os olhos, passando depois para outros órgãos menos especializados.<sup>9</sup>

Esse é o processo pelo qual todos os seres vivos passam, mas que os seres humanos conseguem conscientemente avaliar e viver. Muitos são os motivos que constituem a morte; motivos de idade, saúde, eventos abruptos (acidente, doença diagnosticada com pouca possibilidade de tratamento, etc). O ser humano torna-se protagonista da ação do tempo, de assumir ou de rejeitar uma qualidade ou não de vida, e, por isso mesmo, avalia o peso do fim. Se a infância e a juventude dão à vida humana a possibilidade do novo, do crescimento, do desenvolvimento, é possível também analisar a vida adulta e a maturidade (os idosos) como ápice e finitude. Desse modo, homem e mulher preconizam suas ações, não mais baseadas na novidade da idade e do mundo, mas a partir do cuidado e do condicionamento. Importante

---

<sup>8</sup> PAPA PAULO VI, Credo do Povo de Deus. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19680630\\_credito.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19680630_credito.html). Acesso em: 02 de dezembro de 2020.

<sup>9</sup> KOVÁCS, Maria Júlia, *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo, 1992. São Paulo. Pág. 11.

lembrar que a compreensão dessa ascendência e decadência física não será elaborada por todos e isso se dará por motivos diversos.

O morrer aparece como uma ação diária, orgânica, na qual a biologia humana que se constitui na natureza, vai também marcando toda a natureza. Células e tecidos morrem para que outras unidades celulares possam constituir a natureza do ser humano; diariamente há uma regeneração corpórea pela qual o corpo torna-se mais forte para enfrentar diversos vírus e doenças para assim sair mais fortalecido de cada uma delas. O corpo se regenera para continuar vivendo – morre para continuar vivo. A morte apresenta-se também com a dor física, com a falta de movimentos, com a falta de funcionamento de medicamentos, com a falência dos órgãos gerando dificuldades gerais para todo o corpo humano. Mirar a morte humana acarreta passar por intervenções, dores físicas, sensações que precisam ser racionalizadas.

A partir da formulação da morte, surge um conceito: a dor. No desenvolvimento do conceito de dor, há diversos pontos a serem analisados: a sensação física de um corte, a experiência de um processo cirúrgico, pós-operatório e consequências para a vida; como também as dificuldades e os processos a serem realizados de reaprendizagem na própria vida. Mas essa ação, aparentemente simples ou cotidiana na vida humana, não parece ser tão facilmente elaborada, ainda mais que o pensamento sobre o fim não é comumente tratado na vida cotidiana das pessoas. Porém, a dor é constituída na vida cotidiana das pessoas.

Olhar a morte a partir do físico, da natureza humana, pode oportunizar uma resposta com a qual o ser humano verá a sua vida<sup>10</sup>. Porém o ser humano apresenta-se com uma complexidade muito grande: espírito, intelecto, corpo. Ao refletir sobre a morte é possível encontrar uma análise sobre o decorrer da vida, e a vida do ser humano apresenta-se como um grande emaranhado, no qual vários fatores precisam ser vistos e refletidos. O homem que vive em família, que vive em grupos sociais, que vive uma relação com o transcendente ou não, que vive relações humanas de maior ou menor intensidade; parece caminhar junto com a realidade da finitude humana. Porém, essa trajetória não é tão clara e não parece ser tão comum na vida cotidiana. O homem é um ser histórico e, portanto, a finitude da vida aparece como um ponto conclusivo que precisa ser elaborado sob muitos pontos de vista; é elaborado o fim da vida de uma pessoa quando do laudo médico, é elaborado o fim de uma história com o encerramento de questões sociais (bancos, clubes, credenciais), na elaboração da doação ou partilha de seus

---

<sup>10</sup> ARANTES, Ana Claudia Quintana. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro. Sextante, 2019. Pág 58: “Muita gente diz ter medo da morte. E me espanto quando vejo como vivem: bebem além da conta, fumam além da conta, trabalham além da conta, reclamam além da conta, sofrem além da conta. E vivem de um jeito insuficiente. Gosto de provocar dizendo que são corajosas. Têm medo da morte e se apressam loucamente em encontra-la”.

pertences e bens. A narrativa humana exprime conclusões, que não necessariamente são elaboração ou construção da ideia de finitude. A morte é um momento de crucial importância, para oportunizar um futuro com uma nova perspectiva diante de si e dos outros.

A construção da compreensão de morte e, por consequência, do luto, torna-se o meio para se encontrar caminhos e olhar os enlutados, não para resolver um “problema”, mas para apontar meios de como ajudá-los na elaboração do luto em suas vidas. Neste ponto, torna-se importante refletir sobre a morte e o luto e, assim, reconhecer, num diálogo multidisciplinar, caminhos de conexão no auxílio com as pessoas enlutadas. A morte é caminho de dor enquanto processo de perda de alguém, mas é também um processo de novo sentido para o enlutado, isto é, torna-se uma nova perspectiva de vida.

### **1.1 Morte: antropologia de passagem**

A vida humana possui diversos momentos em que o ser humano se encontra no desafio do novo. O ser humano, dentre todos os animais, é aquele que consegue refletir sobre uma relação de finitude, mas também na relação com o transcendente. No processo evolutivo encontram-se diversos fatores que constroem etapas na vida de grupos, de tribos, de pessoas individuais. Esses processos se estruturam na vida do ser humano, a tal ponto que recebem uma “sacralidade social”: nascimento, “15 anos”, formatura, permanência na casa dos pais, saída da casa dos pais, casamento. Estes momentos tornam possível encontrar uma ação de passagem, isto é, repetição de uma ação que marca conclusão de uma fase da vida ou início de outra.

Arnold Van Gennep<sup>11</sup>, estudioso dos ritos de passagem na vida do ser humano, aponta não só para a realidade da morte, como também cita diversos ritos que fazem essa relação de conclusão e de recomeço. Ritos são ações marcadas no tempo e no espaço, com uma cronologia e um esquema, que apontam para uma realidade profunda que não está tão nítida e que necessita de alguém (um pedagogo), que auxilia apontando o caminho para a nova realidade, ajudando a construir o sentido para a vida daquele que está vivendo. As culturas todas têm, na sua base, configurações de passagem, não só com fundamento religioso, mas mesmo social. A morte traz, nesse sentido, uma particularidade única: a morte demonstra (de alguma forma) quem foi aquele

---

<sup>11</sup> GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes. 2013.

que morreu e o quanto este realizou (ou não) na vida dos seus semelhantes. Ainda mais, é possível analisar sob a perspectiva do mundo “além-túmulo”<sup>12</sup>, isto é, a ação de purificação daqueles que ficam, que realizam atos religiosos ou sociais, para que o morto possa estar purificado e participar da nova realidade, para sua vida além-túmulo.

No estudo de Gennep não está analisada somente a realidade da morte como separação, mas como particularidades que vão dando o sentido: separação, margem e agregação; seja para as pessoas próximas da pessoa falecida, seja para o próprio morto; tudo isso vai se encaminhando para a ideia e compreensão de luto.

O luto, no qual outrora eu não tinha visto senão um conjunto de tabus e práticas negativas que marcavam o isolamento em relação à sociedade geral daqueles que a morte, considerada qualidade real, material, tinha posto em um estado sagrado, impuro, aparece-me agora como um fenômeno mais complexo. Na realidade é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral (ritos de suspensão do luto). Em alguns casos este período de margem dos vivos é a contrapartida do período de margem do morto. A terminação do primeiro coincide às vezes com a terminação do segundo, isto é, agregação do morto ao mundo dos mortos<sup>13</sup>.

O luto pode ser compreendido historicamente como a separação, contudo, a ideia de processo é carregada pelas culturas mais antigas, dando a importância e o valor necessários para uma nova relação com a história social e pessoal de cada ser humano que morre. As sociedades em geral têm esse conceito de margem limitando até onde é possível experimentar a morte, pois os vivos não sentem a morte como tal, mas a conclusão da vida da outra pessoa. Logo, estão na realidade do incompreensível, a experiência de vida é estar vivenciando um processo de limite humano, onde palavras, ações e gestos sempre serão perspectivas, sempre estarão no finito da realidade concreta; daí a necessidade das relações sociais apontarem para uma adaptação da vida da família que perdia alguém, dentro do clã, tribo ou grupo social:

Durante o luto os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro, do qual os vivos saem mais ou menos rapidamente conforme fossem mais estreitamente aparentados ao morto. Por isso, as estipulações do luto dependem de grau de parentesco e são

---

<sup>12</sup> Termo utilizado pelo autor.

<sup>13</sup> GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes. 2013. Pág 129.



sistemizadas de acordo com o modo especial como cada povo determina esse parentesco (paterno, materno, de grupo, etc.).<sup>14</sup>

Com a morte há uma série de ações que, com o passar do tempo, manifestam essa separação dos vivos pelo luto, atitudes que permeiam os povos, as raças e as religiões. Desde o afastamento da família do grupo em que vive, aos dias que seguem o falecimento do morto, ao uso de determinadas roupas por parte daqueles que participam dos funerais (ex.: viúvas), aos decretos de dias de luto nas mais diversas esferas da sociedade (social, política e religiosa). Todas essas ações apontam para a compreensão da morte como rito de passagem, que precisa ser articulada como processo na vida humana. Cada cultura, sociedade, grupo humano, encontrou, ao longo da história, formas de passar pela perda: celebrações em torno ao morto, a elaboração da perda, a resignificação da vida a partir da morte.

A morte, como momento de passagem ou rito de passagem, demonstra, na sociedade, o ponto da singularidade da pessoa que faleceu. Por isso, no campo da antropologia, não é possível analisar a morte e o falecimento de alguém de maneira simplória e, talvez, reduzida. Ao analisar no campo social, o morto não é encontrado unicamente como um número do registro geral de pessoas (RG), um número do cadastro de pessoa física (CPF), um beneficiário do INSS, encontra-se uma pessoa humana carregada de relações, de histórias, de potencialidades e de limites. Nesse sentido, antropológicamente não é “mais um rito de passagem” ou um funeral, mas o fim de uma história humana. Aquele homem ou mulher morto modificou um grupo de pessoas ao seu redor, em um tempo específico, com marcas próprias da sua cultura, portanto, a morte é o momento de elaboração antropológica para o futuro daqueles que ficam. As ações rituais e sociais do pós-morte contribuem para uma visão integradora da pessoa, isto é, alguém com qualidades e defeitos, com marcas boas ou ruins, que alcançou a vida de outras pessoas, e quem nutriu algum tipo de relacionamento necessita de um tempo para refazer sua história pessoal com a conclusão da história de alguém que faleceu. A marca antropológica da morte é constituída de um recomeço a partir da ausência. O olhar antropológico sobre a morte marca uma nova relação, o ausente-presente; e as formas de luto celebradas pelas religiões ou por grupos humanos são a externalização do processo do pós-morte para aqueles que vivem.

---

<sup>14</sup> GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes. 2013. Pág 129.

## 1.2. Morte: contexto histórico

Já vimos que ritos de despedida, velórios, sepultamentos ou cremações são ações próprias do ser humano na história; nesse itinerário, dar ao homem a capacidade de racionalizar sentimentos e elaborar a perda na sua vida foi sendo uma construção social e religiosa. O ser humano é capaz de conceitualizar os sentimentos provindos dos momentos de separação causados pela morte, e, portanto, é possível olhar um apanhado geral da morte na história do homem. Antropologicamente, o ser humano constitui durante toda sua vida ritos de passagem em diversos aspectos de sua mesma vida, e as religiões possibilitam uma ordem própria para esse momento derradeiro.

A cultura egípcia construía para seus faraós pirâmides, e, quanto maior a estrutura, mais ela manifestava o poder e prestígio que o faraó possuía entre o povo. Na Índia, o Rio Ganges é local religioso de vida e de morte, as “castas” dos hindus configuram (em algum grau) uma vida boa ou má e, assim, também limitando o pós-morte. Tradições mais antigas aludem a morte como a volta ao útero materno<sup>15</sup>, utilizando sepulturas como vasos de argila (os índios guaranis tinham essa característica), como já citado no Ganges pessoas enroladas em lençóis e lançadas ao mar. A ritualidade antiga tinha como intuito a necessidade de auxiliar o morto no seu processo de “viagem” de uma vida à outra.

Algumas culturas antigas marcavam o tempo a partir da morte de seus ancestrais. Sociedades tribais, de maneira genuína, manifestavam a dor da perda, a dor de uma pessoa que precisa despedir-se de quem morreu com uma dor próxima e familiar<sup>16</sup>, vivida na sua intensidade. Com o passar da evolução humana, a compreensão do transcendente, mas não só, o conhecimento acerca da natureza do ser humano e da natureza em geral vão formando materiais que elaboram a ideia de morte e de todas as questões implicadas.

Na cultura helênica a morte também possui seus ritos (no sentido da crença nos deuses) e exerce a sua força cultural. Na obra de Homero, a *Odisséia*, no capítulo (rapsódia) XI, sobre a evocação dos mortos, encontramos um relato em prosa da realidade da morte:

Assim falei, e ele me respondeu entre gemidos: (...). Agora, peço-te, por aqueles que ficaram em casa e aqui não estão, por tua esposa, por teu pai, que te criou em pequeno,

---

<sup>15</sup> Cf. COSTA, Ana Paula Reis da. *A Reconstrução da Fé no enfrentamento do Luto: Teologia e Psicologia em Diálogo*. Porto Alegre: PUCRS, 2015. Pág. 14.

<sup>16</sup> Cf. PASA, Fabiane Maria Lorandi. “Eles Partiram Cedo”: Morte, Luto e Resiliência diante da fé cristã. Porto Alegre: PUCRS, 2013. Pág. 16.

por Têlemaco, o único filho que deixaste em teu palácio, pois sei que partindo daqui da morada de Hades, arribarás com tua nau bem construída à ilha de Eéia, peço-te que, uma vez lá, te recordes de mim. Não te afastes, deixando meu corpo sem lágrimas e sem sepultura, para que não suscite contra ti o ressentimento dos deuses. Queima-me com as armas que me pertencem; eleva-me um túmulo sobre a praia do alvamento mar, de sorte que os vindouros se recordem deste infeliz. Cumpre estes ritos em minha memória, e sobre o túmulo crava o remo, com que em vida eu remava entre meus companheiros<sup>17</sup>.

Os gregos conceitualizaram a morte no ocidente. Sócrates, no seu discurso antes de morrer, apresenta razões para pensar e refletir a morte: “Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que supor-se sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe. Ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males”<sup>18</sup>. Epicuro, na sua construção sobre o conceito da morte, tenta excluir o sentimento de medo que advém da incerteza:

Ademais, acostuma-te com a ideia de que a morte, para nós, não é nada. Todo o bem e todo mal repousam somente na sensibilidade; ora, a morte é a privação da sensibilidade...

Destarte, a morte, o mal mais terrível, não é nada para nós: enquanto nós existimos, a morte não existe; e, quando ela existe, nós já não somos... Por isso, é louco quem diz temer a morte...<sup>19</sup>.

Na concepção epicurista, a morte é o não ser, a não existência. Assim, a grande preocupação de Epicuro é não perder a *eudaimonía* (felicidade). Tudo o que dissipa a felicidade do ser humano não deve ser objeto de preocupação, já que o conceito de morte é a não existência, assim, a morte, sendo um mal, não dura para sempre. Os epicuristas traduzem na realidade da vida a compreensão de dor e de mal como sentimentos que são ocasionados por algum tempo, não para sempre ou por um período pós-morte. Se a morte é o não ser, logo não existe dor, nem sofrimento.

As três grandes religiões monoteístas, judaísmo, cristianismo e islamismo, têm como característica fundamental o conceito de um povo que foi escolhido por sua divindade<sup>20</sup>. A morte marca essas realidades e, de alguma forma, perpassa a identidade religiosa de cada um destes grupos. Na tradição judaica é costume ficar trinta dias de luto em família rezando pelo

---

<sup>17</sup> HOMERO. *Odisséia*, XI, p. 102.

<sup>18</sup> PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Coleção Os Pensadores, p. 21.

<sup>19</sup> Cf. ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1996. Págs 40-41.

<sup>20</sup> Cf. LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

bem daquele que faleceu; outra característica do sepultamento judeu é o lançar a terra sobre o caixão, mostrando assim a identidade com a terra da aliança. No cristianismo, o sepultamento ou a cremação são as formas de celebrar a morte. Baseados nas tradições judaicas e helênicas, o cristianismo adota a identidade de marcar o luto com dias exatos e assim rezar pelo sufrágio da pessoa falecida (sétimo dia, trigésimo dia e primeiro ano). O islamismo apresenta, diante do seu conjunto doutrinal, a vida do justo como alguém que buscou fazer a vontade de Alá, seguindo os preceitos de Maomé. O pós-morte é marcado pelo julgamento (de maneira semelhante ao que a fé cristã apresenta), mas o julgamento feliz terá quem pronunciar a fé em Alá e em Maomé.

Até o início do século XX, a morte exercia, no Ocidente, um papel importante, um “evento social” nas pequenas cidades. Os cortejos fúnebres, com carruagens ou com carros fúnebres, os cantos, em algumas localidades do sudeste do Brasil haviam as “carpideiras”<sup>21</sup> que lamentavam e choravam a morte da pessoa falecida. As grandes expansões nas cidades transformavam as vilas em grandes aglomerados de pessoas. Se antes conhecer uma pessoa era importante, nesse novo período, a morte vai se distanciando da vida cotidiana e, assim, a realidade da morte vai causando mais estranheza e mais dificuldade de acolhida, desestabelecendo as relações com os mais próximos.

### **1.3. A morte e o medo**

O medo é um sentimento comum a todos os seres humanos. Dizer que a morte é inevitável é muito simplório, pois a morte gera, na vida do ser humano, a insegurança e o medo que atravessam todas as pessoas, classes sociais, religiões. O medo está ligado a realidades específicas, por exemplo: voar de avião, enfrentar uma prova, começar um novo trabalho. O medo é a dúvida diante de algo real e concreto que está diante dos olhos. Contudo não é algo inato ao ser humano, mas desencadeado do desenvolvimento integral da pessoa humana. Na formação de uma criança que sabe lidar com frustrações e, ainda, com novas situações, o medo causará uma reação. Já na frágil formação inicial de uma criança, poderá ser analisado com mais dados o problema do medo.

---

<sup>21</sup> Cf. MARIA, Lita. O Canto da Carpideira. Tocantins. EDUFT, 2014.

Porém, outro sentimento que se manifesta é a ansiedade, podendo inclusive estar ligada a um medo em específico. A ansiedade é difusa na sua manifestação<sup>22</sup> e, por isso mesmo não está ligada a uma resposta específica, como no caso do medo. O sofrimento que pode ser causado por algo que não se viveu, ou ainda, por uma realidade na qual não se é possível pensar (ao menos que previamente), a construção de um número grande de possibilidades sobre determinada ação ou pensamento, podem criar um ambiente para o desenvolvimento do medo e da ansiedade preocupante. Na vida humana, o medo da morte necessita de conceitualização, elaboração e aplicação. Neste movimento de reconhecer como se manifestam estes sentimentos do medo e da ansiedade, a realidade concreta pode desenvolver melhores gatilhos ou atalhos para, assim, não ficar limitada diante desses sentimentos que paralisam o ser humano, oferecendo uma qualidade de vida melhor.

Dois medos que dizem respeito a morte são muito claros para os psicólogos<sup>23</sup>: a morte de alguém (familiar, amigo, colega, ou mesmo uma pessoa distante), e a própria morte. Na elaboração da finitude humana, o medo se relaciona como forma de busca por respostas sobre o devir, isto é, o além-morte, aquilo que não se sabe. Também a reflexão da morte leva a pessoa para uma impotência diante dos limites impostos pela morte. No limite da idade ou de doença, o ser humano traduz semelhanças do seu nascimento, o cuidado excessivo, a necessidade de alguém que lhe cuide, ampare, ajude no limite de sua fisiologia. Essa impotência humana causa medo e ansiedade, pois nessa etapa da vida humana resta a pessoa somente “ser” e não “fazer”. Junto com todas essas realidades, o princípio de extinção também aparece, ideia que traduz a vulnerabilidade do abandono total, onde não se apresenta o futuro e onde o passado não pode ser refeito.

O medo e ansiedade levam a morte a um nível de reflexão alta, pois o que existe diante dela é somente o desconhecido e a solidão. Numa sociedade marcada pelo cristianismo, viver a morte significava uma realidade. Hoje numa sociedade marcada pelo secularismo, a morte não tem resposta, mas somente presença e, nessa presença tão marcante, as vidas do homem e da mulher ficam absortas em vivências de extremo. Por isso mesmo, ficam expostas a sentimentos que precisam de um cuidado maior.

Zygmunt Bauman na sua obra *Modernidade Líquida*<sup>24</sup>, aponta para essa desconstrução ocasionada pelo destronamento de realidades sólidas e imutáveis (religião e sociedade, com todo seu fundamento moral e doutrinário), abrindo espaço para uma fluidez de relações

---

<sup>22</sup> Cf. KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo, 1992. São Paulo. Pág. 14.

<sup>23</sup> Cf. KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo, 1992. São Paulo. Pág. 15.

<sup>24</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Zahar, 2001. Rio de Janeiro.

mutáveis, ou adaptáveis na linguagem de Bauman, e, com isso, uma destruição sempre maior de valores e dos princípios em detrimento do novo. Uma sociedade que está influenciada por construir valores que não tem perenidade, pode encontrar-se no nível de desequilíbrio emocional, de tal sorte que a ansiedade hoje chega a níveis altíssimos na demanda clínica<sup>25</sup>.

Para poder ajudar as pessoas que passam pela ansiedade causada pela morte, técnicas foram sendo estabelecidas para assim diagnosticar os níveis causados pelo medo da morte. Porém, o medo da morte em algum nível é saudável, podendo constituir uma forma de rompimento de ações, mas também como motivação para atitudes bem concretas de mudança:

O medo da morte tem um lado vital e por isso precisa estar presente em certa medida. Ele é a expressão do instinto de autoconservação, uma forma de proteção à vida e uma possibilidade de superar os instintos destrutivos. A própria palavra autoconservação implica um esforço contra as forças de desintegração, um estímulo para o funcionamento biológico normal. Uma das coisas que impulsiona o homem, a sua criação e frenética atividade é o terror diante da morte. O heroísmo pode refletir esse medo, uma forma de ação que funciona como se ele não existisse, o que Becker chama de "mentira vital".

Se estivéssemos conscientes o tempo todo de nossa morte e do nosso terror seríamos incapazes de agir normalmente, ficaríamos paralisados. Agimos como se fôssemos imortais, acreditamos que nossas ações são perenes, pois este é o nosso desejo supremo, e temos ilusões de que deixaremos obras garantindo nosso não-esquecimento. A repressão e a negação como mecanismos de defesa, são as grandes dádivas que nos protegem contra esse medo<sup>26</sup>.

O medo da morte, quando bem medido, oportuniza novas potencialidades, mas não exclui a realidade da morte na vida de cada pessoa. Quando é possível bem viver com o medo, não se vive numa realidade de "faz de conta", mas torna-se possível ver "o milagre da vida" diante da brutalidade do incompreensível, diante da natureza e diante de todo o cosmos. A vida humana é marcada pela capacidade de se adaptar em diferentes realidades, cada qual com seus muitos desafios, assim o ser humano vive o medo da vida e o medo da morte. O medo da vida causado pelo desafio de se adaptar em um mundo que muda muito rápido, contando com o avanço da tecnologia e da internet. Também o medo da morte, por saber que, mesmo se adaptando, o homem tem consciência que sua vida terá um final. Nesta gangorra entre medo e

---

<sup>25</sup> Conforme os dados da OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde, órgão ligado a OMS), em 2017 o nível de distúrbios de ansiedade era de 9,3% da população brasileira (equivalente a mais de dezoito mil pessoas). Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5354:aumenta-o-numero-de-pessoas-com-depressao-no-mundo&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5354:aumenta-o-numero-de-pessoas-com-depressao-no-mundo&Itemid=839).

<sup>26</sup> Cf. KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo, 1992. São Paulo. Pág. 23.

ansiedade, caminhos se abrem para uma vida equilibrada, e uma vida decidida não na insegurança, mas nas potencialidades que podem ser constituídas:

[...] podemos ver novamente o entrelaçamento entre vida e morte. O medo da morte tem um lado vital, que nos protege, permite que continuemos nossas obras, nos salva de riscos destrutivos e autodestrutivos. Esse mesmo medo pode ser mortal, na medida em que se torna tão potente e restritivo que, simplesmente, a pessoa deixa de viver para não morrer, mas, se observarmos mais atentamente teremos um morto diante de nós que se esqueceu de morrer. Todo ser humano é obrigado a se confrontar com esse dilema, como o viverá, porém, vai depender em parte de sua história de vida, das características de sua personalidade, mas também de seu esforço pessoal para enfrentar essas questões<sup>27</sup>.

Homem e mulher são convidados, apesar de suas fragilidades, a serem protagonistas da vida. Apesar do medo, da ansiedade, das inseguranças, dos limites humanos, apesar de tudo isso, homem e mulher tornam-se protagonistas da vida enquanto desafiados a vencer as realidades mais concretas do dia a dia, e a vencer as realidades mais obscuras da própria existência.

#### **1.4. Morte: dor e luto**

Diante da realidade da morte, que traz a sua dúvida (quanto ao momento) e a sua determinação (quanto ao ato de perder uma pessoa próxima), cabe compreender o que é a dor e a sua relação com a morte. Desta forma, fazer a experiência existencial da morte de alguém e mesmo o próprio processo de conclusão da vida, na singularidade humana, pode-se encontrar um novo sentido. Entende-se como dor a “sensação desagradável produzida por injúria física ou moléstia. Por exemplo, fala-se em dor decorrente de uma lesão ou doença, em dor de cabeça ou dor de estômago”<sup>28</sup>. Por outro lado, o sofrimento seria uma causa psicológica ou uma abrangência maior da dor, isto é, as implicações causadas por uma dor física (ex.: alguém que sofra com um acidente de carro, carrega a dor dos impactos e das possíveis fraturas, e carrega também o sofrimento do trauma, das consequências da alta velocidade ou da imprudência). Quando se fala na morte se está falando das duas propriedades (dor e sofrimento), e as duas

---

<sup>27</sup> Cf. KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo, 1992. São Paulo. Pág. 26.

<sup>28</sup> Cf. HUNZIKER, Maria Helena Leite. *Comportamento de dor: análise funcional e alguns dados experimentais*. Temas em Psicologia, vol. 18, n° 2. Ribeirão Preto, 2010. Págs. 327-333.

propriedades precisam ser reelaboradas: a morte como resultado final de um processo de dor (salvo os processos inesperados de morte, ocasionados durante o sono, onde não há uma implicação de dor física), de ressignificação de uma história de vida (o sofrimento iminente de morte, e a compreensão de finitude humana); e a morte como compreensão da perda de alguém.

Uma história humana ocorre com início, meio e fim, cercada de construções de personalidades, de afetos, de conhecimentos. Diante disso, a elaboração da dor e da morte não será unânime e comum. O fato histórico de, na atualidade, as famílias se reduzirem a um número mínimo de membros, traz ao evento “morte” uma nova situação; visto a quantidade de filhos que poderiam cuidar dos pais na velhice. Famílias com muitos filhos desenvolviam uma forma diferente de viver a finitude dos seus familiares. Os filhos desenvolviam uma compreensão da morte diferente, podendo alguns estarem mais tristes, ocasionado por diversos motivos que os fizeram distantes de seus pais e, por isso, não podendo cuidá-los. Hoje com a redução dos filhos a um, quando não há ausência deles, redimensiona o processo do luto e do processo de velório, de sepultamento e de nova configuração social. Nas cidades mais afastadas dos centros urbanos,

a fé cristã possibilitava uma visão de fraternidade social, de comunhão social. Nestas localidades pequenas, o sofrimento de um núcleo familiar é “comunicado” a todos os membros daquela cidade, mostrando o valor único da vida de quem morreu para aquele grupo social (exemplo disso são os sinos tocados em comunidades cristãs, católicas e luteranas, se unindo à dor da perda da família enlutada, sinal claro do valor da vida de quem acaba de falecer e mesmo de uma comunicação abrangente, de algo que é de interesse de toda aquela comunidade humana).

Com o crescimento das cidades<sup>29</sup>, a morte também adquire seu valor social, isto é, de dar importância àqueles que morreram; recorda-se aqui a prática do “obituário” nos jornais impressos, onde quem desejasse fazer uma homenagem póstuma, poderia, assim, realizar, arcando também com um custo, mostrando que havia diferenças sociais na realidade da morte. E, por fim, em tempos de redes sociais, as homenagens póstumas são feitas como um breve relato da importância da vida de quem morreu. Aqui se olha para a universalidade do ato de externar a dor da perda: se antes excluída aos mais pobres, hoje toda pessoa que possui alguma identidade na internet pode manifestar seu afeto por quem faleceu, assim todos da rede poderão ter acesso a essa manifestação. Essa construção do sofrimento ocasionado pela morte de um cidadão (seja de qualquer classe social) é importante ser compreendida, pois ela desagua numa outra elaboração, a do luto.

---

<sup>29</sup> CNBB, Doc. 100, n° 38-44.



A compreensão de que a morte faça parte de uma ritualidade antropológica, como vimos, é importante para que também ocorra um segundo processo: a dor e o luto. John Bowlby<sup>30</sup> inicia um processo de análise das pessoas que sofreram com a perda de algum familiar ou de pessoas próximas importantes. Este estudo gerou um grande aumento no esclarecimento e na elaboração da dor e do luto. Bowlby aponta para o luto e suas fases:

- a) o entorpecimento,
- b) o anseio,
- c) a desorganização e o desespero e;
- d) a reorganização<sup>31</sup>.

Estas fases do luto são importantes para o desenvolvimento da forma como a psicanálise vai ajudar no ato de elaborar o luto. O entorpecimento (primeira fase do luto) se dá com a acolhida da notícia da morte; acolhida da notícia e ser impactado com as consequências, choque com a realidade imposta e de alguma forma não conseguir processar o que fazer. Na sequência do processo do luto, anseio e desorganização (segunda e terceira fase) desencadeiam inquietações psíquicas das mais variadas formas, desde não reestabelecer horários e hábitos do dia a dia até sonhos e aguardo de um “possível retorno” da pessoa falecida. Sentimentos de dor, perda, impotência, fragilidade, tristeza, são reorganizados (última fase) na vida do enlutado. É possível construir uma nova forma de continuar a vida. Para isso, psicanálise, psicoterapia, ressocialização e religião, são caminhos que podem auxiliar nessa retomada de vida. Não pode se negar a construção do sentimento de saudade, que remete aos momentos de nostalgia a partir da perda de pessoas, ou de distanciamentos prolongados. No contexto da ressignificação, a saudade pode ser considerada a conclusão bem sucedida do processo do luto.

Referindo-se ao luto, caminho similar é realizado: o luto dentro de uma normalidade, o processo natural (nascer, crescer, desenvolver-se, envelhecer e morrer); e o luto dentro de um processo mais impactante (mortes inesperadas, doenças graves, etc.). Dentro da normalidade do processo de luto, é possível encontrar alguns comportamentos: sentimentos de tristeza, de abatimento, dores físicas (como aperto no peito), hipersensibilidades; no campo da cognição, a

---

<sup>30</sup> John Bowlby (1907-1990) psicanalista que construiu a Teoria do Apego, na qual analisa a interação entre as pessoas para construir vínculos que ajudem e contribuam na relação social. O tema do luto torna-se paradoxo de sua tese, isto é, a análise do desapego causado pela morte do outro e o fim de um vínculo. A quebra de conceito faz que Bowlby analise o processo inverso da sua pesquisa em torno do Apego (como vínculo), e compreenda mais o luto.

<sup>31</sup> Cf. BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. *Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental*. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, vol 7, nº 1. Rio de Janeiro, jun. 2011, págs 35-43.

confusão mental, uma descrença e, por fim, comportamentos desorganizados, como distúrbio do sono e falta de apetite<sup>32</sup>.

A não construção do luto e a falta de itinerário operado pelas fases do luto podem iniciar um processo patológico causado por não conseguir elaborar alguma das fases do processo de perda de outra pessoa. Tratar a realidade de perder alguém e as consequências dessa perda (o luto) não parece ser algo tão simples e tão fácil. Diversas intercorrências na vida humana podem ser causadas pela não elaboração da morte: ansiedade, medo, depressão, são algumas delas. Por vezes, os sintomas poderão tornar-se físicos, como reações externas na pele e a perda de cabelo. Reitera-se a necessidade de tratar o luto como momento importante de reconstrução pessoal diante da perda, para que as consequências biológicas (numa visão integral do ser humano) sejam o menos difícil possível. Nesse sentido, abre-se a possibilidade do diálogo entre todos os campos da vida humana: antropologia, religião, psicologia.

A ideia de construção da dor é um conceito que vem sendo elaborado há bastante tempo. Na área da psiquiatria, doenças mentais não são associadas ao luto, porém, a não elaboração da perda, da morte, pode levar a uma doença psicológica, podendo se agravar na vida do enlutado:

Para muitas pessoas, doença mental é o mesmo que loucura, um tipo de debilidade mental que leva as pessoas a desmoronar, perder o controle sobre seu comportamento e tornarem-se incapazes de agir racionalmente. Somente os psiquiatras são habilitados para tratar desses estados graves e aqueles que buscam esse tipo de ajuda são vistos como suspeitos, pois a doença mental é considerada incurável.

Uma vez que o luto não é esse tipo de doença mental, certamente não é possível considera-lo como qualquer outra doença mental e seria injusto permitir que os leigos vissem os enlutados como 'doidos', e submetê-los ao estigma social que resulta desse preconceito<sup>33</sup>

A experiência do ser humano é realidade que aponta para novos caminhos, contudo o ser humano que não possui uma estrutura psíquica, física e religiosa, corre o risco de não conseguir trilhar esse caminho da melhor maneira possível. A má vivência do luto pode gerar mais que sofrimento, por isso, torna-se necessário o itinerário da experiência da ausência e da perda de alguém, a fim de que não se torne uma patologia que não permita a pessoa a viver, mas momento real e concreto que conduza a pessoa para uma vida com novos impactos para o futuro.

---

<sup>32</sup> Cf. WORDEN, James William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Tradução Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo. Págs. 5-14.

<sup>33</sup> PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998. pág. 21.

Essa trilha de conviver com a morte e, por consequência, com a elaboração da dor e do luto, corrobora para a ideia de uma não separação entre religiosidade e ciências. Em 1950 se inicia um estudo sistemático na área da tanatologia<sup>34</sup>, ocasionada pelas grandes guerras mundiais. A barbárie da guerra consegue gerar no ser humano uma apatia pelo seu semelhante, necessitando assim uma elaboração do conceito de morte diante de realidades extremas. Diante desses novos estudos, o luto também inicia um processo de sistematização: o campo de concentração em Auschwitz, epidemias (pandemias), a perda de um filho; esses e outras situações de morte vão gerando um novo horizonte de pesquisa, que aponta caminhos para ajudar em determinados sintomas que precisam de ressignificação e, por vezes, até de tratamento mais profundo (psicoterapêutico e psiquiátrico).

Outro psiquiatra que organiza um estudo sistemático sobre o luto, Colin Murray Parkes, acompanhado dos estudos de tanatologia, apresenta o luto não como uma doença (como também foi analisado por Bowlby), mas como uma consequência da perda ocasionada pela morte. Há casos em que o luto pode gerar agravamentos psíquicos:

O luto complicado, antigamente denominado de luto patológico suscita controvérsias. Segundo Parkes (1998), é preciso muito cuidado para não se classificar precocemente processos de luto como disfuncionais, quando não seguem estágios ou etapas que durante muito tempo foram considerados como inerentes a seu processo. Para o autor uma cuidadosa avaliação é necessária em todos os casos. A questão do luto complicado é um ponto importante para pesquisas, já que muitos profissionais não estão preparados para lidar com este problema. Segundo Rando (1992/1993), há consequências sérias quando não se cuida de pessoas que apresentam risco para processos de luto complicado. É fundamental: (a) identificar fatores de risco; (b) delinear tendências socioculturais e tecnológicas que possam exacerbá-las; (c) observar o que é necessário ser trabalhado para se evitar um luto complicado<sup>35</sup>.

O perigo de alguém encontrar-se em situação de grande vulnerabilidade é grande nestes casos. Perdas inesperadas em situações de adversidade severa precisam ser conduzidas de tal forma que o enlutado não fique à mercê de seus sentimentos, mas sob o cuidado de pessoas próximas. Diante do processo do luto é possível encontrar situações que podem potencializar ou não a elaboração do luto. Nessa construção é importante entender, como já vimos, que o luto

---

<sup>34</sup> Cf. KOVÁCS, Maria Júlia. *Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer*. Paidéia, vol.18, no.41. Ribeirão Preto. Set./Dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a04.pdf>. Acesso em: 30/06/2020.

<sup>35</sup> Cf. KOVÁCS, Maria Júlia. *Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer*. Paidéia, vol.18, no.41. Ribeirão Preto. Set./Dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a04.pdf>. Acesso em: 30/06/2020.

possui fases que serão vividas e, assim, configurará uma possibilidade de viver com a ausência do ente querido. Para tanto, é necessário compreender estas etapas do luto. Fabiane Maria Lorandi Pasa apresenta no seu trabalho de mestrado este processo:

Atualmente, pensa-se que o luto sendo um processo de elaboração psíquico dinamiza-se e evolui oscilando entre fases, tarefas e etapas nos cuidados diante da vida, instrumentais ou operativos; e cuidados afetivos relacionados à dor e à saudade. Dinâmica positiva que tende a levar o enlutado a uma elaboração saudável.

Importante é destacar que, de modo geral, diferentes autores e linhas teóricas concordam com cinco aspectos sobre a definição do processo de luto:

- a) o luto é desencadeado pela perda de algo ou alguém significativamente importante para o indivíduo; b) envolve um conjunto de reações diante da perda que se organiza para constituir-se em um processo; c) é uma condição normativa do viver, ou seja, não é uma condição patológica, embora possa complicar-se;
- d) implicará, necessariamente, um trauma, porém seus efeitos duradores não necessariamente serão negativos; e
- e) é um processo de assimilação e elaboração psíquico cuja recuperação é oscilante, gradual e prolongada<sup>36</sup>.

A dinâmica do luto em graus diferentes (por exemplo, morte natural e morte acidental) predispõe a pessoa enlutada a reconstruir a sua própria vida, como também auxilia no cuidado com outros familiares. As pessoas enlutadas precisam de ajuda no processo de elaboração da morte dos falecidos a elas próximos. O evento “morte” causa desde insegurança até um novo olhar para a vida, porém necessita de itinerário e de acompanhamento, de discernimento para os atos futuros e de nova perspectiva sobre as ações do cotidiano. O enlutado, ao enfrentar o evento da morte, é convidado a olhar para o círculo social que lhe envolve e, a partir daí, sentir-se abrigado por uma proteção (familiares, amigos, colegas de trabalho) que lhe envolva de tal sorte que seja capaz de dar pequenos passos até grandes as decisões para os novos horizontes de sua existência. Também a perda de uma pessoa resulta num processo de amadurecimento nas relações, potencializando uma vida que torne possível o desenvolvimento da realidade da perda no cotidiano humano.

---

<sup>36</sup> PASA, Fabiane Maria Lorandi. “*Eles partiram cedo*”: Morte, Luto e Resiliência diante da Fé Cristã. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Pág. 42.

## 1.5. Morte: luto em situações difíceis

Na complexidade do ser humano, o processo de dor precisa ser analisado sobre vários aspectos e, assim, conduzido numa visão do homem todo e não só de um ser humano em fragmentos. Ao tratarmos das fases do luto, é possível diagnosticar formas de soluções nos campos da saúde, da psicoterapia ao uso de medicamentos. Não à toa o respeito para com os enlutados, salvaguardado nas leis trabalhistas, oportuniza à pessoa fragilizada com a perda diversas ressocializações: na família, trabalho e na comunidade de religiosa.

Não só realidades difíceis como da pandemia, dos desaparecidos ou do campo de concentração, bem como realidades muito exigentes, como a perda de um filho, acidentes causados pela imprudência de um condutor, e tantas outras formas de morte precisam que a dor seja vivida e o luto seja construído. Contudo, nessas realidades existe uma particularidade, um nível alto de perplexidade diante da perda de alguém. O choque de realidade que a morte oferece já é difícil pela própria análise da conclusão da vida humana. Em situações mais adversas o luto pode tornar-se doença, mas não só, pode ocasionar um afastamento da vida social gerando danos mais difíceis de reconstruir.

Durante o processo do luto a pessoa que sofre com a morte de seu familiar ou amigo é levada a responder a questionamentos em relação ao morto (ex.: quem era? Qual o nível de proximidade? Qual o nível de importância? Se ocasionava algum tipo de referência grande para a pessoa?). No momento em que o processo de morte se depara com alguma situação repentina e difícil, todos os questionamentos e ações tomadas precisam de um auxílio ou mediação corretos, para não acarretar males futuros.

A definição de luto anormal ou luto complicado, isto é, causado em decorrência de não elaboração da perda ou de ocorrência de choque diante da morte de uma pessoa, é a seguinte:

A intensificação do luto em nível que a pessoa fica sobrecarregada, recorre às condutas mal adaptativas ou permanece interminavelmente no estado de luto sem progressão do processo de luto na direção de sua conclusão... (Isto) envolve processos que não se movem em direção à assimilação e à acomodação, mas em vez disso, conduzem às repetições estereotipadas ou interrupções extensivas da recuperação (Horowitz *et al.*, 1980, p. 1157)<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> WORDEN, James William. Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental. Tradução: Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo. Pág. 94.

O luto complicado precisa ser analisado com muito cuidado, pois alguns dos seus sintomas podem assemelhar-se com outros transtornos, como a depressão, ansiedade, etc. O prolongamento de algumas reações é que delimitam o luto complicado. Segundo Worden, falta uma amplitude maior no número de pesquisas que auxiliem no diagnóstico preciso do luto complicado, pela falta de uma delimitação do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico), esse tipo de situação acaba sendo compilada dentro de outros tipos de transtornos, sendo tratadas assim de alguma maneira, mas não com a devida amplitude<sup>38</sup>. Ao reconhecer duas características dos traumas estabelecidos pela morte de outra pessoa, a saber, o estresse traumático e a angústia da separação, entende-se que a singularidade do luto não consegue ser construída. Exemplo dessa realidade são tragédias em grande número<sup>39</sup>, nestes casos o tempo de luto sofre uma alteração, pois não só familiares próximos dos falecidos necessitam de algum tipo de recurso clínico, mas os mais envolvidos também necessitam de ajuda.

O luto complicado pode ter reações objetivas a curto e médio prazo e reações a longo prazo (por isso tão difícil uma definição no DSM e, por consequência, a falta de recursos para pesquisas). Nas reações de curto e médio prazo é possível analisar problemas causados pelo luto complicado que geram uma impotência diante de determinados atos ou circunstâncias; Worden recorda em sua obra alguns exemplos:

Rita debateu-se por mais de dois anos com a morte de sua filha de 12 anos de idade. Quando ela perdeu a filha, não perdeu apenas uma criança, mas também a única pessoa em seu mundo que massageava seu pescoço para aliviá-la das dores de cabeça decorrentes da enxaqueca<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> Cf. WORDEN, James William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Tradução: Adriana Zilberman, Letícia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo. Pág. 96.

<sup>39</sup> No ano de 2013 na cidade de Santa Maria, com o incêndio da Boate Kiss foi feita uma força tarefa para um processo de luto complicado. Diversos psicólogos e psiquiatras trabalharam em conjunto para ajudar diversas famílias na elaboração do processo de luto. Esse processo é difícil pois não apresenta um falecido, decorrido de um processo em específico, mas um contínuo processo de enlutamento entre falecidos ou melhor dizendo uma cidade em luto. As consequências do incêndio geraram mortes no local, feridos que acabavam indo ao hospital, porém dias mais tarde vindo a óbito; também houve feridos que tiveram sequelas graves. Enfim, nessa tragédia é possível perceber um processo de luto complicado que se estende até hoje para auxiliar pessoas enlutadas. Sobre essas intervenções de urgência cabe a leitura do artigo: COSTA, Alice Moreira da; PACHECO, Maria Luiza Leal; PERRONE, Cláudia Maria. *Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre da Boate Kiss*. Rev. Subj., Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 155-165, abr. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692016000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100013&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 09 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.155-165>.

<sup>40</sup> Cf. WORDEN, James William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Tradução: Adriana Zilberman, Letícia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo. Pág. 98.

Outra reação possível no luto complicado são os efeitos retardados ocasionados pelo luto. Inibir as reações, escondê-las, tendem a levar a problemas mais sérios. Por isso, as pessoas que se acercam dos enlutados ajudam na externalização da dor, pois mesmo essa ocorrendo no velório e sepultamento, pode não ser totalmente expressada. Situações de luto complicado que exigem de membros da família a garantia de uma serenidade, garantia de um justo enterro, garantia pura e simples para retomar o caminho de suas casas, podem desencadear cuidados maiores e mais intensos no luto complicado. Diante dessas dificuldades enfrentadas pelas pessoas enlutadas, o cuidado se faz necessário, pois o alto grau de vulnerabilidade psicológica (e também social, em alguns casos), pode levar o problema do luto a um agravamento da situação. Portanto, o acompanhamento de pessoas enlutadas, em circunstâncias complicadas, é muito necessário.

No último e no mais grave nível das reações, é possível encontrar a concretização de doenças e de transtornos causados pelo luto complicado<sup>41</sup>, isto é, o exagero nas reações. A partir da frustração ocasionada da morte nascem situações de transtornos psíquicos bem concretos, como a depressão, a ansiedade, as fobias, o uso de substâncias (legais e ilegais) num nível incompatível para a saúde. Os enlutados sabem da dor ocasionada da morte, compreendem que a morte ali presenciada é difícil de se processar, porém, manter o mínimo de forças para resolver e vivenciar a realidade da morte ali apresentada se torna necessário. Ainda que busquem ajuda com terapia, as reações são tão constantes e concretas que intervenções duras se fazem necessárias.

O luto complicado deve ser analisado sob a perspectiva do cuidado. Perder já é inerente e difícil no processo humano, porém, o luto complicado necessita de um olhar minucioso. Familiares e amigos são os primeiros que necessitam olhar as circunstâncias da morte e ver o quanto de impacto ela pode gerar na vida do enlutado. Um luto complicado pode levar anos para ser diagnosticado e tratado, mas possível de solução. No caminho do luto complicado a rede de pessoas que acompanham os enlutados será importante, pois a partir dela é que será possível dimensionar a gravidade e, assim, poder recorrer a melhor técnica de ajuda. A pessoa do “cuidador” é importante para o auxílio de pessoas enlutadas em choque.

---

<sup>41</sup> Cf. WORDEN, James William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Tradução Adriana Zilberman, Letícia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo. Pág. 58-60.

## 1.6. Morte e Resiliência

Não só o sentimento de passagem faz parte de quem tem que elaborar a morte na sua vida, mas é importante passar pela dor e o luto. Quando o ser humano se depara com a morte, apresenta-se diante dele uma realidade que o envolve em sentimentos dos mais diversos: amor, perdão, compaixão, falta de atenção, distanciamento, impossibilidade. Em meio à pandemia do COVID-19 (2019-2020), famílias ficaram impossibilitadas de velarem os corpos de seus familiares, muitas vezes sem despedidas. Hospitais não conseguiram oferecer os cuidados aos pacientes tanto quanto poderiam, diante do grande risco de infecção e proliferação acelerada do vírus. Em torno dessa realidade, o ser humano fica fragmentado ao não conseguir ressignificar a sua vida diante da morte. A realidade de um familiar que desaparece misteriosamente e, durante muitos anos, a incerteza da pessoa estar viva ou morta – recordam-se aqui os desaparecidos pela ditadura, da qual famílias não sabem até hoje do paradeiro de filhos, irmãos, pais –, por isso mesmo a dúvida em torno da vida daquele familiar gera uma não elaboração da dor e do luto, mas uma expectativa que só quer poder despedir-se da pessoa amada. Sepultar alguém se torna um itinerário de novo significado, contudo, pode ser também momento de se perder na própria história de vida, ocasionando feridas e lacunas que tão facilmente não serão fechadas<sup>42</sup>. As duas grandes guerras, os regimes totalitários, regimes econômicos que matam, são efeitos de alguns itinerários que fizeram o ser humano perder sua referência antropológica e social. E, ao perder de vista o significado de quem é o ser humano, perde também a empatia com a dor do outro e com a sua própria dor.

O homem pós-moderno procura muito sobre um sentido para sua vida. Os “likes” das redes sociais podem ser os elogios, os compartilhamentos: a vida na rede social é hoje um lugar de pessoas sedentas de busca de um sentido, de um propósito de vida. Uma carreira programada há vinte anos não responde mais aos anseios do homem e da mulher pós-modernidade. A fragilidade da morte parece ferir mais, pois não há tempo para sofrer, só há tempo para “curtidas”. Hoje (talvez mais que em outros tempos) o ser humano busca um sentido para a sua

---

<sup>42</sup> A professora da USP, Maria Julia Kovács escreveu artigo no qual disserta sobre algumas perdas, mais difíceis, advindas de situações fora do ritmo ordinário da vida (nascer, crescer, desenvolver-se, envelhecer e morrer), das quais o sofrimento advindo desses momentos, ocasionaram uma necessidade de elaboração maior, isto é, com um cuidado mais intenso para com estas pessoas enlutadas. Recordam-se aqui um fragmento desta análise: “Kastenbaum (1969) se refere a fatores de risco para luto complicado no caso de pessoas idosas, principalmente quando perdem seus filhos adultos. O número de idosos tem aumentado e muitos vivem em situação de risco, com problemas financeiros, isolados, com doenças graves, que podem se agravar com as perdas da vida, constituindo o que o autor denominou sobrecarga de luto. Com o prolongamento do tempo da vida muitos pais estão enterrando seus filhos adultos, e acabam vivendo sozinhos esta perda tão difícil de ser elaborada.” Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2008000300004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004).



vida. A procura por livros que falem da busca pelo sentido da existência, do sentido da vida, cada vez mais são divulgados. Reflexo de um ser humano que, mesmo em torno as suas dores mais intensas, ocasionadas por tantos motivos, busca como que um luzeiro de esperança. Se houve grandes momentos de dor na história do homem, causadas pelas guerras e mesmo pelo seu desinteresse na busca pelo bem do outro, houve (e há) caminhos de esperança, para ajudar no processo de integralidade do ser humano, oferecendo, também aos enlutados, oportunidade de fazerem a experiência da dor, para assim ressignificarem sua vida e suas relações interpessoais.

Na busca pelo sentido da vida, há uma brecha para que o ser humano possa trilhar o caminho da ressignificação da morte, pois a morte, em si, já é busca de sentido. O ser humano, ao pensar na sua finitude, procura encontrar um sentido para sua vida, uma nova perspectiva para percorrer; eis que a morte é busca de sentido para a vida do ser humano. O fim da existência humana, apesar de carregar seus imprevistos, possibilita um novo olhar para toda a vida. O ser humano é capaz de dar novo sentido diante de cada etapa: das alegrias, conquistas, medos e esperanças. Viktor Frankl apresenta diante do contexto do campo de concentração de Auschwitz uma nova perspectiva diante da morte que, para alguns, era iminente; para outros era uma espera, e para outros era uma realidade visível diante dos olhos (quando viam companheiros serem mortos, por exemplo). O relato dos campos de concentração e sua fuga da morte diária, ou ao menos da busca daquela possibilidade de existência, mostram o ser humano que ressignifica sua história, sua aprendizagem, suas conquistas. No campo de concentração tudo perde sentido de existência e, ao mesmo tempo, recebe uma nova análise:

Estávamos ainda na primeira fase da reação psicológica. Face à situação sem saída, ao perigo de morte a nos espreitar a cada dia, a cada hora e minuto, face à proximidade da morte de outros, da maioria, era natural que quase todos pensassem em suicídio, mesmo que apenas por um momento. Em virtude de minha ideologia básica, que se esclarecerá adiante, na primeira noite em Auschwitz, pouco antes de adormecer, fiz a mim mesmo a promessa, uma mão apertando a outra, de 'não ir para o fio'. Esta expressão, era corrente no campo, designava o método usual de suicídio: tocar no arame farpado, eletrificado em alta tensão. Tomar a decisão negativa de não 'ir para o fio' não era difícil. Afinal de contas, a tentativa de suicídio não fazia muito sentido. O mero cálculo de probabilidade, a 'expectativa de vida' estatística praticamente excluía o prisioneiro comum do mínguado percentual daqueles que ainda sobreviveram às seleções vindouras, dos mais diversos tipos. Em Auschwitz, o internado em estado de choque não tem medo algum da morte. Nos primeiros dias de sua estada, a câmara de gás nem de longe representa um horror. Para ele, a câmara de gás é algo que o poupa de cometer suicídio.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido* – Um Psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008. pág. 32.

A busca do sentido da vida torna possível a ressignificação da história pessoal, mas é também um itinerário de passagem (Páscoa). Sistematizar as reações em momentos cruciais da vida faz o ser humano sair de uma situação até então confortável para uma crise existencial e, dessa crise, para uma resolução que permite a possibilidade de uma vida mais saudável com os sentimentos. O ser humano, diante do limite, tem duas possibilidades: ficar estático ou a mudar de perspectiva. A morte possibilita a todo ser humano um novo olhar de como enfrenta a realidade, de como pode modificar vícios e potencializar virtudes. Contudo, como se pode ver até o presente momento, há um circuito antropológico capaz de potencializar o sentido ou tornar o futuro impossível.

O homem pós-contemporâneo vive uma revolução tecnológica. De alguma forma, a pandemia do COVID-19 forçou que o ser humano se fizesse presente em tantas áreas de conhecimento que antes não estava ou que se forçou a aprender. Em torno a todas essas realidades novas e incertas que nasceram com a pandemia, surge de novo a pergunta sobre o sentido da vida. Porém, a realidade da morte continua a existir e, novamente, a resiliência não está só em enfrentar a realidade da morte, mas também em reconhecer a sua existência. Portanto, a morte não é só um fato ou realidade concreta que cada pessoa necessita ressignificar em sua vida, como também é realidade que precisa ser considerada como ponto concreto a ser desenvolvido. Se resiliência é a capacidade de adaptação diante de mudanças, a morte não pode ser mudada, mas necessita do reconhecimento e do enfrentamento do enlutado. Resiliência é a capacidade de adaptação: diante da morte, torna-se a adaptação da finitude humana, isto é, adaptação de um ser humano que não pode tudo, mas que deve buscar sentido para tudo o que faz.

A ciência tem avançado grandemente, seja na área de saúde, na astronomia, na biologia, contudo a realidade do fim perpassa todas essas áreas. Ainda que haja descobertas que possibilitem o ser humano viver muito mais, a morte será realidade necessária de elaboração e de adaptação. Nesse sentido, a resiliência precisa ser entendida como processo de preparação, elaboração e ressignificação.

## 1.7 Morte: esperança cristã

No caminho ascético da vida cristã, o ponto de reflexão do mistério da morte sempre foi elaborado<sup>44</sup>. Sua estrutura olha para a realidade presente como um caminho de preparação para a vida futura e o fim da história humana. Recorda-se o que ensina a fé católica:

A Igreja encoraja à preparação da hora de nossa morte ('Livrai-nos, Senhor, de uma morte súbita e imprevista': antiga ladainha de todos os santos), a pedir à Mãe de Deus que interceda por nós 'na hora de nossa morte' (oração da 'Ave-Maria') e a entregar-se a São José, padroeiro da boa morte:

'Em todas as tuas ações, em todos os teus pensamentos deverias comportar-te como se tivesses de morrer hoje. Se tua consciência estivesse tranquila, não terias muito medo da morte. Se não estás preparado hoje, como o estarás amanhã?'

'Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal, da qual homem algum pode escapar. Ai dos que morreram em pecado mortal, felizes aqueles que ela encontrar conforme a vossa santíssima vontade, pois a segunda morte não lhes fará mal' (CEC, 1014)

Entretanto, é possível perceber que, mesmo fazendo parte integral do conteúdo cristão, a morte é ainda um tabu para cristãos. Se no início da fé cristã a morte era tida como algo da vida do cristão, a tal ponto de se dizer "*vere dies natalis*" (dia do nascimento), nos tempos atuais, parece estar desconexa com a realidade. Somente quando o evento morte (de alguém, ou a doença eminente causadora da morte) possibilita e reflexão sobre a finitude da vida e seu olhar para temas escatológicos. Se os místicos carregavam desejos de finitude para encontrar-se com Deus, esse era fruto de uma radicalidade à fé em Jesus Cristo. Possivelmente tanto mais imersos em um caminho ascético e inseridos na realidade concreta, tanto mais o diálogo sobre a morte encontra ressonância.

Diante da realidade da finitude da vida humana há um hiato entre a vida do homem contemporâneo (capaz de desenvolvimentos científicos sofisticados, numa rede cada vez mais interligada de relações e comunicações), e a realidade da morte, sendo essa obscurecida (deixada em último plano) ou excluída. Na juventude é possível ver a ausência<sup>45</sup> da reflexão sobre a morte: o jovem é carregado de um impulso que faz dele uma pessoa de coragem sem

---

<sup>44</sup> Aqui recorda-se dois autores que no seu caminho espiritual escreveram obras que preparavam para a morte: de São Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*. Rio de Janeiro: Vozes, 1958. Santo Afonso Maria de Ligório, *Preparação para a morte: considerações sobre as verdades eternas* (c. VI, 2). Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2018.

<sup>45</sup> Importante analisar também que hoje os jovens tem um grande medo de se sentirem sozinhos. Em certo sentido aparece nesse medo a finitude do ser humano, pois na juventude há o desejo sempre maior e mais forte de ser aceito pelos demais, dentro de um grupo social.

medidas, o que infelizmente em algumas situações é causa de tragédias e até de morte de alguns deles (um exemplo disso são as inúmeras vítimas de violência no trânsito<sup>46</sup>). Se na juventude fica mais claro o distanciamento entre o pensamento da morte e a vida cotidiana, também é verdade que, em outras etapas da vida, não há uma reflexão maior sobre o tema. Finitude, limite, conclusão são palavras que a sociedade líquida e contemporânea descarta, gerando assim uma cultura do descarte<sup>47</sup>: descarte da pessoa humana, da história, do passado, de valores humanos. Nesse sentido o ser humano se encontra – talvez mais do que em qualquer outro período da história – em busca do sentido de sua vida. E é a partir desse ponto que a morte se torna relevante na vida do homem e da mulher.

Quando o ser humano busca sentido para sua existência, procura aplicar novas ações frente às realidades da vida. A compreensão biológica do corpo, que perde células diariamente e que se regenera, aponta para a compreensão da vida humana sob novo olhar<sup>48</sup>. Reconhecer limites e potências, fragilidades e aptidões e, acima de tudo, compreender que a realidade do fim faz parte da existência humana, abre um horizonte para uma “vida nova”. A morte deixa de ser uma “vilã” para apontar caminhos que antes não eram imaginados e, ainda, é capaz de tornar possível uma vida com maior qualidade em todos os aspectos (saúde, relações de proximidade, religiosidade, reconciliação, etc).

A fé cristã tem uma resposta para a realidade da morte, mostra a esperança que nasce a partir do evento Jesus Cristo que, com sua morte e ressurreição, possibilita novo horizonte para o tema da finitude humana, concluindo com a ressurreição da carne. Diante da morte não está o fim, mas o início; está o encontro entre Criador e criatura, assumindo sim as consequências de toda uma vida, isto é, da busca da verdade, da caridade, da correspondência com todo um testemunho de vida, de uma multidão de homens e mulheres. Também diante da realidade da morte, para os cristãos, surgem as incoerências assumidas ao longo da vida, e também essas são causas de purificação. Portanto, a esperança cristã é o que dá sentido para as ações do homem e da mulher, pois lança o tempo presente diante do futuro, dando sentido ao presente olhando o que será o futuro.

---

<sup>46</sup> Segundo análise da OMS, do ano de 2018, 73% das mortes do planeta são de jovens com idade até os 25 anos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/06/jovens-sao-as-maiores-vitimas-do-transito-no-mundo.shtml>. Acesso: 22 de maio de 2020.

<sup>47</sup> PAPA FRANCISCO, Mensagem para o XXVIII Dia Mundial do Doente. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco\\_20200103\\_giornata-malato.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20200103_giornata-malato.html). Acesso: 1º de junho de 2020.

<sup>48</sup> PASA, Fabiane Maria Lorandi. “*Eles partiram cedo*”: *Morte, Luto e Resiliência diante da Fé Cristã*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Pág. 16.

## 2. ESPERANÇA CRISTÃ: CRER NA RESSURREIÇÃO DA CARNE

Na Tradição de Hipólito de Roma encontramos o artigo de fé, “creio na ressurreição da carne” (DH 10). A fé em Jesus Cristo ensina que, após a morte, haverá vida e vida em plenitude (cf. Jo 10, 10). Os justos viverão a felicidade eterna, enquanto os maus a perdição eterna (cf. Mt 25, 46). A esperança cristã apresenta um sentido para o tempo presente, pois este tem implicações para a eternidade, “pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso. Não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (cf. 2Cor 4, 17-18). No Magistério, o tema da esperança cristã foi sendo desenvolvido e crescendo sempre mais. O Concílio Vaticano II continuou esta reflexão tão importante, pois trata da realidade última, isto é, do sentido da vida para os cristãos; pois haveria de se questionar, o que esperar depois de ter amado os pobres, acolhido o estrangeiro, vivido as bem-aventuranças. No documento sobre a relação da Igreja e o Mundo, *Gaudium et Spes*, ao falar de Cristo como Homem novo, aponta para o que deve ser o homem a partir de Cristo. E, para isso, apresenta as implicações da fé em Jesus Cristo, a capacidade que nasce de viver a “lei nova do amor”, para chegar assim à ressurreição do último dia:

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogênito entre a multidão de irmãos, recebe ‘as primícias do Espírito’ (Rm 8, 23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, ‘penhor da herança’ (Ef 1, 14), o homem todo é renovado interiormente, até a ‘redenção do corpo’ (Rm 8, 23): ‘se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita’ (Rm 8, 11). É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança. (GS 22)

A elaboração da fé na ressurreição da carne vai se esmiuçando, pois, simplesmente dizer creio na vida eterna, poderia ser algo totalmente vazio e podendo beirar a indiferença. No caminho da esperança cristã, para compreender a vida eterna e a ressurreição – resposta cristã aos enlutados – sem uma sólida base de conceitos não se pode caminhar numa pastoral que auxilie tantas pessoas que passam por momentos de fragilidade ocasionados pela morte.

## 2.1 A morte de Cristo

Antes de continuarmos a reflexão sobre a ressurreição da carne, é mister recordar o tema da morte de Cristo, pois a morte humana e a morte de Cristo são semelhantes, mas não se igualam. A morte humana é preço do pecado, nos recorda o Catecismo da Igreja Católica (nº 1008). O mistério da encarnação apresenta a máxima de que tudo o que foi assumido, também foi redimido<sup>49</sup> e, portanto, Jesus assume nossa natureza humana na sua totalidade (exceto o pecado):

[...] Deve-se professar que ele, Sabedoria, Verbo Filho de Deus, assumiu nosso corpo humano, alma, sentir, isto é, o Adão inteiro, e, para dizê-lo ainda mais expressamente, todo o nosso homem velho, sem o pecado. Como, de fato, ao professar o que ele assumiu um corpo humano, não lhe atribuímos logo também as paixões humanas dos vícios, assim também, ao afirmar que ele assumiu a alma e o sentir do homem, não dizemos logo que ele se tenha submetido ao pecado dos pensamentos humanos. (DH 148).

Somente o Verbo poderia regenerar o que o pecado havia destruído, portanto, ao assumir a natureza humana possibilita a salvação, o princípio da *lex orandi, lex credendi* se faz necessário para recordar o mistério da encarnação: “ao tornar-se ele um de nós, nós nos tronamos eternos”<sup>50</sup>. Por sua dignidade de Pessoa Divina, pela obediência ao Pai e pela encarnação, Jesus transpõe a barreira da morte, abrindo, assim, a vida eterna. Contudo recordamos que sua morte não é igual da humanidade, mas carrega uma missão: morro no lugar do ser humano, para assim vencer a morte e o pecado.

A morte carrega a limitação das criaturas feridas pelo pecado (natureza, animais, homens e anjos), no campo pessoal e não biológico<sup>51</sup>, neste sentido só pode enfrentar o mal ocasionado pelo pecado (no qual a morte natural é sua consequência), Aquele que é mais forte do que a morte (cf. Ct 8, 6). E duas características são fundamentais para compreender ainda mais o mistério da morte de Jesus: a obediência ao Pai e a liberdade

É por meio da morte livre que Cristo realiza a obra redentora do homem, perpassada pelo vínculo da obediência existente com o Pai. Cristo toma sobre si a morte, que na

---

<sup>49</sup> PG 37, 181.

<sup>50</sup> MISSAL ROMANO, Prefácio de Natal II.

<sup>51</sup> Cf. SUSIN. Luiz Carlos. *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018. Pág. 96.

ordem concreta é expressão e visibilidade da criação, queda dos anjos e do homem. A morte é manifestação visível do pecado no mundo, enquanto que a morte de Cristo é a manifestação da misericórdia ao mundo vencendo a morte com morte. Precisamente por causa de seu caráter velado, a morte de Cristo torna-se expressão e corporeidade de sua obediência e amor, da entrega gratuita a Deus de todo o seu ser.<sup>52</sup>

A morte de Cristo torna-se teofania do amor de Deus pela humanidade. Jesus não morre só para que se confirmem as Escrituras (cf. 1Cor 15, 3) e para que sua missão chegue a fim e a cabo, mas torna possível a compreensão do amor misericordioso de Deus pela humanidade. O que se havia perdido com a morte, ou a figura do homem “pré-lapsário” no seu estado original de pureza<sup>53</sup>, o “rosto da misericórdia do Pai”<sup>54</sup> restitui a sua imortalidade. O anúncio do Reino de Deus não quer a morte mas a vida, porém as consequências deste anúncio fazem Jesus experienciar a derrota e a fragilidade (dando inclusive um novo sentido a elas<sup>55</sup>), tendo como final de tudo a ressurreição. O destino final da morte de Jesus é a ressurreição, a vitória sobre o diabo, o pecado e a morte. O Mistério Pascal, a entrega de sua vida com sua morte, sendo obediente como “ovelha levada ao matadouro” (cf. Is 53, 7), e sua ressurreição como fruto de sua obediência e liberdade, transformaram a morte em Páscoa: passagem da morte para a vida.

## 2.2. Ressurreição no Antigo Testamento

A fé do povo hebreu é uma fé baseada em um Deus vivo, “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14), toda promessa de Senhor destina-se à vida de um povo<sup>56</sup>. Essa vida é marcada pela Aliança, o Senhor-Adonai é aquele que é fiel em todos os momentos da história, apesar do povo ser infiel na promessa da Aliança. No itinerário de reconhecimento de povo da promessa, povo de Deus, esse povo faz a experiência da vida e da morte. O Êxodo marca o início de uma reflexão acerca da vida eterna para os hebreus. O evento do Êxodo é marcante para Israel, pois a realização da libertação identifica um ponto reflexivo de reconhecer-se como grupo eleito do

---

<sup>52</sup> BOCK, Vanderlei Mengue. *O culto devido aos mortos como lugar teológico a partir do tratado: O Cuidado Devido aos Mortos*, em Santo Agostinho. Porto Alegre. PUCRS, 2018. Pág. 71.

<sup>53</sup> Cf. SUSIN. Luiz Carlos. *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018. Pág. 96.

<sup>54</sup> PAPA FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* - Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Brasília. Edições CNBB, 2015.

<sup>55</sup> JOÃO PAULO II. Carta Apostólica – *Salvifici Doloris: O Sentido Cristão do Sofrimento Humano*. São Paulo. Edições Paulinas, 1988.

<sup>56</sup> Cf. SUSIN. Luiz Carlos. *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018. Pág. 172.

Senhor-Adonai. Na caminhada em busca da terra prometida, no diálogo com Aquele que É, a história tem um início e toda ela é marcada por essa experiência,

Também de outra experiência do povo hebreu que nasce um novo olhar. O evento do Exílio (importante acrescentar o pré-exílio e o pós-exílio), possibilita um novo olhar, pois diante da construção, do apogeu, de algumas conjecturas políticas (grupos de famílias, clãs, até a monarquia), à ruína e reconstrução do povo de Israel, nasce a possibilidade da esperança, como recorda Brustolin em sua obra:

A abertura ao futuro de Deus em Israel adquire renovado sentido com os profetas. Eles se encontram entre a tradição da eleição e a história da promessa. A experiência da destruição de Jerusalém e o processo de escravização do povo provocam uma ruptura na caminhada. O drama vivido faz com que os profetas remetam a esperança para um futuro maior. Nasce, então, a percepção escatológica do tempo.<sup>57</sup>

Dessa forma, de início, a fé na ressurreição, quando se parte do Antigo Testamento, não se apresenta tão clara, pois a experiência do povo com o Senhor é dinâmica e, portanto, vai se complementando. Numa visão superficial, os textos carecem de uma base sobre a vida eterna, ou, ao menos, trazem conceitos dúbios. Analisando a questão da morte nos textos da Antiga Aliança é possível encontrar duas possibilidades: a morte como algo ruim, pois é fruto da desobediência de Adão (cf. Gn 2, 4b-4, 26); e a morte pode se tornar a conclusão de uma vida honesta e justa (cf. Jó 5, 26). Essas possibilidades “duelam” entre si na leitura do Antigo Testamento, esta oposição entre vida e morte é percebida em graus<sup>58</sup>. No texto de 1Sm 2,6 é possível perceber essa proximidade, “É Iahweh quem faz morrer e faz viver, faz descer ao Xeol e dele subir”. Bênção e saúde são sinal de vida do povo, portanto o Senhor é maior que a morte; maldição e doença, são sinais do abandono do Senhor pela infidelidade de seu povo.

O desenvolvimento sobre a escatologia, sobre a doutrina das últimas coisas, no Antigo Testamento possui um conteúdo muito amplo e ao mesmo tempo muito restrito, pois o que se compreende no Novo Testamento à parusia não há sinônimo no hebraico<sup>59</sup>. Contudo, John J.

---

<sup>57</sup> Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo Vem: ... a parusia na escatologia cristã*. São Paulo. Paulus, 2001. Pág. 67.

<sup>58</sup> Cf. SANTOS, Eduardo da Silva. *A ressurreição da carne: estudo comparativo entre a posição de teólogos contemporâneos e a posição tradicional da Igreja sobre o momento da ressurreição da carne*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997. Pág. 47.

<sup>59</sup> Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo Vem: ... a parusia na escatologia cristã*. São Paulo. Paulus, 2001. Pág. 19.



Collins faz um comentário sobre este tema da escatologia, direcionado aos livros proféticos (mas não só a eles):

Nos estudos bíblicos, ele tem uma perspectiva mais ampla e se refere à expectativa de qualquer mudança decisiva no curso da história através da intervenção de Deus. Os profetas em princípio, estavam interessados no destino de Israel e de Judá. Quando Amós declarou que 'Israel, meu povo, está maduro para o seu fim' (Am 8,2), ele não estava conjeturando sobre o fim do mundo, mas somente sobre o fim de Israel, como uma entidade política. Entretanto, é importante notar que os profetas frequentemente usavam imagens cósmicas, isto é, eles falavam de crises históricas particulares como se elas envolvessem a destruição ou a renovação do mundo.<sup>60</sup>

O anúncio profético da reconstrução, contido nos textos do pós-exílio, demonstra um sinal de novo tempo em Israel, mas não somente cronologicamente, isto é, na história do povo, mas apresenta um novo horizonte sobre Israel. Por isso, os profetas dos períodos de reconstrução do povo da aliança vislumbram uma nova vida, com plenitude, com longevidade, marcada pelas bênçãos do Senhor-Adonai. Os profetas apresentam uma escatologia nacional e uma escatologia cósmica; Israel não está dissociado da obra do Criador, daquele que lhe libertou da opressão dos egípcios (Ex 14, 15-31), da marca da escolha de Adonai por um povo. A visão cósmica relativa do mundo visível é encontrada no culto, reflexo da grandeza da fé naquele que irá restaurar o povo eleito e as demais coisas. Oséias, Malaquias, Joel, Zacarias, Isaías são alguns dos profetas que apresentam um olhar escatológico para além da história (baseados na restauração de Israel). Em Isaías, por exemplo, dois indicativos são possíveis, a salvação e a destruição, e a linha pela qual perpassa os dois temas é o julgamento, uma nítida relação com o fim da história.

Essa análise histórica e cósmica fica ainda mais clara com o profeta Ezequiel, em especial no relato de 37, 1-14 (os ossos ressequidos). Três imagens manifestam essa clareza: o profeta, que é colocado em local de espectador (o olhar do “filho do homem”), os ossos ressequidos e o hálito que sopra. Diante do exílio Israel, os hebreus se encontram somente num pequeno resto, porém, essa pequena nação é símbolo da restauração do povo inteiro. A retomada da terra e, por consequência, do poder temporal, fará o povo eleito ressuscitar; não há uma citação literal enquanto ressurreição compreendida no Novo Testamento, mas,

---

<sup>60</sup> Cf. COLLINS, John J. In: R. BROWN, J. FITZMYER e R. MURPHY. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Tradução Celso Eronides Fernandes. São Paulo. Ed. Academia Cristã LTDA; Paulus, 2007. Pág 604.

implicitamente, esta restauração é o novo nascimento do Povo de Israel, uma ressurreição nacional e cósmica (litúrgica).

Até aqui temos uma visão de ressurreição que tem em vista um olhar para a realidade de um povo eleito, que tem na feliz espera no futuro a esperança de dias melhores. Na linha dos profetas, surge a posição que apresenta o conceito de ressurreição sendo refletido em Israel no começo do século II a.C., antecedida pela perseguição de Antíoco Epífanes:

[...] depois das perseguições de Antíoco Epífane contra os que se opunham a helenização do povo judeu e queriam salvaguardar as prescrições da lei mosaica tal como era interpretada naquela época. Sendo Deus o Senhor e dispensador da toda vida, não deveria, por amor de seu povo, devolver a vida aos que haviam se sacrificado por serem fiéis a ele? Acaso Deus poderia deixar morrer definitivamente aqueles que o amavam ao ponto de terem dado a vida por ele? Não. Deus é fiel em suas promessas. Em um futuro mais ou menos distante devolveria a vida aos que haviam realizado o sacrifício de serem fiéis a sua Lei. Isso é o que afirma o profeta Daniel e o autor do Segundo livro dos Macabeus.<sup>61</sup>

Este conceito aparece como resultado da fidelidade de Deus para com aqueles que foram fiéis no cumprimento da Lei, diante da perseguição. O profeta Daniel vislumbra uma recompensa para aquela parte do povo hebreu que foi fiel. A base para o escrito de Daniel está no profeta Isaías (na escola profética de Isaías). No capítulo doze de Daniel é possível analisar o tempo do julgamento (Dn 12, 1-4), os sinais apocalípticos: sendo o tempo marcado por dores do povo (angústia), os injustos perecerão, o profeta deve guardar a palavra do Senhor. Porém, no dia da grande provação, haverá um povo justo; a dúvida que recai é sobre o que acontecerá com estes que viveram corretamente. Dentro deste contexto, o desenvolvimento da escatologia judaica começa a ser melhor desenvolvida<sup>62</sup>, termos de Isaías aparecem no texto de Daniel, como sinônimos de ressurreição.

O povo hebreu possui uma antropologia própria da sua cultura, da qual não possui sua base na formação antropológica dos gregos (ou pelo menos não possui tanta influência inicial,

---

<sup>61</sup> “... después de las persecuciones de Antíoco Epífanes contra los que se oponían a la helenización del Pueblo judío y querían salvaguardar las prescripciones de la ley mosaica tal como era interpretada em aquella época. Ya que Dios era el Señor y dispensador de toda vida, ¿no debería, por amor a su Pueblo, devolver la vida a los que la habían sacrificado por ser fieles a él? ¿Acaso podía Dios entregar definitivamente a la muerte a los que lo amaban hasta el extremo de morir por él? No. Dios es fiel a sus promesas. En un futuro más o menos lejano devolveria la vida a los que habían sacrificado por ser fieles a su Ley. Esto es lo que afirman el profeta Daniel y el autor del Segundo libro de los Macabeos”. Cf. BOISMARD, Marie-Émile. *¿Es necesario aún hablar de ‘ressurrección’?* Los datos bíblicos. Bilbao. Editorial Desclée de Brouwer, S.A., 1996. Pág. 17.

<sup>62</sup> Cf. BOISMARD, Marie-Émile. *¿Es necesario aún hablar de ‘ressurrección’?* Los datos bíblicos. Bilbao. Editorial Desclée de Brouwer, S.A., 1996. Pág. 18.

pois o próprio movimento de helenização em Israel levará a adaptações históricas). A ideia sobre a vida eterna, ou a felicidade dos justos para o povo de Israel, tem um ganho com o exílio, pois dele se abre a esperança. Um caminho antropológico novo nasce: o homem tem esperança. Esperança que não só lança para o futuro, a vida eterna, a vida feliz na eternidade, mas também lança para o passado, pois olha o passado com uma amplitude maior e, por que não dizer uma visão mais generosa da libertação?

Diante do olhar de esperança que nasce da experiência do Exílio (relida também a partir do Êxodo), a antropologia hebraica apresenta uma visão de concepção do homem diferente da grega (corpo e alma), analisa o ser humano sob aspectos constitutivos da natureza humana: *nèfesh* (alma, espírito) e *bâsâr* (carne). Porém alma e espírito distintos do dualismo platônico. Aqui se faz necessária uma distinção e compreensão destes conceitos, pois desta visão de pessoa abre-se uma melhor compreensão de ressurreição no Antigo Testamento e as suas consequências. No livro do Gênesis vemos que Deus forma do pó da terra, da argila, de uma realidade concreta na qual o seu autor é o ceramista: é Ele quem molda, mas é também Ele que lhe oferece o sopro de vida. No *bâsâr*, na carne, está a relação com o concreto, aquilo que é criado (inanimado); no *nèfesh* está a potência de resposta, de criatura que se relaciona<sup>63</sup>. O *nèfesh* é a vida, é o que possibilita o diálogo na carne:

O humano é um ser dialógico, que diz a sua palavra diante do seu Criador. Finalmente, é um corpo-no-mundo para realizar no mundo o mandamento e a missão que dão vida. Não há contraposição ou composição dualista – corpo e alma em sobreposição ou junção –, mas ‘copro animado’ para praticar o bem, a justiça. A vida do ser humano é uma relação com Deus e com o mundo, graças ao corpo animado de sopro – espírito humano ou corpo espiritual – que não é só vivente com os animais e vegetais em geral, mas é espiritualmente dialógico e responsável.<sup>64</sup>

Tendo por base estes conceitos, podemos compreender a fé na vida eterna contida no Antigo Testamento. A morte é uma entrega total de si mesmo, da mesma forma que o Senhor-Adonai proferiu a palavra criadora do ser humano, a morte é entrega total de si ao Criador, reconhecendo que Deus é indestrutível e que a morte não é o fim ou como o Antigo Testamento se refere o *Sheol* (a palavra *Sheol* é compreendida como morada dos mortos. Em numerosas

---

<sup>63</sup> Há ainda uma palavra em hebraico que se refere a espírito, *ruah*. É possível traduzir *nèfesh* e *ruah* por espírito, contudo no hebraico a referência de *ruah* está para o Espírito que cria todas as coisas do nada (Gn 1, 2: “e um sopro de Deus agitava”).

<sup>64</sup> Cf. SUSIN. Luiz Carlos. *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018. Pág. 172.

passagens *Sheol* significa só a morte ou sepultura. *Sheol* é também compreendido ou traduzido por *Hades* dos gregos. Também é compreendido como limite de todo o Universo)<sup>65</sup>. Porém sem *nêfesh* não existe o *dâbâr*; não existe corpo sem espírito, sem alma. *Nêfesh* e *dâbâr* não são conceitos dualistas, mas um princípio de unidade vital, da qual o ser humano é ou existe enquanto “carne criada e sopro inflado”<sup>66</sup>. A partir daí a compreensão de vida eterna no Antigo Testamento, se desdobra da esperança que nasce da coerência de vida daqueles que buscaram ser fiéis ao Deus Criador.

A esperança que vai sendo desenvolvida desde a experiência do Êxodo, com os profetas, é melhor elaborada para assim tornar-se conteúdo da fé do povo hebreu. No texto de 2Macabeus a profissão de fé dos jovens que preferem a morte do que a infidelidade ao Senhor-Adonai, deixa clara a esperança da vida eterna, da ressurreição: “Estando ele já próximo a morrer, assim falou: É desejável passar para a outra vida às mãos dos homens, tendo da parte de Deus a esperança de ser um dia ressuscitado por ele. Mas para ti, ao contrário, não haverá ressurreição para a vida!” (2Mac 7, 14). A evolução da compreensão da criação do mundo e do homem repercute diretamente na evolução do futuro de Israel. Pode Deus criar “ex nihilo”, do nada, logo pode Deus também recriar os mortos. Assim a fé na ressurreição muito mais que pessoal, ou acontecimento individual ao povo de Israel, refere-se à fé do povo eleito. Na fidelidade ao Senhor-Adonai, na busca de corresponder a Aliança, a resposta de Deus será a ressurreição, a vida eterna.

### 2.3. Ressurreição no Novo Testamento

---

<sup>65</sup> Cf. MCKENZIE, John L. *Xeol*. Dicionário bíblico. São Paulo Paulus, 1983. Págs 972-973.

<sup>66</sup> AQUINO, Tomás. *Contra Gentiles*, L IV, C. 79. “Ad ostendendum etiam resurrectionem carnis futuram evidens ratio suffragatur, suppositis his quae in superioribus sunt ostensa. Ostensum est in Secundo animas hominum immortales esse. Remanent igitur post corpora a corporibus absolutae. Manifestum est etiam ex his quae in Secundo dicta sunt, quod anima corpori naturaliter unitur: est enim secundum suam essentiam corporis forma. Est igitur contra naturam animae absque corpore esse. Nihil autem quod est contra naturam, potest esse perpetuum. Non igitur perpetuo est anima absque corpore. Cum igitur perpetuo maneat, oportet eam corpori iterato coniungi: quod est resurgere. Immortalitas igitur animarum exigere videtur resurrectionem corporum futuram”. “Suposto o que acima está dito, uma razão evidente virá sufragar a verdade da futura ressurreição da carne. Com efeito, acima foi demonstrado que as almas humanas são imortais, permanecendo, depois dos corpos, libertadas dos corpos. Depreende-se também do que no mesmo livro está escrito que a alma se une naturalmente ao corpo, pois é essencialmente a forma do corpo. Por conseguinte, é contrário à natureza da alma estar fora do corpo. Ora, nada do que é contra a natureza pode perpetuar-se. Logo, as almas não ficarão para sempre sem corpos. Por conseguinte, permanecendo elas para sempre, devem unir-se novamente aos corpos. E nisto consiste a ressurreição. Por isso, parece que a imortalidade da alma exige a futura ressurreição dos corpos”.

A partir do Novo Testamento é possível encontrar uma visão nova sobre a morte e sobre a vida eterna. Havia grupos judaicos na época de Jesus que tinham visões diferentes sobre o tema da ressurreição. Aqui buscaremos olhar para os Evangelhos e para as cartas de Paulo, sem esquecer de recordar os grupos da época de Jesus, fazendo uma pequena síntese da fé na ressurreição a partir do Novo Testamento.

### 2.3.1 A Ressurreição nos Evangelhos

O cerne dos Evangelhos é a narrativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus. A escrita dos Sinóticos e em João se desenvolve dentro do mistério de oferta de vida de Jesus, que sofre a condenação à morte por afirmar ser o Messias. Porém, a condenação de Jesus e todo o seu processo não ocorre num momento estanque, mas é consequência de todo o seu anúncio sobre o Reino de Deus e as suas implicações. Os grupos sociais da época olham para Jesus com desconfiança. Fariseus<sup>67</sup> e Saduceus<sup>68</sup> eram grupos que possuíam pensamentos distintos acerca da ressurreição. No grupo dos fariseus, a fé na ressurreição era comum, fruto da reflexão posterior dos profetas pós-exílio, o que não se encontra com os saduceus, baseados no culto e nas leis. Somente este embate seria o suficiente para que Jesus não fosse bem quisto, e que o anúncio do Evangelho levasse Jesus para a sua condenação.

Na pregação do Reino de Deus, Jesus anuncia uma vida futura como, por exemplo, nas parábolas do Reino: Mt 13, 36-43 (parábola do joio e do trigo); Mt 13, 47-50 (parábola da rede); Lc 16, 19-31 (parábola do homem rico e o pobre Lázaro). Com estas parábolas, é possível

---

<sup>67</sup> “A tradução literal de fariseus é ‘separados’, do hebraico *perusim*, porque se separaram dos que não queriam observar seriamente a lei e interpretavam-na de modo diferente. Eles também eram conhecidos como companheiros, como sugere a palavra *haber*, também usada para fariseu. Por causa disso, havia muita semelhança entre a comunidade de Qumrân e a comunidade farisaica. A importância política aumentou com a chegada dos romanos, pois, como o sinédrio tornou-se autoridade da administração autônoma hebraica e colaboracionista, passaram a fazer oposição à dominação romana. (...) com o caráter realista e a destruição do Templo (70 d.C.), e faltando o apoio para os saduceus, grupos sacerdotais, o farisaísmo torna-se o judaísmo normativo. (...) Esperavam a ressurreição com o corpo e ensinavam que o juízo individual aconteceria logo após a morte, e o juízo universal no fim dos tempos”. Cf. HACKMANN, Geraldo L. B. *Jesus Cristo, nosso Redentor. Iniciação à cristologia como soteriologia*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997. 2ª Ed. Págs 53-54.

<sup>68</sup> “Os saduceus eram a nobreza sacerdotal, originários do sacerdote Sadoc. Exerciam a função cultural e poder político. Como eram abertos à colaboração política com os povos vizinhos da Judéia, enfrentavam a oposição dos ‘piedosos’, contrários à helenização do judaísmo. Do ponto de vista ideológico, caracterizavam-se por não aceitar a ressurreição (At 23,8) e acreditar em espíritos bons e maus, o que lhes dava uma imagem dualista do mundo”. Cf. HACKMANN, Geraldo L. B. *Jesus Cristo, nosso Redentor. Iniciação à cristologia como soteriologia*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997. 2ª Ed. Pág 51.

encontrar o anúncio da vida eterna para aqueles que viveram a Lei do Amor, a plenitude da Aliança que Jesus veio anunciar. Outros textos dos Evangelhos narram sobre a promessa da eternidade, seja para a salvação eterna, seja para a perdição eterna. A correspondência aos ensinamentos de Jesus leva a vida, leva ao céu; a não correspondência aos ensinamentos leva à morte eterna: o inferno. Jesus inicia sua missão levando a mensagem do Reino de Deus, que consiste em reconhecer que a realidade do reino já está presente, mas que irá acontecer, pois ela ainda não é em plenitude. A grande novidade de Jesus é o anúncio do Reino de Deus associado com sua Pessoa, Jesus de Nazaré, que é o Filho de Deus enviado ao mundo, portanto a novidade do anúncio do Reino de Deus é ele referir-se ao próprio Jesus<sup>69</sup>. A ressurreição é obra da salvação operada por Cristo Jesus.

Ao se falar de ressurreição se fala da salvação realizada por Cristo. A ressurreição da carne no Novo Testamento é compreensão soteriológica fundamentada em Cristo Jesus. É promessa aos que vivem como autênticos discípulos, recorda-se o Sermão da Montanha (o evangelho de Mateus, os capítulos 5, 6 e 7), mas também o reconhecimento dos pecados, e recorda-se também do ladrão arrependido (Lc 23, 43). Se, portanto, o Reino de Deus está inserido no contexto da Pessoa de Jesus Cristo, ao referir-se à ressurreição faz-se necessário visualizar os relatos da morte e ressurreição de Jesus, pois estes contêm a promessa de vida eterna, ainda que nos textos neotestamentários apontem para a ressurreição no último dia; o que aconteceu com Jesus acontecerá com a humanidade no fim da história.

Os evangelistas Marcos, Mateus, Lucas e João apresentam em seus textos o relato do túmulo vazio e o anúncio às mulheres da ressurreição, acrescentando depois narrativas próprias em cada relato (cf. Mc 16, 1-19; Mt 28, 1-20; Lc 24, 1-53; Jo 20, 1-21, 25). Em seus relatos está a experiência com o Cristo Ressuscitado e também a fé nessa nova realidade, da qual eles participam ou que lhes foi anunciada; a lógica do evento da ressurreição não é a lógica até então concebida e estabelecida, isto é, a manifestação inicial não ocorre a um grupo social da época, mas às mulheres, nem mesmo os Apóstolos são os primeiros a encontrarem Jesus ressuscitado. Nessa escolha dos rejeitados de Israel (“do resto”) é que a esperança renasce, todo o cabedal doutrinal que o povo da Antiga Aliança havia construído acerca da fé na ressurreição da carne agora se realiza em Jesus Cristo. A ação salvífica de Deus, que ressuscita Jesus dos mortos, é o combustível que faz não só crer na ressurreição da carne, mas também participar da salvação manifestada ao mundo em Cristo Jesus, como recorda Fabiane Pasa:

---

<sup>69</sup> Cf. ANCONA, Giovanni. *Escatologia cristã*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo. Edições Loyola, 2013. Pág. 236.

A ressurreição é o vértice da escala das ações salvíficas de Deus. Reconhecer o evento como fato não é o mais importante; porém, aceitá-lo como um ato salvífico é crer nele e alcançar a salvação que nele se realiza. Em *Jo*, Jesus elogia a fé na ressurreição. “Jesus disse a Tomé: ‘Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!’<sup>70</sup>

Portanto, a fé na ressurreição da carne neotestamentária aponta para Cristo que é o centro da vida eterna. Não é o corpo ou a alma individual do ser humano na qual consiste a fé na ressurreição, mas é a partir do evento da ressurreição de Cristo que se crê que é Ele, Jesus, a “causa e norma para a esperança da ressurreição dos mortos”<sup>71</sup>. Cristo é causa da ressurreição, não só efeito da promessa e da fé do povo hebreu, mas é Ele mesmo quem a realiza em plenitude.

### 2.3.2 Ressurreição da carne nas Cartas de Paulinas

As cartas de São Paulo são os primeiros escritos do Novo Testamento, trazem de modo muito claro e direto a fé na ressurreição da carne. A centralidade da obra paulina está na pregação do Cristo crucificado (Gl 3, 1). Ao falar da cruz, fala também da ressurreição, há uma implicação das duas realidades, pois Paulo mostra que Jesus “se fez pecado por nós” (2Cor 5, 21). Sem pecado, Jesus doou sua vida para a nossa salvação. O Apóstolo dos gentios carregava com ele não só a formação judaica alicerçada na escola de Gamaliel, mas também sua formação helênica, em especial sua formação no estoicismo<sup>72</sup>, o que contribuiu para a formação de conceitos antropológicos na doutrina cristã.

A morte é o preço do pecado (cf. Rm 6, 23) e, por isso, Aquele que não tinha pecado se fez pecado por nós, morreu “no lugar de”, de modo vicário. A teologia paulina vai ser construída

---

<sup>70</sup> PASA, Fabiane Maria Lorandi. “*Eles Partiram Cedo*”: Morte, Luto e Resiliência diante da fé cristã. Porto Alegre: PUCRS, 2013. Pág. 57.

<sup>71</sup> Cf. SUSIN. Luiz Carlos. *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018. Pág. 171.

<sup>72</sup> “Enquanto as ilustrações de Jesus muitas vezes refletem a vida agrária da Galileia, Paulo frequentemente usa imagens derivadas da cultura urbana, especialmente helenística. (...) Emprega as ideias helenísticas de *eleutheria*, ‘liberdade’ (Gl 5, 1, 13) e *syneidesis*, ‘consciência’ (1Cor 8, 7.10.12; 10, 25-29; 2Cor 5,11; Rm 2, 15) e as ideias estoicas de *autarkeia*, ‘suficiência, contentamento’ (2Cor 9, 8), e *physis*, ‘natureza’ (Rm 2, 14)”. Cf. FITZMYER, Joseph A. *Teologia Paulina*. Págs 1584-1585. In: R. BROWN, J. FITZMYER e R. MURPHY. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. Tradução Celso Eronides Fernandes. Santo André (SP). Ed. Academia Cristã LTDA; Paulus, 2011. Págs 1579-1645.

na “história da cruz”<sup>73</sup>, o fato de Jesus ter assumido a carne humana e ter sofrido a morte é, para Paulo, mais que um fundamento, é o princípio da sua obra. Se a carta aos Coríntios traz a síntese da fé na ressurreição, a carta aos Filipenses mostra a síntese da encarnação. A cristologia paulina tem um olhar claro: a salvação. A soteriologia operada no mistério de Jesus implica não somente fé, o ato de crença, mas abre cada ser humano a salvação. Sua cristologia consegue dialogar com o conceito de pessoa tanto de hebreus como de gregos.

Por fim, o texto da Primeira carta aos Coríntios. Neste texto, Paulo defende uma hierarquia para a ressurreição, “Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram” (1Cor 15, 20). Baseada nessa frase, a palavra primícia deve ser entendida não só como início ou primórdios, mas deve ser compreendida dentro do contexto do povo judeu, isto é, sentido cultural. Os sacrifícios e ofertas da Antiga Aliança eram feitos com as primícias da colheita, ou com as primícias dos animais; devia ser consagrado ao Senhor o primeiro filho homem. Cristo é o primogênito do Pai, portanto é ofertado em nome de toda humanidade, para resgatar toda a humanidade, ele é a oferta primeira que transformará ou contribuirá para a ressurreição de toda humanidade. A teologia paulina está intimamente ligada à prática batismal do início do cristianismo, logo a fé no batismo ensina que o cristão morre para o pecado e renasce pela graça para uma vida nova, esta vida nova garantida até a ressurreição da carne, no último dia (juízo final). A teologia paulina como um dos primeiros textos para a fé cristã, deixa claro em primeiro lugar a novidade da ressurreição de Jesus, em segundo lugar a associação neste mistério através do batismo e, por último, a fé que aguarda a vinda do Senhor para estabelecer a ressurreição no dia da Parusia.

## **2.4 Ressurreição da carne na Tradição da Igreja**

O desenvolvimento da fé na ressurreição da carne foi sendo constituído dos relatos neotestamentários e da elaboração de uma fé compreensível por todos. Também é possível dizer que o tema sobre a ressurreição da carne é um verdadeiro sinal de prova da busca do diálogo da fé cristã na ressurreição a todos os lugares em que ela chegava. A evangelização e a inculturação

---

<sup>73</sup> Cf. FITZMYER, Joseph A. *Teologia Paulina*. Pág 1591. In: R. BROWN, J. FITZMYER e R. MURPHY. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. Tradução Celso Eronides Fernandes. Santo André (SP). Ed. Academia Cristã LTDA; Paulus, 2011. Pág. 1579-1645.



ofereceram aos cristãos uma sólida base para não reduzirem a crença na ressurreição da carne a uma “visão filosófica”, mas a um ato de fé, parte do conteúdo da profissão de fé dos cristãos.

Na *Didaqué*, um dos primeiros documentos com corpo doutrinal e litúrgico que chegou até os nossos dias, encontramos a fé na ressurreição: “Então aparecerão no céu os sinais da verdade. Primeiro o sinal de abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta e, em terceiro lugar, a ressurreição dos mortos”<sup>74</sup>.

#### 2.4.1 A Ressurreição da Carne e Patrística

No período Patrístico, dois movimentos são possíveis de serem encontrados: no primeiro, os Padres Apostólicos, são aqueles marcados pela proximidade histórica com a ressurreição de Jesus e a proximidade com os Apóstolos; no segundo movimento, se encontram aqueles que constituíram a reflexão teológica e que tiveram parte fundamental na formação sistemática do conteúdo da fé. Tanto assim que os Símbolos da Fé também são reflexo deste período.

Clemente Romano, na primeira carta aos Coríntios, atesta a fé na ressurreição da carne com o exemplo da fênix (Arábia), mito que era usado em sua época<sup>75</sup>:

Portanto, será que vamos julgar coisa grande e extraordinária que o Criador do universo ressuscite aqueles que os serviram santamente na confiança da fé sincera, se mediante um pássaro ele nos mostra a grandeza do que anunciou?

De fato, em algum lugar se diz: ‘Tu me ressuscitarás, e eu cantarei teus louvores’. E mais: ‘Deitei e adormeci; acordei, porque estavas comigo’. E Jó diz ainda: ‘tu ressuscitarás minha carne, que suportou todas essas coisas’<sup>76</sup>.

O uso da linguagem mítica, porém inculturada na realidade, facilita com que os novos discípulos de Jesus de outras cidades pudessem crer na ressurreição da carne e, assim, cultivar

---

<sup>74</sup> PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué. São Paulo. Paulus, 1995. Pág 360.

<sup>75</sup> Não só o Apóstolo Paulo se utiliza de mitos na elaboração de suas cartas, como nos recorda Joseph Fitzmyer, no comentário sobre a teologia paulina. Também Clemente de Roma se utiliza dos mitos de seu tempo e de outras culturas para que a fé cristã seja compreensível aos seus ouvintes.

<sup>76</sup> PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué. São Paulo. Paulus, 1995. Pág 43.

a esperança nas suas vidas. A centralidade não é a lenda da fênix ou o mito, ela é somente o caminho pelo qual Clemente Romano se utilizava para que seus interlocutores compreendessem. Inácio de Antioquia, na carta que escreve aos Romanos, faz uso do testemunho da própria vida (pois está no cárcere), para que, assim, os cristãos não tenham dúvidas da certeza da ressurreição: “Para nada me serviriam os encantos do mundo, nem os reinos deste século. Para mim é melhor morrer para Cristo Jesus do que ser rei até os confins da terra. Procuo aquele que morreu por nós; quero aquele que por nós ressuscitou”<sup>77</sup>.

Em sequência aos Padres Apostólicos, estão os Padres do período Patrístico. A partir da reflexão, do diálogo com a filosofia, a fé cristã vai sendo desenvolvida, nascem os debates em busca da verdade e também da clareza dos termos para o aprofundamento da fé. São Justino, Santo Irineu de Lion, Tertuliano, Agostinho estão na lista dos Santos Padres que desenvolveram (aprimoraram) o artigo sobre a ressurreição da carne.

Irineu de Lyon com sua obra *Adversus Haereses*, apresenta de maneira completa os argumentos sobre a ressurreição da carne, apesar de também defender o milenarismo (assim como São Justino). Tertuliano escreve um tratado denso sobre a ressurreição da carne, *De Resurrectione*; nesta obra mostra, com dados da Escritura, a crença na ressurreição e o valor da natureza humana (corpo) e mostra, ainda, tempo intermediário. Agostinho tem diante de si as teses platônicas de que alma só alcança a perfeição quando desligada do corpo, ao que o santo de Hipona nega, defendendo duas teses: o corpo físico não é mau em si, a não ser quando falamos em decorrência do pecado original, portanto, o corpo enquanto carne não é ruim; e a segunda tese a unidade entre alma e corpo, isto é a alma não é condicionada em uma realidade ruim, mas há uma unidade, assim corpo e alma se destinam para a ressurreição da carne.

Em suma, os Santos Padres afirmam a fé na ressurreição da carne, tomando por base três elementos: “primeiro é um acontecimento escatológico futuro que terá lugar no ‘último dia’ com a ‘segunda vinda de Cristo’. Segundo, é universal, no sentido de que todos ressuscitarão. Terceiro, o corpo ressuscitado é o mesmo corpo que agora temos, a ressurreição inclui o conceito de identidade”<sup>78</sup>.

#### 2.4.2 Ressurreição da carne nos Símbolos da Fé

---

<sup>77</sup> Ibidem., p. 106.

<sup>78</sup> Cf. SANTOS, Eduardo da Silva. A ressurreição da carne: estudo comparativo entre a posição de teólogos contemporâneos e a posição tradicional da Igreja sobre o momento da ressurreição da carne. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997. Pág. 77.

Os Símbolos da Fé são sinais de uma fé elaborada com elementos bem fundamentados. Mesmo alguns deles sendo simples, estes artigos da fé cristã, continham o essencial para que os crentes pudessem oferecer as razões da sua esperança (cf. 1Pd 3, 15). Muitas destas obras eram fruto de uma Igreja Particular, isto é, uma síntese da fé feita a partir da doutrina que se havia recebido, elencadas com características próprias daquele lugar.

O Magistério da Igreja conserva estes textos para que com a evolução dos dogmas e artigos de fé (não modificação dos artigos de fé, mas a melhor compreensão deles no tempo), todos vejam que a fé na ressurreição da carne é uma certeza para os cristãos. Nos Símbolos da Fé alguns deles estão associados ao uso na liturgia, em especial o Batismo, pois os catecúmenos depois de um significativo tempo de catequese, assumiam o conteúdo da fé na sua vida. No Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), reformulado a pedido do Concílio Vaticano II, por exemplo, foi conservada a entrega do Símbolo da Fé, inclusive as rubricas que mostram a necessidade da maturidade para se abraçar a fé católica:

As entregas, que podem ser antecipadas em benefício do ‘tempo do catecumenato’ ou em razão da brevidade do ‘tempo da purificação e iluminação’, devem ser celebradas quando os catecúmenos derem sinais de maturidade. Em caso contrário, não se realizem.

Assinalando o término ou uma etapa da formação dos catecúmenos, a Igreja lhes confia com amor os documentos considerados desde a antiguidade como o compêndio de sua fé e oração.

Convém que a celebração seja feita em presença da comunidade dos fiéis depois da liturgia da Palavra na missa do dia de semana, com leituras apropriadas.

Realiza-se em primeiro lugar a ‘entrega do Símbolo’, que os eleitos guardarão de memória e recitarão em público antes de professarem, no dia do Batismo, a fé que ele expressa.

No decorrer do tempo do catecumenato, faça-se a entrega do Símbolo. O momento oportuno poderia ser escolhido segundo a evolução da catequese, de forma que coincida com a instrução sobre as verdades fundamentais da fé cristã e o modo de vive-las no dia-a-dia.<sup>79</sup>

As fórmulas de fé, como foi visto, possuem um objetivo claro para os fiéis: não criar dúvidas. O Símbolo dos Apóstolos, proveniente do uso litúrgico dos cristãos do Egito, afirma, a fé na ressurreição da carne: “Creio em Deus Pai onipotente e em seu Filho unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo, e no Espírito Santo e na ressurreição da carne, na santa Igreja católica (*DH* 2); posteriormente na Gália (provavelmente na França meridional), foi feito um símbolo de fé

---

<sup>79</sup> RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Ritual Romano, n° 125,181-184.

atribuído ao Papa Dâmaso e a São Jerônimo, neste conjunto de artigos o desenvolvimento da ressurreição da carne vai evoluindo:

Ele que, vencido o domínio da morte com aquela carne na qual tinha nascido, sofrido e morrido, ressuscitou ao terceiro dia [-!], subiu ao Pai e está sentado à sua direita, na glória que sempre teve e tem. Cremos que nós, purificados na sua morte e sangue, haveremos de ser ressuscitados por ele, no último dia, nesta carne na qual agora vivemos, e temos a esperança de que dele haveremos de alcançar ou a vida eterna como recompensa do bom mérito, ou a pena do suplício eterno pelos pecados. Lê estas coisas, guarda-as, submete tua alma a esta fé. Do Cristo Senhor obterás e a vida, e a recompensa [as recompensas]. (DH 72)

Se a espera da segunda vinda de Jesus era uma realidade iminente pelos primeiros cristãos, e que não aconteceu tão logo estes aguardavam, novas perguntas surgem e assim precisam ser respondidas (iluminadas pela Escritura e pela Tradição). Nesse sentido, os Símbolos manifestam uma reflexão contínua de todo conjunto da fé, sem nunca perder de vista a essência. Um exemplo claro dessa efervescência na reflexão teológica são os debates sobre e a compreensão do tempo intermediário ou, ainda, a identidade pessoal, para qual o artigo de fé *creio na ressurreição da carne* fosse desenvolvido.

A contribuição dos teólogos no Símbolo de *Quicumque* (que era atribuído a Santo Atanásio), mostrando uma unidade entre a Igreja do Ocidente e do Oriente no que se refere a ressurreição da carne e, ainda, a afirmação de que a ressurreição acontecerá com “esta” carne: “À sua vinda, todos os homens devem ressuscitar com [em] seus corpos e hão de prestar contas de suas ações; aqueles, porém [-!], que (fizeram) o mal para o fogo eterno. Esta é a fé católica; se alguém não crer nela fiel e firmemente, não poderá ser salvo” (DH 79). Com o desenrolar do tempo a evolução do artigo de fé se manifesta na vida da comunidade cristã, podemos perceber que as potencialidades dos símbolos da fé crescem cada vez que o Mistério Salvífico é desenvolvido com debate e dialogado com questões de seu tempo.

Os concílios tiveram sua grande influência também no tema da ressurreição da carne. Como já falamos, o debate e diálogo acerca do tema resultou nas fórmulas melhores explicitadas da fé, fruto de um diálogo verdadeiro e da sinodalidade. Alguns destes concílios tiveram não só influência local e diocesana, mas universal, como podemos ver no Concílio de Toledo XI (672): “Professamos que segundo este exemplo da nossa Cabeça acontecerá a verdadeira ressurreição da carne de todos os mortos. Cremos que não ressuscitaremos numa carne etérea ou em outra qualquer (como alguns deliram), mas naquela na qual vivemos,

subsistimos e nos movemos” (DH 540). E, também, no Concílio de Latrão IV (1215): “Todos ressuscitarão com os próprios corpos com que agora estão revestidos, para receber, segundo suas obras, sejam boas ou más, uns a pena eterna com o diabo, outros a glória eterna com o Cristo” (DH 801). Definições conciliares (Universais ou Particulares) destinadas à compreensão mais correta para seu tempo. O trabalho teológico de ouvir, refletir e concluir nos concílios, oportunizou uma contribuição única para um estudo e eficácia da teologia (no campo da reflexão, da catequese, da pastoral e no diálogo com o mundo).

Se os concílios tiveram sua importância, o Magistério dos Papas também se revelou local para compreender melhor este artigo doutrinal. Aqui encontramos a referência a Bento XII, o qual depois da controversa de João XXII (seu antecessor) através da constituição *Benedictus Deus* (1342), delimita mais o problema sobre a ressurreição da carne:

[A visão beatífica de Deus.] Com essa constituição, terá vigência perpétua, Nós em virtude da autoridade Apostólica, definimos: que segunda geral de exposição de Deus, as almas de todos os santos que deixaram este mundo antes da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, bem como as dos Santos Apóstolos, mártires, confessores, virgens e dos outros fiéis que morreram depois de terem recebido o santo batismo de Cristo, nos quais nada havia a purificar quando morreram, nem haverá se no futuro morrerem, ou se eles tiver havido haver alguma coisa purificar e tiverem sido purificados depois de sua morte; e que as almas das crianças renascidas pelo batismo de Cristo e das que devem ser batizadas, uma vez que foram batizadas e morrerem antes do uso do livre-arbítrio, logo depois de sua morte da purificação, mencionada em relação aos que precisavam de tal purificação mesmo antes de reassumir os corpos e antes do juízo universal, depois da ascensão do Salvador nosso Senhor Jesus Cristo ao céu, estiveram, estão e estarão no céu, no reino dos céus e no celeste paraíso, com Cristo, associadas a companhia dos santos Anjos; e que depois da paixão daqui da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo viram e vem a essência divina com uma visão intuitiva e, mais ainda, face a face - sem que haja a mediação de nenhuma criatura como objeto de visão, revelando-se ao invés sua esse essência divina de modo imediato, desnudo, claro e manifesto -, e que aqueles que assim veem, gozam plenamente da mesma essência divina, e assim, em virtude de tal visão e fruição, as almas dos que já faleceram são verdadeiramente bem-aventurados e têm a vida e a paz eterna, como também as duas que mais tarde aonde falecer verão a essência de vida e gozaram dela antes do juízo universal; e (definimos) que tal visão da essência divina e a sua fruição fazem cessar nelas os atos de fé e de esperança, enquanto a fé e a esperança são propriamente virtudes teológicas; e, depois, que tal visão intuitiva face a face e tal fruição teve ou tiver início nelas, esta visão e fruição - sem alguma interrupção ou privação da mencionada a visão e fruição -, permanecem ininterruptos e continuaram até ao juízo final e, a partir deste, por toda eternidade. [Inferno. - Juízo Universal.] Definimos também que, segunda geral disposição de Deus, as almas dos que morrem em pecado mortal atual, logo depois de sua morte descem ao inferno, onde são atormentados com suplícios infernais, e que, todavia no dia do juízo, todos os homens com seus corpos comparecerão ‘diante do tribunal de Cristo’ para prestar contas de suas ações, ‘para que cada um receba o que lhe toca segundo o que fez quando estava no corpo seja de bem ou seja de mal [2Cor 5, 10]. (DH 1000-1001)

O Papa João XXII havia feito uma série de pregações, afirmando que a glória dos justos só aconteceria depois da ressurreição da carne, e que o suplício eterno também só se realizaria na mesma circunstância. Diante das pregações, vários foram os que se opuseram à doutrina ensinada por João XXII, causando um grande mal estar em toda a Igreja. O Papa retratou-se, mas acabou vindo a falecer depois de todo o ocorrido. Bento XII, como cardeal, havia escrito uma obra sobre o tema, contudo colocou sua obra em situação de estudo diante de uma comissão de teólogos, a qual foi publicada como definição dogmática.

A partir de tudo isso, podemos listar três fatores para a relevância da *Benedictus Deus*, dentro do estudo da escatologia: 1) em seu período histórico, resolveu o problema sobre o conceito de visão beatífica de dois Papas (ainda que pareça irrelevante em um primeiro momento, mostra duas atitudes, a primeira de não haver uma consulta ou estudo remoto, e a outra, chamar uma comissão de teólogos para que, juntos, debatam o assunto) ou melhor dizendo, resolveu uma dúvida eclesial fazendo uso da sinodalidade e do uso da Tradição; 2) a questão explicitada diz respeito a visão de Deus no período intermediário; e, 3) o último resultado dessa constituição diz respeito a deixar claro que a ressurreição da carne só acontecerá de fato na segunda vinda de Jesus. Portanto, não há ressurreição na hora da morte. Há a visão beatífica, mas não há a ressurreição da carne.

## **2.5. Ressurreição da carne: Concílio Vaticano II**

Ao analisarmos o último Concílio Ecumênico Vaticano II, nos deparamos com um amplo desenvolvimento sobre a escatologia. Se o Vaticano I foi um concílio de definições “*ex Cathedra*”, o Vaticano II foi um concílio que dialogou com a realidade do mundo moderno. No documento sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, é possível perceber a visão escatológica apontando para o que a Igreja será, isto é, uma visão de Igreja como Povo de Deus, só é compreendida em plenitude enquanto vislumbra as realidades eternas. A *Lumen Gentium*, no seu capítulo sete, se destina à análise sobre a índole escatológica. O capítulo pode ser dividido em três partes: a primeira parte analisa a ressurreição da carne, quase que exclusivamente; o número 49 aborda o diálogo entre a Igreja celeste e a Igreja peregrina, o tratado da comunhão dos santos (o qual abordaremos no terceiro capítulo, como uma resposta para as famílias enlutadas); a terceira parte fala dos fiéis defuntos, aos quais a Igreja tem um cuidado e zelo, por isso, oferece sufrágios

pelo seu descanso eterno. Neste número fica claro também o mistério de comunhão, mistério que fortalece os discípulos de Cristo Jesus.

O Concílio Vaticano II introduz, baseado na Sagrada Escritura, na Tradição e no Magistério, uma reflexão ou, ao menos deixa claro, a questão do juízo particular:

Pois, antes de reinarmos com Cristo glorioso, compareceremos todos ‘perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal’ (2Cor 5, 10); e no fim do mundo sairão ‘os que tiverem feito o bem para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal para a ressurreição de julgamento’ (Jo 5, 29; cf. Mt 25, 46). Tendo por certo que ‘os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória futura que há de revelar-se em nós’ (Rm 8, 18; cf. 2Tm 2, 11-12), esperamos com fé firme o cumprimento da ‘feliz esperança da manifestação gloriosa do grande Deus e Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo’ (Tt 2, 13), ‘o qual transformará o nosso pobre corpo de miséria, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso’ (Fl 3, 21) e virá ‘para ser glorificado nos seus santos e admirado em todos os que creram’ (2Tm 1, 10). (LG 48).

Os Padres Conciliares deixam claro esta compreensão de que, terminada a vida com a morte, cada pessoa passará por um julgamento particular e, nesse, aguardará a ressurreição do último dia. Portanto torna-se claro esse tempo intermediário no qual já se contempla a Deus (não em plenitude, por faltar a identidade pessoal do corpo), purga os pecados, ou sofre os suplícios no inferno. Toda a História e todo o Universo terão um fim, e este é outro ponto importante que o texto conciliar deixa claro. Humanidade e Criação tendem para o fim, e todas as coisas serão “Cristificadas”<sup>80</sup>, a plenitude de todas as coisas tendem para Cristo Jesus, que ressuscitará no último dia todos os corpos.

Outro documento que fala das realidades últimas do homem é a *Gaudium et Spes*. As alegrias e esperanças do homem são também as alegrias e esperanças da Igreja (*GS 1*), por isso este documento, ao tratar da relação da Igreja no mundo, trata do homem no mundo. O mistério do homem em relação ao Transcendente e em relação a outro ser humano é fundamental para uma visão de integralidade do ser. O estilo dualista ou modelos que tentam dividir o ser humano desconfigurando a sua totalidade, não compreendem o homem como vocacionado à uma vida feliz e à vida eterna. Eis o que a *Gaudium et Spes* resgata no seu texto final. Primeiro o texto fala quem é o homem, sua constituição (tanto é assim, que o texto tem como subtítulo “Os constitutivos do homem”), depois delimita o espaço da finitude humana, portanto, a morte. Ao

---

<sup>80</sup> Pierre Teilhard Chardin teólogo que defendeu a “Cristificação”, isto é, a criação toda caminhando para Cristo, ponto-ômega da história, havendo assim uma convergência de todas as coisas em Cristo.

compreender o homem como ser integral, e não numa visão dualista, o artigo de fé sobre a ressurreição da carne torna-se mais solidificado. As novas compreensões de homem, e mesmo as guerras que acometeram o mundo relativizam todo o conceito de pessoa humana. O Vaticano II é uma retomada da visão de pessoa humana:

O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais por meio dele atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia. (GS 14).

O texto conciliar quer resgatar uma visão integradora, que não vê o corpo como algo ruim, mas como parte integral e que caracteriza a identidade pessoal. O conceito Maniqueu de alma boa e corpo mau, não faz parte da fé cristã, pelo contrário, deturpa a verdadeira imagem de homem que foi constituída por Deus. É mister recordar o pecado como realidade que inclina o ser humano para o mal, caminha ao lado deste ser humano integral. De um lado percebemos a grandeza do ser humano na obra do Criador e, de outro, o seu limite, ocasionado pelo pecado (não que este determine o ser humano, mas é uma realidade que pode levar ao erro e, por isso, desconfigura a integridade do ser humano).

Duas questões caminham juntas com os Padres conciliares: a dignidade do homem e o exercício da liberdade. Cristo veio para salvar o homem todo e todo homem. Este ser humano, dotado de alma e corpo, deve ser levado para um exercício de verdadeira liberdade e consciência, potencializando, assim, sua relação com o Criador e as criaturas. A partir da visão do homem, toda a consciência é a realidade que configura essa integralidade do ser, que não deforma a imagem de ser humano, mas lhe configura como criatura singular:

A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. (GS 16)

Os cristãos se unem a toda humanidade na possibilidade de configurar-se em um caminho de integralidade do ser. A busca pela verdade faz do ser humano desejoso de encontrar



as realidades que lhe possam preencher o sentido de vida e de esperança no futuro. O problema do mal e da morte configura-se uma realidade que não permite o ser humano olhar para o futuro, não somente a realidade escatológica, bem como uma vida digna<sup>81</sup>. Para tanto, é necessário a formação das consciências para a verdade e o justo exercício da liberdade. Diante deste caminho, o ser humano é capaz de compreender-se e compreender sua vocação para a vida eterna: “o homem atinge esta dignidade quando, libertando-se da escravidão das paixões, tende para seu fim pela livre escolha do bem e procura a sério e com diligente iniciativa os meios convenientes” (GS 17).

Portanto, a partir desta visão integradora do ser humano, é possível encontrar caminho sólido para a fé na ressurreição da carne. O itinerário da *Gaudium et Spes* mostra o homem, o uso da sua consciência e o exercício da liberdade, para que chegue ao seu fim último que é a união com ele. Ainda que a morte seja o mistério da condição humana (e o texto conciliar admite este enigma), o texto do Vaticano II não responde de maneira vazia. Pelo contrário, a partir da realidade da morte causada pelo pecado, enigma de finitude, os Padres conciliares respondem à luz da fé cristã, em diálogo com o mundo:

Enquanto, diante da morte qualquer imaginação se revela impotente, a Igreja, ensinada pela revelação divina, afirma que o homem foi criado por Deus para um fim feliz, para além dos limites da miséria terrena. A fé cristã ensina, além disso, que a morte corporal, de que o homem teria sido isento se não tivesse pecado, será vencida, quando o homem for restituído à salvação, que por sua culpa perdera, pelo onipotente e misericordioso Salvador. Deus chamou e chama o homem a unir-se a ele com todo o seu ser na perpétua comunhão da incorruptível vida divina. Esta vitória, alcançou-a Cristo ressuscitado, libertando o homem da morte com a própria morte. (GS 18)

O fim último do ser humano não é a morte, mas a união com Deus. Aí está uma chave nova para o estudo da ressurreição da carne pois, apesar do pecado adentrar o mundo e ter como consequência o mal e a morte, o destino humano é a vida eterna. Algumas resoluções podem ser tiradas da *Gaudium et Spes*<sup>82</sup>: Deus criou o ser humano para participar da bem-aventurança eterna; um segundo ponto, a morte é realidade inerente a todas as criaturas (exceto a Virgem

---

<sup>81</sup> Conforme pesquisa, o suicídio é responsável por 8,5% das mortes entre jovens. Ainda, no ano de 2012, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), foi responsável por 804 mil mortes. A íntegra da pesquisa está disponível em: PICARELLI, Cristiane; HUBNER, Carlos e RODRIGUES, Cibele. Prevenção de suicídio: modificando percepção e conhecimento de estudantes de medicina. *Psic., Saúde & Doenças*. 2020, vol.21, n.2, pp.446-455. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210219>.

<sup>82</sup> Cf. SANTOS, Eduardo da Silva. A ressurreição da carne: estudo comparativo entre a posição de teólogos contemporâneos e a posição tradicional da Igreja sobre o momento da ressurreição da carne. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997. Pág. 94.

Maria<sup>83</sup>) e fruto do pecado; também pode-se concluir que, em Cristo, a morte já foi vencida e, portanto, participamos da sua vitória (“a nossa morte foi redimida pela sua”<sup>84</sup>); por fim, é possível compreender que a escatologia possui duas fases: o juízo particular e o juízo universal sendo que, neste último, acontecerá a ressurreição da carne.

Em síntese, os textos do Concílio Vaticano II apresentam no seu tratado de escatologia a realidade da “Nova Jerusalém”, isto é, “novos céus e nova terra” (cf. 2Pd 3, 13). Sob a perspectiva do ser humano na sua visão integral, essa integralidade toda irá ressuscitar no último dia; não uma parte, não somente alma, nem somente corpo, mas o ser humano. Superando as ideias do dualismo e do maniqueísmo, o Concílio Vaticano II deseja ensinar sobre as realidades últimas levando em consideração o processo da nova criação – que aguarda o seu Senhor – e onde haverá a ressurreição da carne, bem como a fase do juízo particular, no qual o ser humano, após a sua morte e o encontro com Deus pode participar da visão beatífica no juízo eterno, ou do tempo de purificação.

## **2.6. Ressurreição da carne: Magistério e Teologia**

Desde o movimento da *Nouvelle Theologie*, a abertura para a reflexão teológica foi grande. O movimento bíblico e o movimento litúrgico também favoreceram para uma melhor reflexão do aumento sempre maior da teologia. O pós-concílio Vaticano II aumentou o desenvolvimento de diversos temas para que, assim, fossem revistos à luz da modernidade. Um dos tratados que foi amplamente discutido foi o da escatologia. Teólogos como Karl Rahner, Joseph Ratzinger, Hans Urs von Balthasar, Leonardo Boff, João Batista Libânio, Candido Pozo, Maria Clara Bingemer são alguns dos teólogos que construíram diversas reflexões sobre o tema da escatologia.

O Magistério da Igreja tem como missão salvaguardar o *Depósito da Fé*, a fim de que os fiéis não fiquem em dúvida e a reflexão teológica tenha bases suficientes para questionar e construir a teologia sem perder nada do tesouro da fé. A Congregação da Doutrina da Fé, no ano de 1979 publicou um texto para todas as Conferências Episcopais<sup>85</sup>, custodiando a

---

<sup>83</sup> PAPA PIO XII, *Munificentissimus Deus*, in, DH 3902.

<sup>84</sup> Cf. MISSAL ROMANO, Prefácio da Páscoa II.

<sup>85</sup> CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, Carta sobre algumas questões a respeito à Escatologia. Disponível em:

afirmação da fé na ressurreição da carne, que só ocorrerá no último dia, quando da segunda vinda do Senhor em sua glória e, também, como resposta a tese de supressão da escatologia intermediária.

O texto da Congregação apresenta, de maneira clara e sucinta, sete pontos para que não se caia em uma visão errada no contexto de toda escatologia católica:

- 1) A Igreja crê (cf. Símbolo dos Apóstolos), numa ressurreição dos mortos.
- 2) A Igreja entende esta ressurreição referida ao homem todo; esta, para os eleitos, não é outra coisa senão a extensão aos homens da própria Ressurreição de Cristo.
- 3) A Igreja afirma a sobrevivência e a subsistência depois da morte de um elemento espiritual, dotado de consciência e de vontade, de tal modo que o «eu humano» subsista. Para designar esse elemento, a Igreja emprega a palavra «alma», consagrada pelo uso que dela fazem a Sagrada Escritura e a Tradição. Sem ignorar que este termo é tomado na Bíblia em diversos significados, ela julga, não obstante isso, que não existe qualquer razão séria para o rejeitar e considera mesmo ser absolutamente indispensável um instrumento verbal para sustentar a fé dos cristãos.
- 4) A Igreja exclui todas as formas de pensamento e de expressão que, a adoptarem-se, tornariam absurdos ou ininteligíveis a sua oração, os seus ritos fúnebres e o seu culto dos mortos, realidades que, na sua substância, constituem lugares teológicos.
- 5) A Igreja, em conformidade com a Sagrada Escritura, espera «a gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo» (cf. Const. Dei Verbum, I, 4), que ela considera como distinta e diferida em relação àquela condição própria do homem imediatamente depois da morte.
- 6) A Igreja, ao expor a sua doutrina sobre a sorte do homem depois da morte, exclui qualquer explicação com que se tirasse o seu sentido à Assunção de Nossa Senhora, naquilo que esta tem de único; ou seja, o facto de ser a glorificação corporal da Virgem Santíssima uma antecipação da glorificação que está destinada a todos os outros eleitos.
- 7) A Igreja, em adesão fiel ao Novo Testamento e à Tradição, acredita na felicidade dos justos que «estarão um dia com Cristo». Ao mesmo tempo ela crê numa pena que há-de castigar para sempre o pecador que for privado da visão de Deus, e ainda na repercussão desta pena em todo o «ser» do mesmo pecador. E por fim, ela crê existir para os eleitos uma eventual purificação prévia à visão de Deus, a qual no entanto é absolutamente diversa da pena dos condenados. É isto o que a Igreja entende quando ela fala de Inferno e de Purgatório.<sup>86</sup>

O texto enfatiza, em última análise, a garantia da escatologia intermediária, isto é, no momento da morte, com a separação de alma e corpo, a alma é julgada para participar da visão beatífica ou para um tempo de purificação (purgatório), ou ainda, para o inferno. Esta alma aguarda a segunda vinda de Cristo para, assim, ressuscitar na carne, isto é, a unidade de alma e

---

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19790517\\_escatologia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790517_escatologia_po.html) . Acesso em 04 de janeiro de 2021.

<sup>86</sup> CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ, Carta sobre algumas questões a respeito à Escatologia. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19790517\\_escatologia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790517_escatologia_po.html) . Acesso em 04 de janeiro de 2021.

corpo será reestabelecida, como a Virgem Maria que, antecipadamente, participa da plenitude do céu já em corpo e alma.

Ainda que haja uma visão ampla sobre o conceito de “alma”, sobretudo na Bíblia, a própria Escritura e a Tradição configuram a esse conceito a ideia de ser espiritual dotado de consciência e vontade, que subsiste aguardando a ressurreição da carne. A carne não é prisão da alma (como se diz no platonismo), mas a alma não é uma realidade isolada da carne<sup>87</sup>. A alma subsiste enquanto aguarda a vinda de Cristo que plenifica o ser humano, e lhe dá a graça de participar para sempre na eternidade.

Onze anos depois, em 1990, a Comissão Teológica Internacional elaborou um texto, também sobre questões de escatologia, porém agora com uma densidade maior, pois também os problemas acerca do tema da ressurreição da carne tomavam novas proporções:

Hoje pode acontecer da existência de uma certa "escuridão teológica". Não faltam novas interpretações dos dogmas que os fiéis percebem como se questionassem a própria divindade de Cristo ou a realidade de sua ressurreição. Os fiéis não recebem deles nenhum apoio para a fé, mas antes uma ocasião para duvidar de muitas outras verdades de fé. A imagem de Cristo que eles deduzem de tais reinterpretações não pode proteger sua esperança. No campo diretamente escatológico, é preciso lembrar ‘as controvérsias teológicas há muito difundidas na opinião pública e das quais a maioria dos fiéis não consegue discernir nem o objeto nem o alcance. Você ouve uma discussão sobre a existência da alma, sobre o significado da sobrevivência; da mesma forma, ele se pergunta que relação existe entre a morte do cristão e a ressurreição universal. Tudo isso desorienta o povo cristão, pois já não reconhece seu vocabulário e suas noções familiares’. Essas dúvidas teológicas frequentemente exercem grande influência na catequese e na pregação; pois quando a doutrina é transmitida, elas se manifestam novamente ou levam ao silêncio sobre as verdades escatológicas.<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> AQUINO, Tomás. *Contra Gentiles*, L IV, C. 79. “Est igitur contra naturam animae absque corpore esse. Nihil autem quod est contra naturam, potest esse perpetuum. Non igitur perpetuo erit anima absque corpore. Cum igitur perpetuo maneat, oportet eam corpori iterato coniungi: quod est resurgere. Immortalitas igitur animarum exigere videtur resurrectionem corporum futuram.”: “É contrário à natureza da alma estar fora do corpo. Ora, nada do que é contra a natureza pode perpetuar-se. Logo as almas não ficarão para sempre sem os corpos. Por conseguinte, permanecendo elas para sempre, devem unir-se novamente aos corpos. E nisto consiste a ressurreição. Por isso, parece que a imortalidade da alma exige a futura ressurreição dos corpos.”

<sup>88</sup> Hoy puede descubrirse la existencia de una cierta «penumbra teológica». No faltan algunas nuevas interpretaciones de los dogmas que los fieles perciben como si en ellas se pusieran en duda la misma divinidad de Cristo o la realidad de su resurrección. Los fieles no reciben de ellas apoyo alguno para la fe, sino más bien ocasión para dudar de otras muchas verdades de la fe. La imagen de Cristo que deducen de tales reinterpretaciones, no puede proteger su esperanza. En el campo directamente escatológico deben recordarse «las controversias teológicas largamente difundidas en la opinión pública, y de las que la mayor parte de los fieles no está en condiciones de discernir ni el objeto ni el alcance. Se oye discutir sobre la existencia del alma, sobre el significado de la supervivencia; asimismo, se pregunta qué relación hay entre la muerte del cristiano y la resurrección universal. Todo ello desorienta al pueblo cristiano, al no reconocer ya su vocabulario y sus nociones familiares». Tales dudas teológicas ejercen frecuentemente un influjo en la catequesis y en la predicación; pues cuando se imparte la doctrina, o se manifiestan de nuevo o llevan al silencio acerca de las verdades escatológicas. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Algumas questões atuais de escatologia*. Tradução nossa. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1990\\_problemi-attuali-escatologia\\_sp.html#\\_ftnref1](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1990_problemi-attuali-escatologia_sp.html#_ftnref1) . Acesso em: 04/01/2021.

Dois grandes problemas são resolvidos neste documento. O primeiro, a necessidade de recordar o que a *Gaudium et Spes* lembrava sobre a importância de Jesus Cristo para a compreensão do ser humano:

Todavia, perante a evolução do mundo, cada dia são mais numerosos os que põe ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal, e da morte, os quais, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisa pode dela receber? Que há para além desta vida terrena?

A Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos os homens, a estes oferece pelo Espírito Santo a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação e que não lhes foi dado, sob o céu outro nome, no qual devam ser salvos. Acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre. (GS 10)

O outro problema, associado à questão cristológica, é o fato da ressurreição de Cristo e a ressurreição da humanidade estarem dissociadas uma da outra. Todo o segundo ponto do texto é uma resposta da comissão:

Um momento específico no tempo é atribuído no Novo Testamento à ressurreição dos mortos. Paulo, depois de ter afirmado que a ressurreição dos mortos acontecerá por Cristo e em Cristo, acrescenta: 'Mas cada um na sua categoria: Cristo como as primícias; depois os que pertencem a Cristo por ocasião de sua vinda' (1 Cor 15, 23: *en tei parousia autou*). Um evento específico é marcado como o momento da ressurreição dos mortos. A palavra grega *parousia* significa a segunda vinda, ainda futura, do Senhor na glória, diferente da primeira vinda em humildade: a manifestação da glória (cf. Tt 2, 13) e a manifestação da *parousia* (cf. 2Ts 2, 8) referem-se à mesma vinda. O mesmo acontecimento é expresso no Evangelho de João (6, 54) com as palavras "no último dia" (cf. também Jo 6, 39-40). A mesma conexão de eventos ocorre na descrição vívida da carta 1Ts 4, 16-17, e é afirmada pela grande tradição dos Padres: 'na sua vinda todos os homens devem ressuscitar'. Essa afirmação é contestada pela teoria da 'ressurreição na morte'. Em sua forma principalmente difundida, é explicado de tal maneira que aparece em sério detrimento do realismo da ressurreição, ao afirmar uma ressurreição sem relação com o corpo que viveu e agora está morto. Os teólogos que propõem a ressurreição na morte querem suprimir a existência pós-mortal de uma 'alma separada' que eles consideram uma relíquia do platonismo. O medo que move os teólogos a favor da ressurreição na morte é muito compreensível; o platonismo seria um afastamento da fé cristã. Para a doutrina cristã, o corpo não é uma prisão, da qual a alma deve ser libertada. Mas, precisamente por isso, não se compreende bem que teólogos que fogem do platonismo afirmem a corporeidade final ou a ressurreição de tal forma que não se percebe que ainda se trata realmente 'desta carne em que vivemos agora'. As antigas fórmulas de fé falavam, com outra força, que o mesmo corpo que agora vive deve ser ressuscitado. A

separação conceitual entre corpo e cadáver, a introdução de diferentes noções do conceito ‘corpo’ (a diferença se expressa em alemão com as palavras *Leib* e *Körper*, que podem ser expressas com outras palavras em outras línguas) são compreendidas apenas em círculos acadêmicos. A experiência pastoral ensina que os fiéis ouvem com grande perplexidade pregações em que um cadáver é enterrado, e se diz que já ressuscitou. É de se temer que tais previsões tenham uma influência negativa sobre os fiéis, o que poderia contribuir para a atual confusão doutrinária. Neste mundo secularizado onde os fiéis são atraídos pelo materialismo operado pela morte, todavia seria mais grave continuar com essas pregações. Por outro lado, a *parousia* é no Novo Testamento um fato concreto conclusivo na história. É forçoso na leitura dos textos, quando se tenta explicar a parusia, como um acontecimento permanente, que não seria outra coisa a não ser o encontro do indivíduo com o Senhor.<sup>89</sup>

A intenção dos teólogos defensores da “ressurreição na morte” era a negação do platonismo dentro da fé cristã. Por isso, a comissão se debruçou para que se salvaguardasse a identidade pessoal. A pessoa humana é corpo e alma, portanto, a identidade pessoal participará da ressurreição no último dia, assim, a integralidade do ser é salva na sua totalidade. A Comissão Teológica Internacional, assim como o Concílio Vaticano II, buscaram apresentar critérios soteriológicos a partir de uma verdadeira antropologia cristã. A visão da soteriologia,

---

<sup>89</sup> A la resurrección de los muertos se atribuye en el Nuevo Testamento un momento temporal determinado. Pablo, después de haber enunciado que la resurrección de los muertos tendrá lugar por Cristo y en Cristo, añade: «Pero cada cual en su rango: Cristo como primicias; luego, los de Cristo en su venida» (1 Cor 15, 23: en *tei parousia* autou). Se señala un acontecimiento concreto como momento de la resurrección de los muertos. Con la palabra griega *parousia* se significa la segunda venida, todavía futura, del Señor en gloria, diversa de la primera venida en humildad: la manifestación de la gloria (cf. Tit 2, 13) y la manifestación de la parusia (cf. 2 Tes 2, 8) se refieren a la misma venida. El mismo acontecimiento se expresa en el evangelio de Juan (6, 54) con las palabras «en el último día» (cf. también Jn 6, 39-40). La misma conexión de acontecimientos se da en la viva descripción de la carta 1 Tes 4, 16-17, y es afirmada por la gran tradición de los Padres: «a su venida todos los hombres han de resucitar». A esta afirmación se contraponen la teoría de la «resurrección en la muerte». En su forma principalmente difundida se explica de forma que aparece con grave detrimento del realismo de la resurrección, al afirmar una resurrección sin relación al cuerpo que vivió y que ahora está muerto. Los teólogos que proponen la resurrección en la muerte, quieren suprimir la existencia posmortal de un «alma separada» que consideran como una reliquia del platonismo. Es muy inteligible el temor que mueve a los teólogos favorables a la resurrección en la muerte; el platonismo sería una desviación gravísima de la fe cristiana. Para ella el cuerpo no es una cárcel, de la que haya que liberar al alma. Pero precisamente por esto no se entiende bien que los teólogos que huyen del platonismo, afirmen la corporeidad final o sea la resurrección de modo que no se vea que todavía se trate realmente de «esta carne, en la que ahora vivimos». Las antiguas fórmulas de fe hablaban, con otra fuerza, de que había de resucitar el mismo cuerpo que ahora vive. La separación conceptual entre cuerpo y cadáver, o la introducción de dos conceptos diversos en la noción de cuerpo (la diferencia se expresa en alemán con las palabras *Leib* y *Körper*, mientras que en otras muchas lenguas ni siquiera se puede expresar) apenas se entienden fuera de círculos académicos. La experiencia pastoral enseña que el pueblo cristiano oye con gran perplejidad predicaciones en las que mientras se sepulta un cadáver, se afirma que aquel muerto ya ha resucitado. Debe temerse que tales predicaciones ejerciten un influjo negativo en los fieles, ya que pueden favorecer la actual confusión doctrinal. En este mundo secularizado en el que los fieles se ven atraídos por el materialismo de la muerte total, sería todavía más grave aumentar sus perplejidades. Por otra parte, la parusia es en el Nuevo Testamento un acontecimiento concreto conclusivo de la historia. Se fuerzan sus textos, cuando se intenta explicar la parusia como acontecimiento permanente que no sería otra cosa sino el encuentro del individuo en su propia muerte con el Señor. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Algumas questões atuais de escatologia*. Tradução livre. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1990\\_problemi-attuali-escatologia\\_sp.html#\\_ftnref1](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1990_problemi-attuali-escatologia_sp.html#_ftnref1) . Acesso em: 04/01/2021.

tendo como princípio o Cristo, sinaliza o desejo de salvação do homem todo. Não uma parte ou fragmento, mas o homem todo:

O Concílio Vaticano II ensina: 'O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais por meio dele atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador [...] o homem não se engana quando se reconhece como superior às coisas do corpo e não apenas como uma partícula da natureza ou um elemento anônimo da cidade humana. Pela sua interioridade transcende o universo: volta a esta interioridade profunda quando se volta para o coração, onde Deus espera aquele que perscruta os corações e onde ele mesmo decide a sua própria sorte aos olhos de Deus. Portanto, reconhecendo em si mesmo uma alma espiritual e imortal, ele não se ilude com uma ilusão falaciosa, que flui apenas das condições físicas e sociais, mas, ao contrário, atinge a mesma verdade profunda da realidade'. Com estas palavras, o Concílio reconhece o valor da experiência espontânea e elementar, pela qual o homem se percebe superior a todas as outras criaturas terrestres e, aliás, porque é capaz de possuir Deus através do conhecimento e do amor. A diferença fundamental entre os homens e as outras criaturas se manifesta no apetite inato pela felicidade, que faz com que o homem rejeite e deteste a ideia de uma destruição total de sua pessoa; a alma, isto é, 'a semente da eternidade que carrega em si, sendo irreduzível apenas à matéria, revolta-se contra a morte'. Porque esta alma imortal é espiritual, a Igreja afirma que Deus é o seu Criador em cada homem. Essa antropologia possibilita a escatologia, já mencionada, de duas fases. Porque esta antropologia cristã inclui uma dualidade de elementos (o esquema "corpo-alma") que podem ser separados para que um deles ('a alma espiritual e imortal') subsista e sobreviva separadamente, foi acusado, às vezes, de dualismo platônico. A palavra 'dualismo' pode ser entendida de várias maneiras. Portanto, ao falar de antropologia cristã, é melhor usar a palavra 'dualidade'. Por outro lado, porque na tradição cristã o estado de sobrevivência da alma após a morte não é nem definitivo nem ontologicamente supremo, mas sim 'intermediário', transitório, e ordenado, em última instância, à ressurreição, a antropologia cristã tem características completamente suas próprias e é diferente da conhecida antropologia dos platônicos.<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> El Concilio Vaticano II enseña: «El hombre, uno en cuerpo y alma, por su misma condición corporal reúne en sí los elementos del mundo material, de modo que por él llegan a su culmen y elevan al Creador su voz en una alabanza libre. [...] No se equivoca el hombre, cuando se reconoce superior a las cosas corporales y no sólo como una partícula de la naturaleza o un elemento anónimo de la ciudad humana. Por su interioridad supera al universo: retorna a esta profunda interioridad cuando se vuelve al corazón, donde le espera Dios que escruta los corazones, y donde él mismo decide sobre su propia suerte ante los ojos de Dios. Por tanto, reconociendo en sí mismo un alma espiritual e inmortal, no se engaña con una ilusión falaz, que fluya sólo de las condiciones físicas y sociales, sino que, por el contrario, alcanza la misma verdad profunda de la realidad». Con estas palabras, el Concilio reconoce el valor de la experiencia espontánea y elemental, por la que el hombre se percibe a sí mismo como superior a todas las demás criaturas terrenas y, por cierto, porque es capaz de poseer a Dios por el conocimiento y el amor. La diferencia fundamental entre hombres y aquellas otras criaturas se manifiesta en el apetito innato de felicidad, que hace que el hombre rechace y deteste la idea de una total destrucción de su persona; el alma o sea «la semilla de eternidad que lleva en sí, al ser irreductible a la sola materia, se subleva contra la muerte». Porque este alma inmortal es espiritual, la Iglesia mantiene que Dios es su Creador en cada hombre. Esta antropología hace posible la escatología, ya citada, de doble fase. Porque esta antropología cristiana incluye una dualidad de elementos (el esquema «cuerpo-alma») que se pueden separar de modo que uno de ellos («el alma espiritual e inmortal») subsista y perviva separado, ha sido acusada, a veces, de dualismo platónico. La palabra «dualismo» se puede entender de muchas maneras. Por ello, cuando se habla de la antropología cristiana, es mejor emplear la palabra «dualidad». Por otra parte, porque en la tradición cristiana el estado de pervivencia del alma después de la muerte no es definitivo ni ontológicamente supremo, sino «intermedio» y transitorio, y ordenado, en último término, a la resurrección, la antropología cristiana tiene características completamente propias y es diversa de la conocida antropología de los platónicos. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Algumas questões atuais de escatologia*. Tradução livre. Disponível em:

Dessa forma, o Magistério e a Teologia não querem uma visão igual do dualismo platônico, como também não desejam a ressurreição na morte. Aqui, cabe recordar a definição do Catecismo da Igreja Católica, pois este último é fruto do Concílio Vaticano II e, ainda, foi lançado em 1992, na efervescência do tema da ressurreição da carne. Portanto, é espelho da verdadeira compreensão da fé na ressurreição da carne:

O Credo cristão — profissão da nossa fé em Deus Pai, e Filho e Espírito Santo, e na sua ação criadora, salvadora e santificadora — culmina na proclamação da ressurreição dos mortos no fim dos tempos, e na vida eterna.

Nós cremos e esperamos firmemente que, tal como Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos e vive para sempre, assim também os justos, depois da morte, viverão para sempre com Cristo ressuscitado, e que Ele os ressuscitará no último dia. Tal como a d'Ele, também a nossa ressurreição será obra da Santíssima Trindade: 'Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós' (*Rm* 8, 11).

A palavra 'carne' designa o homem na sua condição de fraqueza e mortalidade 'Ressurreição da carne' significa que, depois da morte, não haverá somente a vida da alma imortal, mas também os nossos 'corpos mortais' (*Rm* 8, 11) retomarão a vida. (CEC 988-990)



### 3. O CAMINHO DA ESPERANÇA CRISTÃ PARA OS ENLUTADOS

As pessoas que perderam algum familiar ou amigo importante, em algum grau, sentem a falta desta. A dor da morte e a fé na ressurreição precisam andar juntas, pois elas são o consolo e a esperança daqueles que continuam sua história. Como recorda a liturgia da Igreja, com o prefácio da missa em sufrágio aos fiéis falecidos, “aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola”<sup>91</sup>. A fé, recebida da Igreja no Batismo, é aquela que se torna atualizada na liturgia e impulsiona para o anúncio do Evangelho. Desta forma queremos, neste ponto, apresentar os caminhos para ajudar os enlutados que procuram a comunidade de fé.

O ponto de partida é o conceito de purgatório, pois às almas que passam por este período de purificação são as primeiras destinatárias das orações dos santos do céu e daqueles que ainda trilham o caminho do discipulado a Jesus Cristo. Depois continuaremos a reflexão com o artigo de fé sobre a comunhão dos santos, a partir dele iniciaremos uma perspectiva de esperança sobre alguns dos Sacramentos (Batismo, Eucaristia e Unção dos Enfermos). Aos fiéis falecidos a Igreja reza, oferece suas orações, súplica ao Senhor que acolha na sua glória, e faz isso se utilizando do Rito de Exéquias, que é sinal da esperança cristã desde muito tempo na comunidade de fé. Por fim, a partir das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil (2019-2023), tendo em vista os planos de ação, tomaremos o princípio “Igreja Casa de Acolhida” (cf. DGAE 134), para uma proposta (que já é realizada em diversas dioceses e comunidades) no que diz respeito à escuta dos enlutados.

#### 3.1. O Purgatório: Espaço de Esperança e Purificação

Na segunda seção deste trabalho foi apresentada a visão da Igreja sobre a Ressurreição e a morte, sobretudo no que diz respeito na espera da segunda vinda de Cristo, que virá para julgar o Universo, ocorrendo assim a ressurreição da carne. Neste tempo de espera, seja para os que já morreram, seja para aqueles que aguardam a vinda de Cristo ou mesmo a morte, ocorre um tempo intermediário, quando com a morte “há a separação de alma e corpo” (cf. CEC 997), e o juízo particular. Neste tempo singular, intermediário a alma aguarda a *parousia*, contudo a espera pelo juízo final, segundo a fé católica se dá no céu, no purgatório, ou ainda no inferno.

---

<sup>91</sup> MISSAL ROMANO, Prefácio dos Fiéis Defuntos I.

O termo *juízo particular* é clássico em todo estudo escatológico, porém tomaremos o conceito de juízo pessoal<sup>92</sup>, na qual o tempo intermediário por não estar regido sob o tempo (kronos) e espaço torna-se mais dinâmico. Do ponto de vista desta dinamicidade e no campo dialógico o teólogo Ratzinger contribui para essa compreensão:

Na ideia cristã de eternidade também está incluído o fator da inter-relação humana. O homem não dialoga solitariamente com Deus, nem ingressa com Ele numa eternidade que só pertencia ao homem, mas o diálogo cristão com Deus passa precisamente através dos homens. Esse diálogo atravessa a História, na qual Deus fala com os homens, ele tem lugar no ‘nós’ dos filhos de Deus – o que quer dizer, em suma, que esse diálogo se dá no ‘Corpo de Cristo’, na comunhão com o Filho, a qual é aquilo que possibilita aos homens chamar a Deus de Pai<sup>93</sup>.

O Corpo de Cristo como recorda Ratzinger faz essa experiência de comunhão na graça e no pecado, em relação dialógica e não centrada no homem, mas em Deus; que é o “Justo Juiz” (cf. 2Tm 1, 12.4,8). A partir de cada ser humano o *juízo pessoal* possibilita esta experiência de comunhão dialógica. Pelo fato da espera do Juízo Universal o tempo intermediário tem sua importância, pois é esse período em que a comunhão se dará pelas vias extraordinárias, do pós-morte, portanto na realidade que se espera, isto é, na base da esperança cristã para depois da morte. Para tanto é importante compreender o purgatório ou tempo de purificação dentro essa realidade intermediária, que corrobora para o princípio de comunhão. Giovanni Ancona recorda essa realidade já nos Padres da Igreja:

Todavia, Agostinho afirma a existência de um juízo particular para o indivíduo logo depois da morte, que comporta certa retribuição, obviamente não adequada, não completa: ‘Com efeito, as almas dos justos, separadas dos seus corpos, estão na paz; ao passo que as dos ímpios pagam a pena, até que os corpos ressuscitem para a vida eterna e os dos outros sejam condenados à eterna morte, que é a segunda morte (*De civ. Dei XIII, 13, 8; cf. De praed. Sanct. 12, 24*). Os lugares de tal retribuição ‘parcial’ não são bem identificados. Agostinho não parece particularmente interessado na ‘topografia’ do além; ele se limita a retomar as vagas indicações presentes na Escritura: inferos, seio de Abraão, paraíso (cf. Epis. 187, 2, 6)<sup>94</sup>.

No juízo pessoal a compreensão de comunhão pode ser configurada como chegada e como realização (ainda que só se torne possível em plenitude quando o Universo for transfigurado). A ideia de chegada e de realização tomamos dos místicos, como busca de toda

---

<sup>92</sup> Cf. SUSIN, Luiz Carlos. *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018. Pág. 141.

<sup>93</sup> RATZINGER, Joseph. *Escatologia: Morte e Vida Eterna*. Tradução de Rubens Enderle. Ed. Molakai, 2019. São Paulo. Pág 163.

<sup>94</sup> Cf. ANCONA, Giovanni. *Escatologia cristã*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo. Edições Loyola, 2013. Pág. 154-155.

sua vida; o morrer, o fim, é o desejo que está na alma dos místicos<sup>95</sup>. A partir do princípio que o céu é a contemplação de Deus. Recordamos aqui a necessidade de conceituar o purgatório, realidade que foi desenvolvida nos Símbolos da Fé, mas que também se configura sempre mais com o problema da Reforma Protestante, que foi ocasionada por Lutero. Porém, não pode ser vista somente como resposta a Reforma, pois, desde o início da fé cristã, a crença no purgatório já existia (a partir do século III já é comum<sup>96</sup>), sobretudo na prática de oração pelos falecidos (sufrágio):

A prática cristã da oração de sufrágio dos fiéis vivos pelos irmãos que morreram parece ser de fato, o lugar teológico originário da afirmação ‘daquele processo necessário da transformação espiritual do homem que o torna capaz de ficar próximo de Cristo, próximo de Deus e de se unir a *communio sanctorum*’<sup>97</sup>.

Santo Agostinho na sua obra desenvolve esse pensamento pelos fiéis falecidos que morreram sem perder a graça batismal, contudo necessitavam de um tempo de purificação. O tempo de purificação e a unidade da Igreja dizem respeito a caridade e fraternidade eclesial, a preocupação com todos, isto é, os vivos e os mortos. O purgatório pode ser visto, ainda como uma união íntima daquele que morre com Cristo e se associa a ele na intensidade do silêncio do Pai na cruz<sup>98</sup> e na alegria da ressurreição.

Com isso é possível compreender que através da oração pelos fiéis falecidos, prática da comunidade cristã, os mesmos discípulos acreditavam na ideia de comunhão dos santos sejam eles vivos, sejam os falecidos que necessitavam de purificação. O Papa Inocêncio IV em 1254 ratifica a nomenclatura do purgatório, desenvolve o tema sobre a sorte dos fiéis defuntos, iniciando um processo mais definido sobre esta questão importante na vida dos cristãos:

[A sorte dos defuntos] (§ 18). No evangelho, enfim, a Verdade afirma que, se alguém tiver proferido blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado nem neste século nem no futuro [cf. Mt 12, 32]: por estas palavras se dá a entender que algumas culpas são perdoadas no século presente, outras, ao contrário, no século futuro; o Apóstolo diz que ‘a qualidade da obra de cada um será provada pelo fogo’ e ‘aquele cuja obra for queimada receberá punição, mas ele mesmo será salvo como que através do fogo’ [1Cor 3, 13.15]; também os próprios gregos, segundo o que se diz, segundo a verdade e sem nenhuma dúvida creem e afirmam que as almas daqueles que

---

<sup>95</sup> “Morrer de amor, eis aí minha esperança. Quando vir quebrarem-se meus laços, Meu Deus será minha grande recompensa. Outros bens não quero possuir, Quero ser abrasada em seu Amor, quero vê-lo e a ele me unir para sempre. Eis aí o meu Céu, eis o meu destino: Viver de Amor!” cf. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. Obras completas. p. 548-549.

<sup>96</sup> FERNÁNDEZ, Aurelio. Teologia Sistemática II. Madrid. BAC, 2002. Pág 753.

<sup>97</sup> ANCONA, Giovanni. Escatologia cristã. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo. Edições Loyola, 2013. Pág. 296-297.

<sup>98</sup> Cf. RATZINGER. Joseph. Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Tradução: Bruno Bastos Lins. Ed. Planeta do Brasil. São Paulo, 2011. Págs 194-196.

receberam, mas não cumpriram a penitência, ou então os que morreram sem pecado mortal, mas com pecados veniais ou de pouca monta, são purificados depois da morte e podem ser ajudados com as orações de sufrágio da Igreja. Ora, porque dizem que o lugar de tal purificação não lhes foi indicado com nome preciso e peculiar pelos seus doutores, nós, que segundo a tradição e a autoridade dos santos Padres <o> denominamos 'purgatório', queremos que, de agora em diante, seja por eles chamado com este nome. Com aquele fogo transitório, de fato, certamente são purificados os pecados, não, todavia os delituosos ou mortais que não foram perdoados antes mediante a penitência, mas os pequenos e de pouca monta que ainda pesarem depois da morte, mesmo tendo sido perdoados durante a vida. (DH 938)

O Papa Gregório X, insiste na necessidade maior de oferecer o sacrifício da Missa em sufrágio dos fiéis falecidos, e não só, a partir disso tudo o que possa contribuir para que os fiéis que estão no purgatório saiam desta situação será pedido pelo Papa, a saber orações, esmolas, e outros exercícios de piedade:

[A sorte dos defuntos] E se tiverem falecido em verdadeiro penitência na caridade, antes de haver satisfeito com frutos dignos de penitência pelo que cometeram ou deixaram de fazer, as suas almas são purificadas depois da morte, com penas purificadoras, ou seja catartérias, como nos aclarou frei João [Parastron OFM]; e para aliviá-los de penas de tal gênero são-lhes úteis os sufrágios dos fiéis vivos, quer dizer, os sacrifícios das missas, as orações, as esmolas e outros exercícios de piedade que os fiéis costumam fazer em prol de outros fiéis, segundo as orientações da Igreja. As almas, pois, daqueles que, depois de terem recebido o santo batismo, jamais incorreram em nenhuma mancha do pecado, e também aquelas que, depois de terem contraído a mancha do pecado, segundo o que foi dito acima, foram purificadas, seja quanto ainda nos seus corpos, seja quando já despojadas deles, são logo recebidas no céu. (DH 856-857)

No Concílio de Florença (1431-1447) essa mesma compreensão ficará ratificada (cf. DH 1304-1306). Contudo o problema da justificação, com o qual Lutero afirmava o *Sola Scriptura*, *Sola Gratia* e *Sola Fidei* e a negação das indulgências (um dos motivos que Lutero não aceitava a realidade do purgatório se encontra na falta, para ele, de dados da Escritura) geraram a necessidade em primeiro lugar de uma reflexão interna da Igreja e depois uma solidificação deste tempo de purificação. Podemos perceber ainda, que a própria realidade do sufrágio e seus efeitos tiveram que ser reconstruídas. É mister reconhecer que houve no regime de Cristandade abusos por parte de clérigos sobre a temática das indulgências<sup>99</sup>. A causa final deste problema foi resolvida com o Concílio de Trento, com a seguinte determinação decorrentes dos cânones sobre o tema da Justificação:

Cân. 30. Se alguém disser que a qualquer pecador penitente, depois que recebeu a graça da justificação, é perdoada a culpa e cancelado o débito da pena eterna, de modo tal que não lhe fique débito algum de pena temporal para descontar neste mundo ou

---

<sup>99</sup> LE GOFF, Jacques. O nascimento do purgatório. Petrópolis. Vozes, 1981.

no futuro, no purgatório, antes que lhe sejam abertas as portas do reino dos céus: seja anátema [cf. \*1543]. (DH 1580)

Encontramos o cânone trinta nas determinações da fé que deveriam ser cumpridas por todos os fiéis; a base do cânone está no fundamento de que mesmo após o perdão, existem consequências do pecado que deverão ser “pagas” ou purificadas. Por isso, da penitência que o fiel deve procurar viver (cf. DH 1543), e dos meios para chegar a esta penitência que se dá no mistério da comunhão (seja daquele que busca a conversão, seja da unidade dos fiéis que colaboram com aqueles que estão neste itinerário de purificação). A resposta a Lutero sobre a questão das indulgências que implicavam também na crença do purgatório será novamente definida pelo Concílio de Trento:

Já que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das Sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecumênico, ensinou que o purgatório existe [cf. \* 1580] e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar [cf. \*1743 e 1753], o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenhem diligentemente para que a sã doutrina do purgatório, seja transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja creditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte.

Nas pregações populares dirigidas ao povo rude evitem-se as questões mais difíceis e sutis, que não levam à edificação e com as quais geralmente não se incrementa a piedade. Assim também não se permitam que se divulguem e tratem de pontos incertos ou que possam parecer falsos. Proíbam ainda, como escândalo e estorvo para os fiéis, aquelas questões que dizem respeito à curiosidade ou à superstição ou têm sabor de lucro torpe... (DH 1820)

O Concílio de Trento construiu um caminho que propôs uma compreensão clara do purgatório e o ensino claro da Justificação. Passados quase quinhentos anos o Concílio Vaticano II continuou com a construção da doutrina do purgatório. Ressaltamos o encontro do tema na abertura de uma visão escatológica ampla que inicia um diálogo também com a antropologia. No tratado sobre a Igreja, *Lumen Gentium* encontramos a compreensão da doutrina do tempo da purificação:

“Até que o Senhor venha na sua majestade, e todos os anjos com ele (cf. Mt 25, 31), e até que lhe sejam submetidas todas as coisas, com a destruição da morte (cf. 1Cor 15, 26-27), alguns dos seus discípulos peregrinam na terra, outros, já passados desta vida, estão se purificando, e outros vivem já glorificados, contemplando ‘claramente o próprio Deus, uno e trino, tal qual é. (LG 49)

Tendo perfeito conhecimento desta comunhão de todo o corpo místico de Jesus Cristo, a Igreja terrestre, desde os primeiros tempos do cristianismo, venerou com grande piedade a memória dos defuntos, ofereceu também sufrágios por eles, porque ‘é santo e saultar o pensamento de orar pelos defuntos para serem libertados dos seus pecados (2Mac 12, 46)” (LG 50).

Por fim, a doutrina da purificação foi constituída no Catecismo (CEC 1031) afirmando, com base na Tradição da Igreja acerca de um “fogo purificador”. Tanto os teólogos como os místicos ao desenvolver o tema do purgatório apresentam a ideia de um tempo de silêncio<sup>100</sup> e dor, ou como já dissemos de purificação. Balthazar compreende o purgatório como situação (já que ele não concebe tempo e espaço nesta situação de purificação), onde o ser humano recebe o “abraço de Deus”<sup>101</sup>. A teologia contida em Balthazar, associa o purgatório a dor da cruz, a intimidade do sofrimento do Filho de Deus, é o abraço que purifica aquele que ainda não é “todo amor”, assim nesse abraço é purificado, queimado o que não é amor, logo o que não é Deus. A doutrina do tempo da purificação ou purgatório é um ponto importante para o diálogo com o artigo da Comunhão dos Santos, e também, para o diálogo com os enlutados.

### 3.2. Esperança cristã: o Artigo de Fé da Comunhão dos Santos, a Partir da Sagrada Escritura<sup>102</sup>

O artigo de fé sobre a *Communio Sanctorum*, a Comunhão dos Santos, é de importante relevância não só para a Tradição Católica, como para outras confissões cristãs, constitui, um precioso tesouro da prática da fé e da teologia. Deste modo, se faz importante compreender seu significado teológico segundo as fontes do conteúdo da fé: a Escritura, a Patrística, o Magistério.

Iniciemos então com a Escritura. Ser chamados santos, hoje em dia, causaria estranhamento, pois “santos” são compreendidos (hoje em dia) como aqueles que tiveram sua vida investigada pela Igreja, e dos quais foi delimitado um sinal de sua intercessão (milagre). Existem restrições à atribuição desta nomenclatura para a maioria das pessoas, mesmo àquelas que compreendem ou fazem uso do termo de forma bem sólida, isso ocorre devido às gerais imperfeições do ser humano.

---

<sup>100</sup> “Apesar de ser a pessoa sofrida e habituada a padecer grandes dores, nesse momento ela não pode fazer outra coisa, já que esse sentimento não se instala no corpo – como eu disse –, mas no interior da alma. Por intermédio disso, a pessoa de quem falamos compreendeu como os sentimentos da alma são mais fortes do que os do corpo, parecendo-lhe ser dessa maneira os que se padecem no purgatório. Lá, a ausência de corpo não impede a alma de sofrer muito mais do que aqui na terra, onde está ligada a ele”. SANTA TERESA DE JESUS. Obras Completas. Moradas 6, 11, 3. Pág. 562.

<sup>101</sup> BALTHAZAR, Hans Urs Von. *Sperare Per Tutti*. Milano. Jaca Book, 1989.

<sup>102</sup> Parte desta seção tem por base o texto de: GARCIA, Diego Jobim; PIRES, Kauê Antonioli; A Comunhão dos Santos na Perspectiva de Hans Urs Von Balthasar, p. 105-119. In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Esperar a Salvação: a escatologia de Hans Urs von Balthasar*. São Paulo. Paulus, 2019.

Contudo, o termo era utilizado pelos fiéis da Igreja primitiva entre si<sup>103</sup>. O Apóstolo São Paulo tinha por costume destinar suas cartas aos “santos”, aqueles que eram os fiéis das diversas igrejas por onde traçou sua rota evangelizadora: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos que estão em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus: graça e paz a vós da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Ef 1, 1-2).

Nos Atos dos Apóstolos encontramos, por diversas vezes, o vocábulo “santo” dirigido aos seguidores de Cristo. Importante lembrar que se trata da história da Igreja nascente. Assim, todos aqueles que iam se somando ao grupo dos cristãos iam, também, incorporando-se a esse chamado Corpo Místico, que é o próprio Cristo. Pedro, o chefe dos apóstolos, de igual forma se utilizava do termo para o uso comum de seus co-irmãos cristãos: “Tabita, levanta-te!” Ela abriu os olhos e, vendo Pedro, sentou-se. Este, dando-lhe a mão. Fê-la erguer-se. E chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva” (At 9, 40 -41).

Assim nascia a Igreja, como comunidade dos santos, homens e mulheres que acolhiam a fé em Jesus Cristo e suas implicações. Ponto essencial e fundante neste processo foi a comunhão dos primeiros cristãos. Aqui, compreendida como “estar unido com”. Esta comunhão foi reconhecida e recomendada pelo próprio Cristo como característica da identidade de seus seguidores. “Nisto reconhecerão todos que sóis meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 35).

A comunhão dos membros de Cristo era princípio de fé e praticada desde o início, como norma de vida e *modus operandi* (1Pd 1, 16) para o caminho da salvação, pois “a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum” (At 4, 32). Aqui é possível perceber o primeiro sentido da comunhão dos santos: o povo de Deus que coloca em comunhão tudo o que tem e o que é:

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos. (At 2, 42-47)

---

<sup>103</sup> Cf. Padres Apostólicos. Pápias de Hierápolis. Ed. Paulus, 1994, pág. 327: “Quando um dos santos pega o cacho, o outro gritará: ‘Pega-me, porque eu sou melhor, e por meio de mim bendize ao Senhor’”.

Queremos ainda fundamentar dois pontos: em primeiro lugar Cristo é a cabeça do Corpo Místico, portanto é ele que liga a todos os seus membros (como veremos adiante). O segundo ponto, diz respeito a Cristo que é o princípio da comunhão, isto é, ele une o que foi separado, sua morte nos abriu novo sentido de vida eterna.

Primeiro ponto: a consciência por parte dos convertidos de que Cristo é o grande bem, a graça que se partilha com todos os homens, e a cabeça deste Corpo Místico: “ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores...” (1Cor 12, 27-28). Como consequência, temos este Cristo Cabeça que liga toda sua criação, vivos e mortos. Ele é o Senhor que desceu a mansão dos mortos e subiu aos céus. Assim, todos nós, a Igreja Terrestre, Igreja Padecente e a Igreja Celeste<sup>104</sup>, estamos ligados por Ele, e para Ele.

O segundo ponto advém desta conclusão do parágrafo anterior. Se vivos ou falecidos, os “santos” da terra e os Santos do céu compartilham da mesma Cabeça, então existe comunhão entre eles também. Porém esta começa na forma de oração e intercessão. A Igreja chama esta prática de intenção ou sufrágio e nunca deixou de recomendá-la como prática a todos (como veremos adiante nas próximas seções). Ilumina nesta compreensão o texto de Macabeus, sinal da fé na ressurreição futura:

“Mas, se considerava que uma belíssima recompensa está reservada para os que adormecem na piedade, então era santo e piedoso o seu modo de pensar. Eis porque ele mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado.” (2Mc 12, 45).

Temos até aqui, uma base bíblica, de forma especial neo-testamentária, que comprova a compreensão e utilização dos conceitos comunhão e santos. Com esta base avançar e compreender onde estes termos se tornaram formais em nossa fé, e de que forma foram sendo inseridos em nossa “profissão de fé”.

---

<sup>104</sup> Outros termos podem ser aqui utilizados: Igreja militante, Igreja padecente e Igreja triunfante. Estes termos eram clássicos no ensino da catequese, e por isso, talvez mais conhecidos.



### 3.2.1. *Comunhão dos Santos nos Santos Padres*

Os Padres da Igreja continuaram no seguimento da Igreja primitiva, compreendendo cada vez mais o caminho que os Apóstolos e as primeiras comunidades cristãs estavam construindo. Nesse sentido é necessário recordar o processo catequético das comunidades, um processo de iniciação que visava quatro pontos fundamentais para a vida cristã: o anúncio de Jesus (kerigma), a adesão ao Evangelho de Cristo (conversão), a compreensão de quem é Jesus (catequese), e por fim, a vida nova em Cristo e na Igreja (mistagogia). Esse processo que é construído na Igreja e que os Santos Padres vão relatando enfatizava o processo de conversão da vida não como algo estanque, mas um processo de verdadeira mudança (de atos e pensamentos). A acolhida dos Sacramentos poderia ser adiada seja pela comunidade, seja pelo candidato. Um exemplo deste fato é possível encontrar em Santo Agostinho, que manifesta em sua obra, sua vontade de adiar a acolhida dos Sacramentos, sabendo da necessidade de buscar uma mudança sempre maior em sua vida, em especial nas implicações exigentes da fé cristã:

Enquanto assim pensava, e os ventos cambiantes impeliam meu coração de um lado para outro, o tempo passava, e eu retardava minha conversão ao Senhor. Adia de dia para dia o viver em ti, morrendo, todavia todos os dias em mim mesmo. Amando a vida feliz, temia buscá-la em sua morada; procurava-a fugindo dela! Pensava que seria mui desgraçado se me visse privado das carícias da mulher. Não pensava ainda no remédio de tua misericórdia, que cura esta enfermidade, porque nunca o havia experimentado. (AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Livro XI)

O chamado universal à santidade que o Concílio Vaticano II enalteceu na primavera da Igreja, é retomada do desejo dos cristãos do início. Hipólito de Roma, na sua obra antes de passar os conteúdos da celebração do mistério cristão, envia uma carta a sua comunidade saudando-os como irmãos na mesma vocação batismal:

Agora, impelidos pelo amor a todos os santos, chegamos ao ponto mais alto da tradição que convém às Igrejas; que todos bem instruídos, conservem a tradição que persiste até hoje e, conhecendo-a pela nossa exposição, permaneçam absolutamente firmes, por causa do que ocorreu recentemente – heresia ou erro motivado pela ignorância e pelos ignorantes.<sup>105</sup>

---

<sup>105</sup> Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. Liturgia e Catequese em Roma no século III. Ed. Vozes. 2004, pág. 45.

Na explicação dos ritos litúrgicos Santo Hipólito, na sua catequese, ensina acerca da comunhão eclesial, comunhão dos santos:

E te pedimos que envies o teu Espírito Santo à Oblação da santa Igreja: reunindo em um só rebanho todos os fiéis que recebemos a Eucaristia na plenitude do Espírito Santo para o fortalecimento da nossa fé na Verdade, concede que te louvemos e te glorifiquemos, pelo teu Filho Jesus Cristo, pelo qual a ti a glória e a honra – ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na tua santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém.<sup>106</sup>

Na celebração do mistério cristão fica clara a relação da Igreja como princípio visível de comunhão de Deus com seu Povo. A tradição do período Patrístico vai se consolidando. Encontramos também em Policarpo de Esmirna um relato que fundamenta ainda mais a comunhão dos santos como um princípio norteador das comunidades cristãs:

Imitemos, portanto, a perseverança dele (Cristo). Se sofrermos por causa do seu nome, o glorificaremos. De fato, esse é o modelo que ele nos apresentou em si mesmo, e nós cremos nisso.

Portanto, eu vos exorto a todos, para que obedeçais à palavra da justiça e sejais constantes em toda a perseverança, que vista com os próprios olhos, não só nos bem-aventurados Inácio, Zózio e Rufo, mas ainda em outros que são do vosso meio, no próprio Paulo e nos demais Apóstolos. Estejam persuadidos de que nenhum desses correu em vão, mas na fé e na justiça, e que eles estão no lugar que lhes é devido junto ao Senhor, com o qual sofreram. Eles não amaram este mundo, mas aquele que morreu por nós e que Deus ressuscitou para nós.<sup>107</sup>

Portanto, a Comunhão dos Santos para os Santos Padres é o sinal do vínculo mais perfeito e próximo de caridade. Podemos afirmar que a comunhão eucarística se torna visível e real mediante a comunhão dos santos, isto é, dos Batizados. Partilhar a mesma fé, o mesmo Senhor, o mesmo Batismo (cf. Ef 4, 4-6) diz respeito ao sinal visível desta unidade desejada e querida por Cristo Jesus. As cartas explicativas às comunidades contêm não só uma legislação litúrgica, elas continham a teologia inicial dos primeiros cristãos, teologia que fundamentava a

---

<sup>106</sup> Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. Liturgia e Catequese em Roma no século III. Ed. Vozes. 2004, pág. 50.

<sup>107</sup> Padres Apostólicos. Policarpo de Esmirna. Ed. Paulus, 1994, pág. 144.

teologia da comunhão dos santos. Nessa teologia da comunhão cabe a unidade como princípio fundamental de compreensão; a pertença aos que viviam o “Caminho” (cf. At 9, 2) solidificava a ideia de princípio de unidade, da comunhão dos santos.

São Cirilo de Jerusalém (315 a.C.) guarda na sua tradição litúrgica um texto que remonta a clareza da comunhão dos santos. A máxima teológica, *lex orandi, lex credendi* (o que rezamos é o que cremos), fica bem claro na tradição apresentada por Cirilo na celebração da Eucaristia:

Em seguida, realizado o sacrifício espiritual, o culto incruento, em presença dessa vítima de propiciação, invocamos a Deus pela paz comum das Igrejas, pelo bem-estar do mundo, pelos imperadores, pelos exércitos e aliados, pelos doentes, pelos aflitos, e, em geral, todos nós rezamos por todos aqueles que têm necessidade de socorro e oferecemos essa vítima.

Depois fazemos menção dos que adormeceram, primeiro dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, para que Deus, por suas preces e intercessão, aceite nossa súplica. Depois ainda rezamos pelos santos Padres, bispos adormecidos e, enfim, por todos os que nos precederam, persuadidos de que será de máximo proveito para as almas, pelas quais a súplica é elevada ante a santa e tremenda vítima.

(...) Do mesmo modo nós também, apresentando a Deus as súplicas pelos adormecidos, embora tenham sido pecadores, nós não trançamos uma coroa, mas apresentamos o Cristo imolado por nossos pecados, tornando propício em favor deles e em nosso favor o Deus benigno.<sup>108</sup>

Ressaltamos que os Santos Padres no processo de amadurecimento da fé, da compreensão da fé, celebram a unidade da Igreja no testemunho de vida de cada Batizado, na unidade de cada Igreja particular, na correspondência da vocação universal da Igreja à santidade. O princípio de Santo Inácio de Antioquia, “*ubi episcopus, ibi ecclesia; ubi ecclesia, ibi Christus*” (onde está o bispo aí está a Igreja; e onde está a Igreja está o Cristo)<sup>109</sup>, é também sinal da unidade da comunhão dos cristãos, dos santos. Essa compreensão vai gerar um princípio de comunhão dos santos, isto é, daqueles que vivem a fé em Cristo Jesus, e, também aqueles que celebram os Sacramentos. Da celebração do mistério cristão derivam graças incontáveis à toda Igreja, eis aqui a razão do sentido fundamental, a santidade do Sacramento que santifica o Corpo Místico. Também a resposta pessoal de cada discípulo é sinal visível da graça da comunhão dos santos. Na celebração e na vida há uma autêntica troca de bens espirituais que os Santos Padres não dissociavam. São Cirilo manifesta no seu texto a grande força da oração da Igreja, do Corpo Místico que está na comunhão, na oração, no testemunho.

---

<sup>108</sup> JERUSALÉM, São Cirilo de. *Catequeses Mistagógicas*. Ed. Vozes, 2004, pág. 49.

<sup>109</sup> Cf. PG 5, 714.

### 3.2.2. *Comunhão dos Santos no Magistério*

Olhamos o tema da comunhão dos santos a partir da Escritura e da Patrística. Agora, brevemente, queremos ver a reflexão teológica juntamente com aquilo que já foi definido na fé católica e expresso no corpo doutrinal. A partir do compêndio dos símbolos da fé (Denzinger-Hünemann) construiremos a reflexão do Magistério sobre o tema da comunhão dos santos, traçando um caminho histórico.

Encontramos pela primeira vez o termo “comunhão dos santos” no Símbolo feito pelo bispo de Remesiana, Nicetas, no século IV. Assim consta:

Creio em Deus Pai [, Criador do céu e da terra,] e no seu Filho Jesus Cristo, [nosso Senhor (?),] nascido do Espírito Santo e <do seio> da Virgem Maria, tendo padecido sob Pôncio Pilatos, crucificado, morto, ao terceiro dia ressuscitou vivo dentre os mortos, subiu aos céus, está sentado à direita do Pai, de onde virá julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo, a santa Igreja católica, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. (DH 19)

Dentro das comunidades cristãs havia uma diversidade de símbolos de fé, que tinham como fundamento da doutrina dos Apóstolos<sup>110</sup>. Os Símbolos foram com o tempo acrescentando ao Depósito da Fé o conteúdo da comunhão dos santos. Quando se realiza a pesquisa do tema, não se encontra diretamente nos manuais de escatologia, mas nos manuais de eclesiologia, portanto é necessário recordar dois processos realizados na identificação do conceito: primeiro a necessidade de tratar do conceito “santos”, eis que recorda a comunidade dos bem-aventurados (os mártires testemunhas fiéis até o fim, apesar da dor e do sacrifício da vida), e, uma segunda ideia que precisará ser elaborada é da participação nas coisas santas. O testemunho de vida era sinal de comunhão e santidade na Igreja Apostólica (consequência da atitude que era gerada da palavra conversão; compreendia-se ali uma mudança de atos e palavras), na Igreja Primitiva (por causa do aumento perseguição e do martírio: radicalidade do testemunho), até os Santos Padres (que foram alicerçando e solidificando o que até ali se havia recebido).

Até o presente momento o conceito de comunhão dos santos se solidifica como princípio da doação da própria vida, *martyria* (testemunho), tendo por base a Escritura e a Tradição. O

---

<sup>110</sup> BOCK, Vanderlei Mengue. *O culto aos mortos como lugar teológico a partir do tratado*: O cuidado devido aos mortos em Santo Agostinho. pág 99.

conceito de participação nas coisas santas será usado a partir deste ponto, da reflexão do teólogo Walter Kasper, na sua obra *A Igreja Católica*<sup>111</sup>, onde apresenta o conceito de comunhão dos santos. Além deste autor iremos analisar sob o prisma do Concílio de Trento, do Papa Leão XIII com sua encíclica *Mirae Caritatis*, também do Concílio Vaticano II, e do Catecismo da Igreja Católica. A partir de um breve trajeto com estes textos teremos um caminho teológico do desenvolvimento do conceito de comunhão dos santos.

Na obra *A Igreja Católica*, do teólogo Walter Kasper encontramos o desenvolvimento eclesiológico da Igreja como mistério de comunhão, mistério esse que parte da Trindade, mas é também um mistério humano. Kasper para tornar claro aos seus leitores a comunhão dos santos, se utiliza de um conceito anterior e necessário: *congregatio fidelium*. Desse conceito, ou unido a este conceito é possível compreender o caminho eclesiológico e escatológico na construção da comunhão dos santos:

A Igreja é o movimento escatológico de congregação levado a cabo por Deus, que em Jesus Cristo, atinge o seu objetivo. A Igreja, porém, ainda vive no tempo intermediário. Ela é instituição e acontecimento. Ela tem a incumbência de testemunhar o sentido mais profundo e o objetivo de toda a realidade do ser humano e ela antecipa já agora a glória celestial vindoura. A pergunta que temos de fazer agora é esta: como isso se dará?<sup>112</sup>

A Igreja realiza sua missão através do anúncio da Palavra (missão e catequese) e nos Sacramentos (liturgia). Desses dois pilares a Igreja nutre forças para o anúncio do Reino de Deus<sup>113</sup>. Portanto é a Igreja *congregatio fidelium*, é chamada por Deus, convocada por Deus na história. O significado da palavra Igreja, provinda do grego significa “assembleia dos convocados”, esse sentido nos induz a pensar em uma revelação de Deus que é vivo, presente, real. Essa presença de Deus na história do povo escolhido gera uma comunidade nascida da sua Palavra, mas que é movida a evangelizar o mundo através da sua Palavra. Congregados, portanto, a partir da convocação de Deus para serem comunidade de escolhidos, porém sem fechar-se em sim mesma, comunidade dos que anunciam a Palavra que dá vida plena.

Desse conceito, assembleia de convocados, se deriva o conceito da comunhão dos santos. Em primeiro lugar por que a iniciativa é de Deus. É Ele que convoca e chama, portanto

---

<sup>111</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica*. Ed.Unisinos. 2012.

<sup>112</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica*. Ed.Unisinos. 2012. Pág 152.

<sup>113</sup> Reino de Deus que está entre o “já e o ainda não”. Construção do reino se dá no anúncio da Palavra, celebração dos Sacramentos, conversão da realidade; mas também que olha para o futuro, e o Juízo Universal do mundo. Numa linguagem Balthazariana: é necessário a descosmologização do tempo.

todos são convidados pela ação do Espírito Santo, não ação humana, ou convocação humana, mas iniciativa pronta e amorosa de Deus (*communio sancta*). A Igreja, também, reunida em torno do culto celebrativo, mas convocada pelo Senhor para render graças, entende que ali estão “os santos em comunhão” (*communio sancti*), os batizados que atendendo ao chamado de Deus, se reúnem em comunidade para ouvir e celebrar os mistérios da salvação. Não daqueles que já contemplam a glória de Deus, mas “das coisas de Deus” (*communio sanctorum*), recordamos: Batismo e Eucaristia de modo especial. Comunhão que gera no coração dos discípulos um vínculo de comunhão de santidade. A Igreja participa dos bens oferecidos por Deus na história, por isso, é anunciadora na comunhão da Palavra que realiza o Batismo ou da Eucaristia que consagra.

O Concílio de Trento nasce como uma resposta a Reforma protestante<sup>114</sup>, e por isso enfatizou a ideia de comunhão dos santos em três dimensões: *communio sancta*, *communio sancti* e *communio sanctorum*. Trento enfatiza a Palavra que cura e transforma, mas também os sacramentos realizados, que geram conversão de vida, *communio sancti* (das “coisas”). Mas a ação de Deus não se remete só dentro da Igreja, também fora, Deus é Senhor da história e de todos os seres humanos, portanto, nesse caminho há a *communio sancta* (comunhão dos dons oferecidos por Deus o mundo). Por fim, a *communio sanctorum* (comunhão da oferta de vida dos santos e santas); nessa última há um caminho novo, onde o dom da vida ofertada e significada é partilhado e caminho de conversão. Dessa forma o Concílio de Trento amplia o sentido a comunhão dos santos. Nasce deste ponto uma comunhão de crescimento mútuo e de santidade em santidade. Uma responsabilidade coerente de um batizado para com o outro, dentro da comunidade de fé.

Nesse caminho de quase quinhentos anos podemos perceber uma solidificação do tema, a ponto do Papa Leão XIII só acrescentar ao conjunto da fé católica a comunhão dos santos como forma de expiar os erros e pecados. Diz o Papa:

---

<sup>114</sup> “O santo Sínodo ordena a todos os bispos e àqueles que têm o ofício de ensinar e cuidar que, segundo o uso da Igreja católica e apostólica recebido desde os primeiros tempos da religião cristã, segundo o consenso dos santos Padres e os decretos dos sagrados concílios, instruem diligentemente os fiéis, em primeiro lugar, acerca da intercessão dos Santos, sua invocação, a honra devida às relíquias e o uso legítimo das imagens, ensinando-lhes que os Santos que reinam com Cristo oferecem a Deus as suas orações pelos homens; que é bom e útil invocá-los suplicantes e recorrer às suas orações e a seu poder e auxílio, para obter benefícios de Deus por seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que é nosso único salvador e redentor; que opinam impiamente os que negam a invocação dos Santos que gozam no céu a eterna felicidade, ou que afirmam que não rezam a homens ou que invocá-los para que rezem por cada um de nós é idolatria ou se opõe à palavra de Deus e é contrário à honra devida ao “único mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo” [cf. 1Tm 2,5], ou que é tolice rezar com palavras ou com a mente àqueles que reinam no céu”. (DH 1821)

A comunhão dos santos nada mais é que uma participação mútua de ajuda, de expiação, de orações, de benefícios, entre os fiéis, ou triunfante na pátria celestial, ou sofrendo no fogo do purgatório. Ou mesmo peregrinos na terra, dos quais há apenas uma cidade, que tem Cristo na cabeça, e caridade por forma, sabemos pela fé que, embora o augusto sacrifício só a Deus possa se oferecer, podemos também celebrar em honra dos santos que reinam no céu com Deus, que os coroou.<sup>115</sup>

Ao se tornarem discípulos de Cristo Jesus, cada homem e mulher faz um caminho de purificação, que auxilia a Igreja que está a caminho do encontro definitivo com o seu Senhor (cada ser humano de boa vontade), mas também a Igreja que está no purgatório (homens e mulheres que estão recebendo o “abraço de Deus”<sup>116</sup> que queima tudo o que é impuro, para celebrar a eternidade).

O Concílio Vaticano II chamou atenção a todos na sua visão a partir da *Lumen Gentium*. Uma Igreja Povo de Deus, Corpo Místico de Cristo, demonstrando um mistério de comunhão. A ideia de Igreja Povo de Deus, necessita do desejo de comunhão comum, que baseava a vida das comunidades da Igreja primitiva; onde no mistério de unidade, os batizados todos possuem uma vocação comum: a salvação. Todos os que pelo Batismo foram chamados à vida nova operada por Cristo são convidados a testemunharem a comunhão dos santos:

Deste modo, enquanto o Senhor não vier na Sua majestade e todos os Seus anjos com Ele (cf. Mt. 25, 31) e, vencida a morte, tudo Lhe for submetido (cf. 1 Cor. 15, 26-27), dos Seus discípulos uns peregrinam sobre a terra, outros, passada esta vida, são purificados, outros, finalmente, são glorificados e contemplam “claramente Deus trino e uno, como Ele é”; todos, porém, comungamos, embora em modo e grau diversos, no mesmo amor de Deus e do próximo, e todos entoamos ao nosso Deus o mesmo hino de louvor. Com efeito, todos os que são de Cristo e têm o Seu Espírito, estão unidos numa só Igreja e ligados uns aos outros n'Ele (cf. Ef. 4, 16). E assim, de modo nenhum se interrompe a união dos que ainda caminham sobre a terra com os irmãos que adormeceram na paz de Cristo, mas antes, segundo a constante fé da Igreja, é reforçada pela comunicação dos bens espirituais. Porque os bem-aventurados, estando mais intimamente unidos com Cristo, consolidam mais firmemente a Igreja na santidade, enobrecem o culto que ela presta a Deus na terra, e contribuem de muitas maneiras para a sua mais ampla edificação em Cristo (cf. 1 Cor 12, 12-27). Recebidos na pátria celeste e vivendo junto do Senhor (cf. 2 Cor 5, 8), não cessam de interceder, por Ele, com Ele e n'Ele, a nosso favor diante do Pai, apresentando os méritos que na terra alcançaram, graças ao mediador único entre Deus e os homens, Jesus Cristo (cf. 1 Tim, 2, 5), servindo ao Senhor em todas as coisas e completando o que falta aos sofrimentos de Cristo, em favor do Seu corpo que é a Igreja (cf. Col 1, 24). A nossa fraqueza é assim grandemente ajudada pela sua solicitude de irmãos. (LG 49)

---

<sup>115</sup> LEÃO XIII. *Mirae Caritatis*, n. 18. Vaticano: 1902. Disponível em: Acesso em: 09 de junho de 2018.

<sup>116</sup> BALTHASAR. Hans Urs Von. *Sperere per tutti*. Milano: Jaca Book, 1989.

Podemos afirmar que o Concílio Vaticano II, no documento sobre a Igreja nos lança para o vínculo da caridade, fundamento necessário para a compreensão da comunhão dos santos. Do amor Trinitário todos participam da comunhão com Deus (*communio sancta*); do amor Trinitário encontramos a Deus que nos fala na Palavra e nos Sacramentos (*communio sancti*); do amor Trinitário é que o testemunho pessoal de cada cristão irá contribuir para a unidade dos fiéis no seu Senhor (*communio sanctorum*).

Por fim, cabe recordar a definição do Catecismo da Igreja Católica, sobre o tema da comunhão dos santos.

Depois de te confessado ‘a Santa Igreja católica’, o Símbolo dos Apóstolos acrescenta a ‘comunhão dos santos’. Este artigo é, de certo modo, explicação do anterior: ‘que é a Igreja, se não assembleia de todos os santos?’ a comunhão dos santos é precisamente a Igreja. (CEC 946)

O catecismo apresenta esta afirmação de fé como resposta ao “Creio a Igreja”. Após ter se debruçado para definir o que é a Igreja, mostra que é da essência da Igreja o chamado universal à santidade. É característica da Igreja comunhão dos santos. O texto catequético da Igreja apresenta as formas de comunhão nesses bens espirituais: a comunhão na fé (CEC 949); a comunhão dos Sacramentos (CEC 950); a comunhão dos carismas (CEC 951); a comunhão da caridade (CEC 953). Todas recordando a “comunhão dos santos” (*communio sancti* – fiéis). Por fim, apresenta a comunhão com aqueles homens e mulheres que participam da glória do céu, a começar pela Virgem Maria que contempla em plenitude o que seremos. A participação dos santos na vida da Igreja não está somente como exemplo, mas como unidade indissolúvel de toda Igreja; é a troca de bens espirituais entre o céu e a terra que permite receber a intercessão dos que contemplam a glória do céu; e que também nos faz rezar por aqueles que aguardam a purificação do que ainda é impuro para contemplar a glória do céu.

Em síntese o caminho teológico para a compreensão do artigo de fé, creio na comunhão dos santos, compreende três realidades essenciais, a saber: a comunhão *communio sancta*, “nas coisas santas”, isto é, a Palavra e os Sacramentos, dando grande ênfase a Eucaristia (Sacramento da Caridade e Vínculo de unidade); a comunhão *communio sancti*, “pessoas santas”, a resposta pessoal de cada batizado é sinal da comunhão da Igreja, é sinal da própria Igreja; e, por fim a comunhão *communio sanctorum*, que é a ação da misericórdia de Deus no mundo, daqueles que terminado seu curso terrestre e tendo recebido a alegria do céu vivem a comunhão com Deus,



daqueles que são peregrinos na terra, e daqueles que ainda cumprem sua purificação (purgatório).

A comunhão dos santos é na fé da Igreja um caminho do autêntico testemunho do Evangelho, compreende a realidade de Deus que é Santo e nos chama a sua felicidade. Também remete a realidade Sacramental, nutridos por aquilo que o Senhor nos oferece (sua Palavra) caminhamos (Sacramentos) em busca da meta (Escatologia); tendo do “Justo Juiz” (2Tm 4, 8) a purificação necessária, aguardando sua vinda gloriosa para celebrar com Ele a eternidade: a comunhão definitiva dos santos. A Comunhão dos Santos, tem por finalidade última cumprir o chamado do Senhor na Igreja: “Para que todos seja um” (cf. Jo 17, 21)

### **3.3. Esperança Cristã e sua Relação com os Sacramentos**

Como vimos na seção anterior, os Sacramentos são meios de santificação dos batizados, mas também sinais da comunhão de toda Igreja. Sua relação com a esperança cristã é explícita. Nesta nova parte do trabalho iremos analisar esta relação intrínseca dos Sacramentos, em especial, o Batismo, a Eucaristia, a Reconciliação e a Unção dos Enfermos. Nestes quatro Sacramentos a Igreja apresenta aos seus fiéis a esperança cristã como lugar final do processo de Cristificação<sup>117</sup> do ser humano. Homem e mulher são chamados a viver a santidade, itinerário este que parte de um processo de conversão e que tem por finalidade o encontro com o Senhor, seja pelo caminho da dor, seja pelo caminho da ressurreição. A partir deste novo olhar para os Sacramentos vemos a esperança cristã em três movimentos: conversão de vida, vida de discípulo, encontro com o Mestre no final da vida.

#### *3.3.1 A Esperança Cristã e o Batismo*

O Sacramento do Batismo associa o fiel no mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, não é uma realidade mecânica, mas uma realidade que ao longo do tempo foi sendo desenvolvida, e, até mesmo, num processo de etapas. Recordamos o Ritual de Iniciação Cristã

---

<sup>117</sup> ZILLES, Urbano. Pierre Teilhard Chardin: Ciência e Fé. Porto Alegre. EDUPUCRS, 2001.

de Adultos que baseado nas catequese do período Patrístico<sup>118</sup>, mostra esta temporalidade em etapas:

“Nesse itinerário, além de tempo de informação e amadurecimento (cf. n. 7), há ‘etapas’ ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar; como se atravessa uma porta ou sobe um degrau.

- a) Verifica-se a primeira etapa quando, aproximando-se de uma conversão inicial, quer tornar-se cristão e é recebido como catecúmeno pela Igreja.
- b) A segunda quando, já introduzido na fé e estando a terminar o catecumenato, é admitido a uma preparação mais intensa para os sacramentos.
- c) A terceira quando, concluída a preparação espiritual, recebe os sacramentos de iniciação cristã.

Há, portanto, três etapas, passos ou portas que devem ser considerados momentos fortes ou mais densos da iniciação. Essas etapas são marcadas por três ritos litúrgicos: a primeira, pelo rito de instituição dos catecúmenos; a segunda, pela eleição; e a terceira, pela celebração dos sacramentos.<sup>119</sup>

Dionísio Borobio na sua obra sobre os sacramentos e liturgia<sup>120</sup> nos recorda:

“O Batismo é banho de purificação, travessia, saúde, trânsito a outro reino; é morte e ressurreição com Cristo, comunicação do Espírito, nova criação, renascimento, impressão do selo escatológico; é incorporação no Corpo de Cristo. Faz o cristão membro e cidadão do povo de Deus. E quanto à circuncisão cristã é entrada na aliança de Deus. É concessão de herança e da vida, ato de justiça divina pela qual nos vem a justificação e a adoção; é santificação e iluminação; reveste-nos da veste nova, isto é, de Cristo. Em resumo é senhorio de Cristo, escatologia atualizada, dom da plenitude da salvação antecipado”<sup>121</sup>.

O batismo é “escatologia atualizada e antecipação da salvação”; a compreensão de renascer, nascer de novo nos recorda o processo de conversão, que de alguma forma é processo de morrer. A Pia Batismal é o sepulcro de onde nasce um novo filho. Tanto no ritual do batismo de crianças, quanto no batismo de adultos encontramos essa implicação de vida nova, que parte do morrer para uma vida no pecado (seja somente no pecado original seja no pecado pessoal cometido após o batismo):

---

<sup>118</sup> Uma referência de catequese em suas etapas é a obra de São Cirilo de Jerusalém: in JERUSALÉM, São Cirilo de. *Catequese Mistagógicas*. Ed. Vozes, 2004.

<sup>119</sup> RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Ritual Romano, pág 18.

<sup>120</sup> BOROBIO, Dionísio. Celebrar para Viver – Liturgia e Sacramentos da Igreja. Tradução: Francisco Gomes Figueiredo de Moraes. São Paulo. Edições Loyola, 2009.

<sup>121</sup> BOROBIO, Dionísio. 2009, pág 156. Apud Joachim Jeremias.

“Todos os que são batizados, enxertados nele por morte semelhante à de Cristo, juntamente com ele sepultados na morte, são convivificados e consressuscitados com ele. O batismo recorda e realiza o mistério pascal, uma vez que por ele as pessoas passam da morte do pecado para a vida. Razão pela qual em sua celebração, sobretudo na vigília pascal e nos domingos, convém que transpareça a alegria da ressurreição”<sup>122</sup>.

Dentro do contexto do sacramento do batismo aos adultos, a Igreja prevê aos que serão mergulhados no mistério salvífico, a necessidade da conversão. Como já falamos anteriormente, a conversão é a palavra-chave para a compreensão de morte e vida; o fiel que pede o batismo para a Igreja precisa dar sinais de uma vida nova ou uma vida orientada pelos valores cristãos, ainda que isso não seja claro e evidente se faz necessário essa compreensão para uma realidade de vida nova. Participar ou celebrar o batismo implica compreender esse ensino sobre a vida nova, como nos recorda Santo Tomás, “o começo de uma nova vida”<sup>123</sup> que torna capaz a vida na Trindade e para tanto lança a vida do fiel para a realidade escatológica.

O ato litúrgico quando do batismo por imersão expressa esta realidade de vida nova; o mergulho do batismo ou o banho com a água que lava deixa ao fundo da pia batismal “o homem velho”, para nascer um “homem novo” que é chamado a viver na realidade concreta de sua existência a eternidade para a qual é chamado. Já no processo do batismo de crianças, ainda que a graça de Deus seja eficaz, e, portanto, faça a criança participar desta morte e ressurreição, ela implica uma responsabilidade do sentido de conversão da parte dos pais que se disponibilizam diante da comunidade cristã na educação dos filhos. Não vivendo mais no período da Cristandade, as consequências da implicação da vida nova do batismo, a implicação da morte para este mundo (compreendido mundo como a realidade do pecado), a esperança cristã da vida eterna fica em perigo. Diante deste contexto a morte não é mais “*dies natalis*”, mas puramente um ato mágico sem consequências concretas para a vida. Também é importante recordar que o Batismo é sacramento de realidade iniciática dentro da antropologia, isto é, acolhe na comunidade e cultura de um povo aquele que o recebe, para que assim possa também apontar para sua conclusão e caminho definitivo que é “nascer do alto” (cf. Jo 3, 3-15).

Assim como o Espírito é infundido nas narinas de Adão (cf. Gn 2, 7), assim também ocorre no Batismo pois o Espírito que é infundido pelo Sacramento possibilita uma nova

---

<sup>122</sup> RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS. Ritual Romano, pág 15.

<sup>123</sup> *STh* III p. 66 a.9.

criação, mas não só, essa criação renovada<sup>124</sup> é movida para a realidade que é chamada a viver em plenitude, isto é, contemplando a Deus e participando do seu amor. Portanto, o Sacramento do Batismo precisa ser visto como antecipação da eternidade ou antecipação do chamado de vida plena que passa inevitavelmente pelo mistério da morte. Eis que o Batismo apresenta o conceito de vida eterna implicado, pois a atualização do mistério pascal no Sacramento é sinal da morte e ressurreição do Senhor: morre para o pecado e nasce para a vida. Compreender a nova criação realizada no Batismo implica<sup>125</sup> uma nova configuração do ser humano, agora também a dar novo sentido para a morte, isto é, a vida eterna. A forma de encarar a morte é visualizada como Páscoa, passagem da morte para a vida.

### 3.3.2 A Esperança Cristã e a Eucaristia

A Eucaristia é o Sacramento da unidade, por excelência. Em torno da mesa do altar a Igreja toda se encontra: aqueles que estão no céu, aqueles que estão no tempo da purificação e aqueles que estão caminhando pelas estradas do mundo. No Sacramento da Eucaristia realiza-se a atualização do mistério pascal de Cristo, através do sacrifício eucarístico que é incruento, torna-se atual o mistério de cruz e ressurreição. O evangelho de João nos apresenta, ainda que em germe, o mistério da ressurreição no chamado *Discurso do Pão da Vida*, o capítulo seis: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue possui a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (cf. Jo 6, 58).

No contexto da esperança cristã a Eucaristia ganha nova intensidade, torna-se o *Viático*, o alimento para o caminho. O fiel a partir do momento em que vai perdendo suas forças físicas até o último suspiro de vida, juntamente da Eucaristia faz a experiência da dor e do conforto. A realidade do final da vida é inevitável, porém para o cristão é na realidade da finitude que se torna possível união mais radical ao mistério da dor e sacrifício da cruz, e do mesmo modo a experiência mais confortadora do Senhor ao fiel. O Ritual da Unção dos Enfermos apresenta, de acordo com a capacidade do fiel, o viático como último sacramento a ser recebido:

---

<sup>124</sup> Cf. TERTULIANO, *De Spectaculis*, XXIV, 2: CCL 1, 248; PL I, 656. Cf. *De Baptismo*, I,1: CCL I, 277; PL I, 1197-1200. Apud FERNÁNDEZ, 2002. Pág 415.

<sup>125</sup> Aqui cabe recordar os escrutínios realizados nas primeiras comunidades cristãs, para terem à certeza de que aquele que pedia o Batismo era digno de recebe-lo, isto é, tinha convicção de que o sacramento iria lhe ressignificar a vida.

Para atender mais facilmente aos casos particulares, em que os fiéis; por doença repentina ou qualquer outro motivo, se vejam de repente em perigo de morte, recorra-se ao Rito Contínuo, pelo qual o enfermo recebe sucessivamente os sacramentos da Penitência, da Unção e da Eucaristia sob forma de viático.

Porém, se há perigo de morte iminente e não houver tempo para ministrar todos os sacramentos do modo que foi estabelecido, dê-se primeiro ao doente a oportunidade de uma confissão sacramental, ainda que realizada genericamente em caso de necessidade; em seguida seja-lhe dado o viático, que todos os fiéis em perigo de morte têm a obrigação de receber. Finalmente, se ainda houver tempo, seja-lhe ministrada a sagrada unção.<sup>126</sup>

No viático há a confiança firme da presença real de Jesus. Aquele que se tanto buscou na terra conhecer, amar e anunciar, no momento de sua morte o fiel é convidado a caminhar com ele para a vida eterna. Deriva dessa realidade uma íntima união entre o mistério da Eucaristia e a morte: a Eucaristia no viático é sinal fundamental da participação no mistério celebrado, isto é, no sacrifício da missa. Se a celebração da missa é atualização da morte e ressurreição do Senhor, sua passagem para o Pai<sup>127</sup>, aquele que recebe o viático recebe o alimento para o seu encontro com o Pai.

Podemos concluir até o presente momento que a Eucaristia tem uma relação mais pessoal com o transeunte, e o conceito do juízo particular fica mais claro, contudo a Igreja é mistério de comunhão por excelência, da Eucaristia provém a oração pelos fiéis falecidos, isto é, aqueles que precisam ainda de uma purificação (os que estão no purgatório). As Orações Eucarísticas são um exemplo claro de Eucaristia e vida eterna, e sobretudo da importância de rezar pelos fiéis falecidos na missa. Tomaremos como exemplo a Oração Eucarística III, e o seu memento pelos defuntos:

Lembraí-vos do vosso filho (da vossa filha) N., que (hoje) chamastes deste mundo à vossa presença. Concedei-lhe que, tendo participado da morte de Cristo pelo batismo, participe igualmente da sua ressurreição, no dia em que ele ressuscitar os mortos, tornando o nosso pobre corpo semelhante ao seu corpo glorioso.

Acolhei com bondade no vosso reino os nossos irmãos e irmãs que partiram desta vida e todos os que morreram na vossa amizade. Unidos a eles, esperamos também nós saciar-nos eternamente da vossa glória, quando enxugardes toda lágrima dos nossos olhos. Então, contemplando-vos como sois, seremos para sempre semelhantes a vós e cantaremos sem cessar os vossos louvores, Por Cristo, Senhor nosso<sup>128</sup>.

---

<sup>126</sup> RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS E SUA ASSISTÊNCIA PASTORAL. Ritual Romano. Pág 19.

<sup>127</sup> Ibidem. Pág 18.

<sup>128</sup> MISSAL ROMANO. Oração Eucarística III.

Dentro da Oração Eucarística encontramos de maneira muito clara o princípio da vida e missão da Igreja, *lex orandi, lex credendi* (aquilo que rezamos é aquilo que cremos). Três pontos mostram esta unidade: a ressurreição do último dia (a parousia), o tempo de purificação (aguardam ser saciados para participar da glória de Deus), e por fim, a comunhão dos santos (que já estão na glória do céu). Na unidade entre Eucaristia e a morte vemos que o sacrifício da missa tem como fruto a comunhão de vida plena.

O Papa emérito, Bento XVI na exortação sobre a Eucaristia, *Sacramentum Caritatis* recorda a importância da oração da missa em sufrágio aos fiéis falecidos e sua intrínseca relação com a escatologia cristã:

A celebração eucarística, na qual anunciamos a morte do Senhor e proclamamos a sua ressurreição enquanto aguardamos a sua vinda gloriosa, é penhor da glória futura, quando mesmo os nossos corpos serão glorificados. Ao celebrarmos o memorial da nossa salvação, reforça-se em nós a esperança da ressurreição da carne juntamente com a possibilidade de encontrarmos de novo, face a face, aqueles que nos precederam com o sinal da fé. Nesta linha, queria, juntamente com os padres sinodais, lembrar a todos os fiéis a importância da oração de sufrágio, particularmente a celebração de Missas, pelos defuntos para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. Sempre que descobrimos de novo a dimensão escatológica presente na Eucaristia, celebrada e adorada, somos apoiados no nosso caminho e confortados na esperança da glória (*Rm 5, 2; Tt 2, 13*)<sup>129</sup>.

### 3.3.3. Esperança Cristã e os Sacramentos de Cura

A Reconciliação e a Unção dos Enfermos classicamente são chamados na comunidade eclesial de Sacramentos de Cura, pois tem por finalidade manifestar a salvação realizada por Cristo Jesus, sua missão de curar o ser humano que foi ferido pelo pecado e lhe oferecer vida em plenitude com o perdão dos pecados. O início da pregação do evangelho no relato de Marcos oferece esta marca da reconciliação e da cura: “O tempo se completou, convertei-vos e crede no Evangelho” (cf. Mc 1, 15).

Na ação litúrgica celebra-se todo o evento Jesus Cristo, isto é, a encarnação, nascimento, vida oculta, anúncio do Reino, paixão, morte, ressurreição, ascensão, pentecostes; porém como

---

<sup>129</sup> BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*, 32.

já dissemos em toda a liturgia da Igreja celebramos a centralidade do mistério, como nos recorda o documento conciliar sobre a Liturgia (SC 5):

Deus, que “quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 4), “tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas” (Hb 1, 1), quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médico da carne e do espírito, mediador entre Deus e os homens. A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação. Por isso, em Cristo “se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino”.

Esta obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus, prefigurada pelas suas grandes obras no povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão, em que “morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida”. Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja.

A compreensão do processo de conversão na vida do discípulo de Jesus é de suma importância, ainda mais que os sacramentos foram com o passar dos anos sendo enriquecidos pelas práticas pastorais e uma melhor compreensão de sua abrangência. Diante da realidade dos dois sacramentos precisamos recordar a finalidade sem esquecer o modo como ocorrem, que são diversos:

O sacramento da penitência concede o perdão de Deus mediante o sinal da conversão e da reconciliação do cristão pecador na Igreja. O sacramento da unção dos enfermos, segundo a primeira das tendências teológicas mencionadas, concede o perdão mediante o sinal da inserção definitiva e eficaz no evento da Páscoa de Cristo. Na penitência a conversão do penitente, manifestada de modo eclesial, é parte do próprio rito da conversão e reconciliação; o que não acontece na unção dos enfermos, embora também ela exija a conversão do pecador. Esta conversão se manifesta na aceitação ativa da situação definitiva de morte como união eclesial e sacramental com a aceitação da morte por parte de Cristo qual sinal de obediência e de amor ao Pai e aos irmãos<sup>130</sup>.

O processo de reconciliação é um caminho fundamental na comunidade eclesial, pois remete ao povo da antiga Aliança, o povo eleito que precisou fazer penitência e mudar de vida. Com isso, compreendemos que a Reconciliação (confissão) é sacramento de compromisso de

---

<sup>130</sup> RAMOS-REGIDOR, José. Teologia do Sacramento da Penitência. Tradução Roque Frangiotti São Paulo. Paulus, 1989. Pág 345.

mudança pessoal de vida, que em virtude do Corpo Místico afeta a todos seja nas graças ocasionadas pela conversão, seja nas dores da não abertura para a mesma. Ao passo que a Unção dos Enfermos é o sacramento que perdoa (quando quem o recebe se encontra em coma, por exemplo) e consola.

Diante da Reconciliação o penitente é convidado a de fato morrer para o pecado e ressurgir para uma vida nova, portanto esta vida nova operada pela confissão é antecipação de eternidade e possibilita esperança de salvação. Quanto a Unção dos Enfermos e a sua relação com o conceito de esperança, esta nasce do encontro e da força de unir-se ao sacrifício redentor. A santa unção perdoa pecados nas situações em que a adversidade de saúde não oportuniza a acusação dos erros (estados de coma, a falta de consciência ou vegetativos), contudo une o enfermo ao mistério de esperança:

Este sacramento confere ao enfermo a graça do Espírito Santo, que contribui para o bem do homem todo, reanimando pela confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do maligno e as aflições da morte, de modo que possa não somente suportar, mas combater o mal, e conseguir, se for conveniente à sua salvação espiritual, a própria cura. Este sacramento proporciona também, em caso de necessidade, o perdão dos pecados e a consumação da penitência cristã.

Na sagrada Unção, unida à oração da fé (cf. Tg 5, 15), esta fé se exprime, e por isso deve ser despertada tanto no ministro do sacramento como sobretudo naquele que o recebe; o doente, com efeito, será salvo pela sua fé e pela fé da Igreja, que contemplam a morte e a ressurreição do Cristo, de onde provém a eficácia do sacramento, ao mesmo tempo que se voltam para o reino que há de vir, cujo penhor é dado pelos sacramentos<sup>131</sup>.

Por fim, nos dois Sacramentos de Cura a implicação de conversão e acolhida das dores está abarcada. A esperança de que o Cristo, justo Juiz perdoará os pecados cometidos, sem esquecer da necessidade de configuração da vida do cristão com sua realidade na dor. Na oportunidade de viver a dor da doença ou da conclusão da vida na velhice, o fiel se une intimamente ao mistério pascal, se une a cruz e ressurreição. Tanto mais o fiel é chamado a reconhecer suas faltas, arrepender-se, confessar e ser consolado pela Unção, mais a esperança cristã é atualizada. Como conclusão desta pequena seção sobre os Sacramentos, recordamos aqui uma possível oração diante da morte eminente do fiel cristão, depois de ter recebido os Sacramentos (Reconciliação, Unção e o Viático):

---

<sup>131</sup> RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS E SUA ASSISTÊNCIA PASTORAL. Ritual Romano. Págs 14-15.



Irmão caríssimo, eu te recomendo a Deus todo-poderoso e te confio àquele que te criou, para que possas voltar ao Criador, que te formou do limo da terra. Ao saíres, portanto, desta vida, venham ao teu encontro a Virgem Maria, os anjos e todos os santos. O Cristo, por ti crucificado, te conceda a liberdade; conceda-te a liberdade o Cristo que consentiu morrer por ti. O Cristo, filho do Deus vivo, te receba em seu paraíso e, verdadeiro Pastor, te reconheça como sua ovelha. Absolva-te de todos os teus pecados e te estabeleça entre os seus eleitos. Possa contemplar o teu redentor face a face e gozar da visão de Deus pelos séculos dos séculos. Amém<sup>132</sup>.

### 3.4. A Esperança Cristã a Partir do Ritual de Exéquias

A Igreja enquanto mistério de comunhão se une intensamente aos que sofrem, oferece os Sacramentos, e se une a dor causada pela morte a família e aos amigos. Anuncia através deste momento derradeiro na vida da comunidade humana o *Evangelho da Esperança*, que brota do mistério da cruz e ressurreição do Senhor, através do ritual sacramental das Exéquias. Desde o início da fé cristã a certeza da ressurreição era celebrada por ocasião da morte. Nos primeiros tempos do cristianismo pouco se sabe de um rito próprio aos cristãos falecidos, o que se tem é um relato de Arístedes que demonstra a alegria da comunidade com aquele que parte para o encontro com o Senhor: “Se um justo entre eles (os cristãos) passa deste mundo, se alegram e dão graças a Deus e acompanham o cadáver, como se fosse um imigrante que vai de um lugar a outro”<sup>133</sup>.

Historicamente o primeiro ritual conhecido é do século VII, era um rito para o moribundo (enquanto a pessoa vivia sua agonia e seus últimos minutos de vida era celebrada a esperança para ele), sua estrutura fundamental consistia: no relato da Paixão do Senhor, para que o fiel associasse sua dor a de Jesus; depois lhe era oferecido o viático; dada a constatação da morte realizava-se preces para que fosse acolhido por Deus na eternidade, tomando por base o Salmo 113. Os primeiros cristãos tinham a clareza de que a morte era momento de encontro da “Terra Prometida”, o destino final para a felicidade eterna. A celebração era marcada pela certeza da paz na certeza da ressurreição, a promessa do Senhor não era enganosa. Porém desta serenidade centrada no mistério pascal, vai dando lugar a uma celebração menos pascal, menos centrada na certeza da esperança cristã.

---

<sup>132</sup> RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS E SUA ASSISTÊNCIA PASTORAL. Ritual Romano. Pág 88.

<sup>133</sup> “Si un justo entre ellos (los cristianos) pasa de este mundo, se alegran y dan gracias a Dios y acompañan el cadáver, como si emigrase de un lugar a outro”. Cfr. RUIZ BUENO, Padres Apologistas Griegos, BAC, Madrid 1954, p. 145. Apud FARNÉS, Pere. La Escatología En El Ritual de Exequias de Pablo VI. In: Escatología y vida cristiana : XXII Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2002, pp. 437-449.

Nos séculos XII e XIII a serenidade oferecida pelos ritos de exéquias, garantida sobretudo pelo conceito de esperança cristã claro, vai dando lugar aos conceitos mais tristes e menos esperançosos (o medo, a dor, a penitência). Os motivos pelos quais isso acontece são os mais diversos, porém um motivo que fica claro é o distanciamento do conteúdo teológico como História da Salvação, e o apoio mais centrado na filosofia<sup>134</sup>. Neste período a questão do pecado é mais importante que a própria graça, isto é, se dá maior importância aos pecados do falecido do que o sentido salvífico realizado pela ressurreição de Jesus.

De uma visão que somente suplica o perdão das faltas, sem com isso esquecer do conteúdo escatológico que se construiu ao longo dos séculos, a reforma conciliar no Vaticano II retoma a necessidade do caráter pascal para a celebração das exéquias<sup>135</sup>. As características pascais são três: “A Igreja contempla a morte como participação no mistério pascal de Jesus Cristo, porém este mistério possui três facetas: os sofrimentos da cruz, a paz da sepultura e a vitória da ressurreição”<sup>136</sup>. Desta afirmação de Farnés encontramos uma celebração verdadeiramente pascal sem esquecer as consequências antropológicas causada pela morte. O conteúdo da esperança cristã fica claro aos fiéis: a morte causada pelo pecado, foi assumida e redimida por Jesus, logo ele trilhou o caminho da dor; não obstante Jesus também foi colocado no sepulcro para descansar, em algum sentido o cemitério é lugar de paz, pois passados os dias da dor, o cadáver vai sofrendo com a sua decomposição e a alma espera a ressurreição do último dia; por fim, assim como Cristo ressuscitou, assim a comunidade cristã espera com Ele ressuscitar no último dia. Esta retomada do caráter pascal das exéquias desenvolve em toda a comunidade de fé a integralidade salvífica, onde apesar do pecado a vitória é do senhorio de Cristo Jesus; sem com isso acabar com a liberdade humana que age por vezes abraçando o pecado, e, assim assumindo suas consequências não só na vida terrestre, mas na vida eterna. Fica mais claro quando tomamos a introdução do Ritual de Exéquias:

A Igreja celebra com profunda esperança o mistério pascal de Cristo nas exéquias de seus filhos, para que eles, incorporados pelo Batismo a Cristo morto e ressuscitado, passem com ele da morte à vida. Suas almas devem ser purificadas para serem recebidas no céu entre os santos eleitos; seus corpos esperam a feliz vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos.

---

<sup>134</sup> Cf. FARNÉS, Pere. La Escatologia En El Ritual de Exequias de Pablo VI. Pág 441. Apud: Escatología y vida cristiana : XXII Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2002.

<sup>135</sup> “As exéquias devem exprimir melhor o sentido pascal da morte cristã.” Cf. SC 81.

<sup>136</sup> “La Iglesia contempla la muerte como participación em el misterio pascual de Jesucristo, pero este misterio tiene tres facetas: los sufrimientos de la cruz, la paz de la sepultura y la victoria de la resurrección”. Cf. FARNÉS, Pere. La Escatologia En El Ritual de Exequias de Pablo VI. Pág 442.

Por isso a santa Mãe Igreja oferece o sacrifício eucarístico da Páscoa de Cristo e eleva a Deus suas orações e sufrágios pela salvação de seus mortos, para que, pela comunhão existente entre os membros de Cristo, o que para um serve de sufrágio, a outros sirva de consolo e esperança.<sup>137</sup>

Podemos perceber uma preocupação não só doutrinal com o Rito das Exéquias, mas as consequências práticas na liturgia exequial, na qual os símbolos pascais são valorizados, por exemplo, o Círio Pascal, a Bíblia (ou o Evangelho), a Cruz, as vestes dos ministros ordenados na cor que possa lembrar esta realidade de dor e penitência<sup>138</sup>; também novos formulários, para situações mais difíceis (como falecimento de crianças), foram introduzidos no ritual. No Brasil, além do Ritual de Exéquias (que retoma a centralidade do mistério pascal) foram feitos dois subsídios, *Nossa Páscoa*<sup>139</sup> e *Celebrando por Ocasão da Morte*<sup>140</sup>, frutos de uma preocupação maior com a enculturação da liturgia e do serviço realizado em muitas dioceses pela Pastoral da Esperança.

### **3.5. Esperança Cristã Fonte de Acolhida e Evangelização**

Como podemos ver até aqui o momento da morte é crucial para a vida das pessoas, sejam elas crentes ou não. Para muitas pessoas o momento das exéquias, o enterro, a missa em sufrágio do falecido, talvez seja uma das poucas oportunidades que tem na sua vida cotidiana para pensar sobre a fé e a vida eterna. Também aos cristãos católicos estes momentos são importantes, pois como nos recorda o Papa Francisco “vivemos uma crise do compromisso comunitário” (cf. EG 52-109), o que faz a Igreja ter muitos adeptos (cf. Comunidade de Comunidades uma Nova Paróquia, CNBB 100), e poucos batizados comprometidos com o anúncio de Jesus Cristo; tudo isso nos leva a refletir sobre estes momentos de esperança:

Para muitos católicos as exéquias são as poucas vezes que entram em contato com a liturgia da Igreja. Os ministros devem prepará-las e celebrá-las com muito zelo, pois, por meio delas, os filhos pródigos poderão sentir-se chamados a voltar à casa paterna.

---

<sup>137</sup> RITUAL DE EXÉQUIAS. Ritual Romano, 1970. Pág 9.

<sup>138</sup> Cf. RITUAL DE EXÉQUIAS. Ritual Romano, 1970. Pág 24.

<sup>139</sup> NOSSA PÁSCOA. Subsídios Para a Celebração da Esperança. São Paulo. Paulus, 2003.

<sup>140</sup> CARPANEDO, Penha. Celebrando por Ocasão da Morte: subsídio para velório, última encomendação e sepultamento. São Paulo. Paulinas, 2011.

Sintonizar com a dor dos presentes, parentes e amigos deve ser o primeiro cuidado a se ter em conta.<sup>141</sup>

Desta necessidade no momento da dor surge a oportunidade do anúncio do Evangelho. Na última assembleia dos Bispos do Brasil, em Aparecida foram aprovadas as novas diretrizes para a evangelização (DGAE 2019-2023), que apresenta a Igreja como uma *Casa*. Nesta habitação possui quatro pilares fundamentais: pilar da Palavra, pilar do Pão, pilar da Caridade e pilar da Ação Missionária. A ideia da casa é baseada nos tantos momentos em que Jesus foi à casa de seus discípulos para ali realizar um encontro transformador<sup>142</sup>. Da mesma forma Jesus não ficava estático, mas sua missão era dinâmica pois andava de cidade em cidade pregando o evangelho. Os enlutados, em sua grande maioria, precisam encontrar uma comunidade cheia de ternura, pois diante da frágil situação causada pela morte e pela falta de aprofundamento da fé, a esperança cristã não lhes é (ou não foi) apresentada. As diretrizes apontam para essa comunidade que acolhe:

Necessitamos, portanto, de comunidades que ajudem na abertura para o outro, que superem a superficialidade de relações mecanicistas, fundadas no fazer as coisas. O fazer terá sustentabilidade na afeição, no bem-querer, no desejo de estar juntos e de partilhar a vida, inspirando-nos na vivência fraterna e solidária das primeiras comunidades. (DGAE 136)

Ações práticas que transformem a vida da Igreja e acolha os enlutados se fazem necessárias. Uma casa que acolha a pessoa que perdeu um parente ou um amigo necessita ser acolhida, escutada, para assim lhe ser anunciado o *Evangelho da Esperança*. Para que isso aconteça se faz necessário um itinerário que encaminhe a comunidade de fé para uma visão ampla da esperança cristã:

- a) comunidades que tenham formação adequada sobre a esperança cristã (fundamentos da escatologia);
- b) comunidades que se preparem para ouvir e conversar (conhecimentos básicos de psicologia);

---

<sup>141</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, DOC 100, Comunidade de Comunidades uma nova Paróquia, 2014.

<sup>142</sup> Cf. DIRETRIZES GERAIS PARA AÇÃO EVANGELIZADORA, CNBB, 2019-2023, n° 73.

- c) ações pastorais concretas: acolhida aos enlutados, grupos de partilha sobre a morte, celebrações eucarísticas que apontem para o mistério pascal, sem esquecer uma antropologia cristã.

### *3.5.1. Formação Para Uma Verdadeira Esperança Cristã*

Como já foi referido neste trabalho, não vivemos mais o período da Cristandade onde toda “urbe” sabia os dogmas de fé e vivia sobre a égide do Papa. Precisamos formar leigos e leigas, ministros ordenados para esperança cristã. Diante da prática pastoral das exéquias muitos os relatos podem ser encontrados, críticas ao mal procedimento do ministro (seja ordenado ou não), críticas a pregação que é realizada, etc.

No horizonte da esperança cristã não é possível partir do discurso de opiniões pessoais nem tão pouco discursos relativistas, porém isso só ocorre quando há investimento de tempo e demais recursos para uma visão integradora diante do homem e o mistério da morte. A catequese é o lugar inicial para uma visão a partir do mistério pascal, a centralidade da catequese renovada, tem sua base aí. Portanto, sendo constituído um caminho catecumenal, que se orienta pela centralidade no mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor, há uma trilha de mudança significativa. Ainda assim, formações e incrementos para os agentes da pastoral da esperança são importantes, pois os agentes não se dirigem ao morto, mas se dirigem aqueles que fragilizados na dor, necessitam ser recordados do mistério de esperança.

Não se pode olhar o conteúdo reduzido há visão da teologia sistemática e a escatologia, é mister recordar quem é o homem. Como vimos o luto pode ter diversos tipos de duração, pode ser imediato ou não; os agentes que trabalharem com os enlutados precisam de noções básicas de psicologia para ajudar os enlutados, pois recorda Worden: “historicamente, o luto vem sendo facilitado por família, organizações religiosas, rituais fúnebres e outros costumes sociais”<sup>143</sup>. Nesta sugestão de investimento para formação psicológica dos agentes é possível potencializar o anúncio evangélico. O objetivo final é auxiliar o enlutado na adaptação da perda do seu familiar ou amigo, e assim ressignificar sua história, tendo como objetivos específicos os seguintes:

---

<sup>143</sup> WORDEN, James William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Tradução Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo. Pág. 55.

(1) Reforçar a realidade da perda; (2) ajudar o indivíduo a lidar tanto com o sofrimento emocional, quanto relativo aos comportamentos; (3) auxiliar na superação dos vastos impedimentos aos reajustes pós-perda; (4) ajudar o indivíduo a encontrar um meio de manter vínculo com o morto, ao mesmo tempo sentindo-se confortável em reinvestir na vida<sup>144</sup>.

Quanto ao último vínculo (a manutenção de algum tipo de relação com a pessoa falecida) é possível encontrar na doutrina da Comunhão dos Santos, na importância das orações em sufrágios dos falecidos, e mesmo no tratado das indulgências, um itinerário importante para ajudar as pessoas enlutadas. A formação integral dos agentes de pastoral, que irão atuar na Pastoral da Esperança, só tende a reforçar no auxílio da evangelização e seguimento a Cristo Jesus.

### *3.5.2. Esperança Cristã na Realidade da Comunidade de Comunidades*

Por fim, queremos retomar a necessidade de todos os fiéis refletirem a importância de uma comunidade que acolha a todos os que sofrem, em especial os enlutados:

Desenvolver grupos de apoio às vítimas da violência, nas suas mais variadas formas, de modo especial as agredidas pela dependência química, as que perderam entes queridos em razão da violência ostensiva e as que se veem tentadas a retirar a própria vida e a de inocentes que estão por nascer, bem como todos os atentados contra a vida (DGAE 178).

Os enlutados de hoje, em sua grande maioria, não são mais os católicos da *Ação Católica*, homens e mulheres com densa formação doutrinal e espiritual; também são aqueles batizados que estão nas comunidades cristãs mas não tiveram uma formação mínima sólida; são ainda homens e mulheres que nem cristãos são, mas que veem com bons olhos a prática de “um padre ir no enterro” e “rezar a missa de sétimo dia”. Estes e tantos outros são homens e mulheres

---

<sup>144</sup> WORDEN, James William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Tradução Adriana Zilberman, Letícia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo. Pág. 56.

que de alguma forma se encontram fragilizados pela dor da perda, e que precisam ser ouvidos e assim tem a oportunidade de ouvir o *Evangelho da Esperança*.

As práticas das Exéquias nos cemitérios, a celebração da missa em sufrágio do fiel, são momentos claros em que a Igreja necessita voltar-se ao mistério de seu Senhor Crucificado-Ressuscitado e testemunhar aquilo que espera, a vida eterna. Nestas duas práticas concretas das comunidades eclesiais, caberia uma maior proximidade da dor do outro, a empatia em direção a dor do outro. Contudo, uma Casa de Acolhida pode ter momentos de escuta da dor e da perda.

Dentro da história da Arquidiocese de Porto Alegre, ano de 2018, por iniciativa do Bispo Auxiliar Dom Leomar Brustolin, foi iniciado um projeto que ajudasse na melhor formação dos agentes da Pastoral da Esperança: o plano partia de encontros mensais que falassem sobre o tratado da Escatologia, questões psicológicas e por fim, questões litúrgicas. Também cemitérios e funerárias foram convidados a dialogar sobre este momento que é importante para a vida das pessoas. Além disso, materiais foram subsidiados para que as paróquias pudessem manifestar nas missas em sufrágios dos falecidos, sua presença neste momento de ressignificação.

Na capital, Porto Alegre, há mais de cem anos grupos de fiéis leigos conduzem dois cemitérios com base católica (mas não só, hoje abertos a todos que ali quiserem sepultar): A Irmandade do Arcanjo São Miguel (ISMA) e a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia (ISCM), estas duas associações de fiéis nasceram para sepultar os fiéis da cidade de Porto Alegre, mas sobretudo sepultar os indigentes.

Todas estas práticas são fundamentais, mas precisamos construir pontes de escuta dos enlutados. Nestes últimos anos um grupo de fiéis leigos tem ajudado nesta missão de ouvir os enlutados e lhes propor o *Evangelho da Esperança*, fazem parta das comunidades novas, Nos Passos do Mestre<sup>145</sup>. Famílias e amigos sofrem com a perda das pessoas. O Evangelho associado a empatia, transformam vidas, mas acima de tudo dão sentido de viver, esperança na vida cotidiana que aponta para a vida eterna.

---

<sup>145</sup> O projeto da escuta dos enlutados está disponível em: <https://pt-br.facebook.com/casadeescuta>

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa tinha a seguinte pergunta: “como ajudar os enlutados a encontrar meios de anunciar-lhes a salvação?” Diante da prática pastoral, muitas vezes e em vários momentos nos encontramos diante da dor sejam de pessoas da comunidade de fé sejam de pessoas que buscam a Igreja para encontrar alguma resposta. Para tanto esta pesquisa buscou analisar três pontos: a morte sobre vários aspectos antropológicos; a resposta cristã a morte que é a Ressurreição da Carne, com todas as suas implicações na pessoa e no Universo (fazendo memória aqui: o juízo particular e o juízo universal); e por fim, a apresentação de pontos seja do conjunto da doutrina cristã, da liturgia, até a prática pastoral, como respostas que podem elucidar um auxílio melhor aos enlutados.

O tema da escatologia não se esgota neste trabalho, pelo contrário o grande e importante debate teológico dos últimos anos na área não foram abarcados neste trabalho. O que nos demonstra as grandes discussões latentes neste campo de estudo e sobretudo uma teologia viva que dialoga com o mundo. Em algum grau os problemas de conceituar pessoa, alma, corpo, espírito, sempre retomam na história humana, porém o que acredito que devemos ter um cuidado maior, é esquecermos nossas sólidas bases filosófico-teológicas que nos permitem dialogar e evangelizar.

Também dentro do campo prático da realidade da morte, isto é, o exercício de sepultar os mortos e todos os seus encaminhamentos concretos, é possível encontrar uma exclusão do sentimento de perda e um esquecimento da visão religiosa. Os serviços funerários apresentam uma gama de possibilidades aos familiares para de alguma forma os consolar, contudo o



momento do velório e do enterro pode cair em um paliativo a dor, que como foi visto podem gerar problemas futuros de baixa ou maior complexidade. Parece que uma construção da dor, da fragilidade não cabe mais em nosso tempo, e isto não fragiliza só quem perde um ente querido, mas potencializa uma sociedade toda a viver uma real frieza de sentimentos, influenciando assim no modo de pensar.

Há que se recordar também que o culto cristão aos mortos em seus diferentes momentos históricos teve suas proximidades e distanciamentos, seja em uma demonstração única da ressurreição, seja pelo juízo humano que se fazia de quem havia falecido. Em nosso tempo não é diferente esta cultura laxista ou rigorista acerca das questões sobre a ressurreição, pois as duas se esquecem, se afastam da centralidade do Mistério Pascal.

Ao resgatar no último capítulo a fé na Comunhão dos Santos, tentamos buscar uma vida de comunhão entre os falecidos e os vivos, sem esquecer é claro da possibilidade do inferno. Neste sentido encontramos na *Communio Sanctorum*, uma via que pudesse apontar para a esperança da vida eterna, e, portanto, consolar nossos irmãos e irmãs com uma visão de que a oração daqueles que estão na terra e daqueles que estão no céu, é intercessão em busca de vida eterna para aqueles que estão no purgatório. Ao encontrar ações concretas na vida pastoral da Igreja, nos questionamos: qual o sentido de nossa oração, de nosso esforço em buscar a santidade, pelos fiéis falecidos? E a resposta é a vida feliz, isto é a vida eterna. Rezar pelos fiéis falecidos me faz solidário duas vezes: em primeiro lugar com aquele que faleceu, e em segundo lugar com a família e amigos que sentem a dor da ausência. Portanto, a solidez da fé na ressurreição e a busca pelo desejo de Cristo Jesus de que “todos sejam um” (cf. Jo 17, 21), mesmo em situações limites, que em alguns momentos como de grande tristeza e ódio, faz como que se encontre o consolo da esperança cristã.

Este trabalho versou em encontrar formas de apoio que a Tradição da Igreja nos apresenta a longo dos séculos (a oração em sufrágio dos fiéis falecidos e o valor da missa; as indulgências, os Ritos de Exéquias). Sem esquecer que nosso tempo marcado cada vez mais por uma visão antropológica que foge de sua vocação fundamental, ocasionada pela violência, falta de empatia, por uma visão do homem utilitarista, necessita ser entendido. E a Igreja estando no mundo precisa compreender para quem é que Ela precisa falar.

Que de alguma forma possamos ter ajudado com nossa pesquisa à uma mudança pastoral em que compreende os enlutados, homens e mulheres necessitados de acolhida, e pessoa que ao partilharem sua dor, também estão abertos ao testemunho de vida e de fé dos discípulos de Jesus. Por fim, recordamos a frase de São Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, na qual ele muda a perspectiva do olhar de todos os batizados, mas em especial dos pastores para o mundo: “O

homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas". Em suma, o desejo deste trabalho é sermos testemunhas da esperança, como discípulos do Crucificado-Ressuscitado no presente da história, olhando para nossa meta final que é a vida eterna junto de Deus; que virá para nos dar "novos céus e nova terra" (cf. Ap 21, 1).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Livro XI.
- ANCONA, Giovanni. *Escatologia cristã*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo. Edições Loyola, 2013.
- BALTHASAR. Hans Urs Von. *Sperere per tutti*. Milano: Jaca Book, 1989.
- BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. *Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental*. Revista brasileira terapia cognitiva, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-43, jun. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Consultado dia 11/11/2020, às 17h10.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Zahar, 2001. Rio de Janeiro.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOISMARD, Marie-Émile. *¿Es necesario aún hablar de 'resurrección'?* Los datos bíblicos. Bilbao. Editorial Desclée de Brouwer, S.A., 1996.
- BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para Viver – Liturgia e Sacramentos da Igreja*. Tradução: Francisco Gomes Figueiredo de Moraes. São Paulo. Edições Loyola, 2009.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo Vem: ...a parusia na escatologia cristã*. São Paulo. Paulus, 2001.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Esperar a Salvação: a escatologia de Hans Urs von Balthasar*. São Paulo. Paulus 2019.
- CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: CNBB, 2013.
- COLLINS, John J. In: R. BROWN, J. FITZMYER e R. MURPHY. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Tradução Celso Eronides Fernandes. São Paulo. Ed. Academia Cristã LTDA; Paulus, 2007.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Algumas questões atuais de escatologia*. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_1990\\_problem-i-attuali-escatologia\\_sp.html#\\_ftnref1](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1990_problem-i-attuali-escatologia_sp.html#_ftnref1). Acesso em: 04/01/2021.
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Gaudium et Spes*. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html).
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>.
- CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Sacrosanctum Concilium*. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)

COSTA, Alice Moreira da; PACHECO, Maria Luiza Leal; PERRONE, Cláudia Maria. *Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre da Boate Kiss*. Rev. Subj., Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 155-165, abr. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692016000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100013&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 09 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.155-165>.

COSTA, Alice Moreira da; PACHECO, Maria Luiza Leal; PERRONE, Cláudia Maria. *Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre da Boate Kiss*. Rev. Subj., Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 155-165, abr. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692016000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100013&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 09 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.155-165>.

COSTA, Ana Paula Reis da. *A Reconstrução da Fé no enfrentamento do Luto: Teologia e Psicologia em Diálogo*. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. São Paulo: Paulinas, Loyola; 2007. Tradução de Peter Hünermann.

FERNÁNDEZ, Aurélio. *Teologia Sistemática II*. Madrid. BAC, 2002. Pág 753.

FITZMYER, Joseph A. In: R. BROWN, J. FITZMYER e R. MURPHY. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. Tradução Celso Eronides Fernandes. Santo André (SP). Ed. Academia Cristã LTDA; Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido – Um Psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc*. Petrópolis: Vozes. 2013.

HACKMANN, Geraldo L. B. *Jesus Cristo, nosso Redentor. Iniciação à cristologia como soteriologia*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997. 2ª Ed.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo. Editora Nova Cultural LTDA, 1993.

HUNZIKER, Maria Helena Leite. *Comportamento de dor: análise funcional e alguns dados experimentais*. Temas em Psicologia, vol. 18, nº 2. Ribeirão Preto, 2010.

JERUSALÉM, São Cirilo de. *Catequeses Mistagógicas*. Ed. Vozes, 2004, pág. 49.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Salvifici Doloris: O Sentido Cristão do Sofrimento Humano*. São Paulo. Edições Paulinas, 1988.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica*. Ed. Unisinos. 2012. Pág 152.

KOVACS, Maria Julia. *Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer*. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 457-468, Dec. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2008000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso dia 11/11/2020, às 22h27.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo, 1992. São Paulo.

LEÃO XIII. *Mirae Caritatis*. Vaticano: 1902. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_28051902\\_mirae-caritatis.html](http://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_28051902_mirae-caritatis.html). Acesso em: 09 de junho de 2018.

LIGÓRIO, Afonso Maria de. *Preparação para a morte: considerações sobre as verdades eternas* (c. VI, 2). Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2018.

MCKENZIE, John L. Xeol. *Dicionário bíblico*. São Paulo Paulus, 1983.

MISSAL Romano. Restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e Promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa da 2. ed. típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acrésc. aprov. pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulinas, Loyola; 1995.

MIGNE, J. P. *Patrologiae cursus completus, seu Bibliotheca universalis, integra, uniformis, commoda, oeconomica omnium s. s. patrum, doctorum, scriptorumque ecclesiasticorum sive datinorum, sive graecorum qui ab aevo apostolico ad aetatem Innocenti III (ann. 1216) pro Latinis et ad Photii tempora (ann. 863) pro Graecis floruerunt.. : Series graeca in qua prodeunt patres, doctores scriptoresque Ecclesiae graecae a S. Barnaba ad Photium*. Parisi: Apud J.-P. Migne, 1857-1889.

PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué. São Paulo. Paulus, 1995.

PADRES APOSTÓLICOS. Policarpo de Esmirna. Ed. Paulus, 1994.

PAPA FRANCISCO, *Mensagem para o XXVIII Dia Mundial do Doente*. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco\\_20200103\\_giornata-malato.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20200103_giornata-malato.html). Acesso: 1º de junho de 2020.

PAPA FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* - Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Brasília. Edições CNBB, 2015.

PAPA PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19680630\\_cred.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19680630_cred.html). Acesso em: 02 de dezembro de 2020

PAPA PIO XII, *Munificentissimus Deus*. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost\\_constitutions/documents/hf\\_p-xii\\_apc\\_19501101\\_munificentissimus-deus.html](http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html).

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

PASA, Fabiane Maria Lorandi. *“Eles Partiram Cedo”*: Morte, Luto e Resiliência diante da fé cristã. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

PAZIN-FILHO, Antonio. *Morte: Considerações para a prática médica*. Medicina (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto. 2005; 38(1): 20-25. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Antonio\\_Pazin-Filho/publication/242120841\\_MORTE\\_CONSIDERACOES\\_PARA\\_A\\_PRATICA\\_MEDICA/links/55cfc19e08aee19936fd9986/MORTE-CONSIDERACOES-PARA-A-PRATICA-MEDICA.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Pazin-Filho/publication/242120841_MORTE_CONSIDERACOES_PARA_A_PRATICA_MEDICA/links/55cfc19e08aee19936fd9986/MORTE-CONSIDERACOES-PARA-A-PRATICA-MEDICA.pdf) Consultada dia: 14/10/2020

PICARELLI, Cristiane; HUBNER, Carlos e RODRIGUES, Cibele. *Prevenção de suicídio: modificando percepção e conhecimento de estudantes de medicina*. *Psic., Saúde & Doenças*. 2020, vol.21, n.2, pp.446-455. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210219>.

PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Coleção Os Pensadores. EDITORA, LOCAL, ANO.

RATZINGER, Joseph. *Escatologia: Morte e Vida Eterna*. Tradução de Rubens Enderle. Ed. Molakai, 2019. São Paulo.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. Tradução: Bruno Bastos Lins. Ed. Planeta do Brasil. São Paulo, 2011.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Ritual Romano, pág 18.

RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS. Ritual Romano, pág 15.

SALES, Francisco de. *Introdução à vida devota*. Rio de Janeiro: Vozes, 1958.

SANTA TERESA DE JESUS. Obras Completas. Moradas 6; 11; 3. EDITORA, LOCAL, Pág. 562.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. Obras completas. EDITORA, LOCAL. P. 548-549.

SANTO HIPÓLITO. Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. Liturgia e Catequese em Roma no século III. Ed. Vozes. 2004.

SANTOS, Eduardo da Silva. *A ressurreição da carne: estudo comparativo entre a posição de teólogos contemporâneos e a posição tradicional da Igreja sobre o momento da ressurreição da carne*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1997.

SUSIN, Luiz Carlos. *O tempo e a eternidade: a escatologia da criação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1996.

WORDEN, James William. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Tradução Adriana Zilberman, Letícia Bertuzzi, Susie Smidt. Roca, 2013. São Paulo.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)